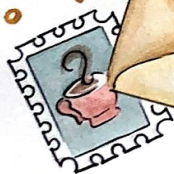
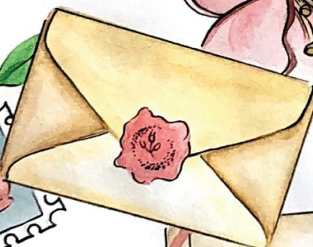


Cartas às nossas crianças:



memórias
para um futuro pós-pandemia

Ana Guimarães Corrêa Ramos Muniz
Cristiana Callai
Fernanda Fochi Nogueira Insfran

**CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS:
MEMÓRIAS PARA UM FUTURO
PÓS-PANDEMIA**

**Ana Guimarães Correa Ramos Muniz
Cristiana Callai
Fernanda Fochi Nogueira Insfran
(Organizadoras)**

**CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS:
MEMÓRIAS PARA UM FUTURO
PÓS-PANDEMIA**



Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Ana Guimarães Correa Ramos Muniz; Cristiana Callai; Fernanda Fochi Nogueira Insfran [Orgs.]

Cartas às nossas crianças: memórias para um futuro pós-pandemia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 168p.

**ISBN: 978-65-5869-029-0 [Impresso]
978-65-5869-030-6 Digital]**

1. Cartas. 2. Futuro pós pandemia. 3. Experiência de vida. 4. Memórias da quarentena. I. Título.

CDD – 370

Capa: Amanda Domecioli Abreu e Petricor Design

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 - São Carlos – SP
2020

SUMÁRIO

CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS COMPARTILHADAS <i>Ana Muniz, Cristiana Callai, Fernanda Insfran</i>	9
MEMÓRIAS PARA UM FUTURO PÓS PANDEMIA: CARTA-APRESENTAÇÃO AO JOÃO MARCELO <i>Fernanda Insfran</i>	11
CARTA À ISIS <i>Cristiana Callai</i>	14
CARTA PARA MATTEO <i>Ana Guimarães Correa Ramos Muniz</i>	18
CARTA AO MEU FILHO HEITOR <i>Leonardo Muniz</i>	23
CARTA PARA TEODORO <i>Saulo Amorim</i>	27
CARTA AO FILHO <i>Bruna Brandão Velasques</i>	33
CARTA À FILHA SOBRE O LIVRO “O MONSTRO INVISÍVEL” <i>Liara Castro</i>	37
CARTA PARA OS MEUS FILHOS LEREM NO PÓS PANDEMIA <i>Albert Fochi Nogueira Insfran</i>	41

CARTA PARA SELTON	46
<i>Tâmara Marques</i>	
CARTA PARA MEUS SOBRINHOS – RELATOS PARA A POSTERIDADE	51
<i>Erlza Faria</i>	
CARTA A MIS HIJOS	56
<i>Ivana da Silva Millán de Castro</i>	
PARA ANTÔNIO, COM AMOR!	60
<i>Monica Francisco</i>	
CARTA PARA ARIEL	62
<i>Zoia Ribeiro Prestes</i>	
CARTA PARA OS NETINHOS	65
<i>Liana Fochi</i>	
ARMA INDESTRUTÍVEL	66
<i>Aline Valente</i>	
SOBRE QUAREN...TENAS E VIAGENS À VÊNUS	70
<i>Juliana Crespo Lopes e Denise Barbosa Vasconcelos</i>	
CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS: MEMÓRIAS DA MAMÃE PARA O THOMAZ	75
<i>Emilly R. M. Oliveira</i>	
UMA LUZ PARA MINHA LUZ NO FIM DO TÚNEL	79
<i>Anília Francisca Mércio da Silveira</i>	

MEMÓRIAS DE 2020	83
<i>Ligia Portugal Gomes Rebello</i> <i>Thiago Soares de Freitas Rebello</i>	
CARTA PARA CECÍLIA	87
<i>Caroline Gonçalves Silva Mendes</i>	
PARA GABRIELA, MEMÓRIAS DE UMA PANDEMIA	93
<i>Aline Deus da Silva Leite</i>	
AOS MEUS FILHOS JOÃO, GABRIEL E SOBRINHOS	98
<i>Palloma Beatriz Maia Botelho Aguiar</i>	
CARTA PARA DAVI	101
<i>Monique Teixeira Crisóstomo</i>	
DUAS CARTAS PARA DOIS FILHOS	106
<i>Elaine Pacheco e Silvio Lima</i>	
O PÔR-DO-SOL TRAZ A PROMESSA DO FUTURO	110
<i>Rui Harayama</i>	
NOSSA PONTE	113
<i>Elisângela da Costa Lima</i>	
O VISITANTE INDESEJADO	118
<i>Vania Graciano</i>	
TEMPO DE PANDEMIA	123
<i>Anabela Almeida Costa e Santos Peretta</i>	
CARTA PARA MANU, MINHA GATITA	127
<i>Jean Carlos Miranda</i>	

CARTA PARA EDUARDO	130
<i>Ana Carolina Brasil</i>	
NASCIDA NA PANDEMIA	134
<i>Leandra de Fátima S. Neiva</i>	
UMA COLCHA DE RETALHOS SOBRE O HOJE PARA A CRIANÇADA DO AMANHÃ	138
<i>Cleiberson dos Santos Paulino</i>	
<i>Rosiene Francisco dos Santos</i>	
<i>Welitânia de Oliveira Rocha</i>	
AOS ORÍIS QUE ME FIZERAM RESISTIR, A BENÇÃO AOS MAIS VELHOS E AOS MAIS NOVOS	143
<i>YA Obadeyi Carolina Saraiva</i>	
SOFIA NA PANDEMIA COM O SUS E OS CIENTISTAS	145
<i>Rubens Bias</i>	
CARTA PARA ÓRFÃS E ÓRFÃOS DO COVID-19	152
<i>Jacqueline de Souza Gomes</i>	
CARTA DA CRIANÇA DE QUEM DESCENDO	155
<i>Antonio Teixeira Lima Junior</i>	
QUEM SÃO AS ORGANIZADORAS?	159
QUEM SÃO AS/OS AUTORAS/ES?	161

CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS COMPARTILHADAS

Contar no es sólo un arte, más bien es un rango,
cuando no un cargo oficial, como en Oriente.
Termina siendo un saber, así como a la inversa
la sabiduría suele manifestarse como narración.
Por eso el contador de historias es también
alguen que sabe dar consejos.
Y para recibirlo, uno mismo debe contarle cosas a él.
(BENJAMIN, 2013, p.96)¹.

“Cartas às nossas crianças: memórias para um futuro pós-pandemia” é muito além de um e-book. Ele é ponte. Ponte porque conecta almas, resgata afetos, restabelece chão quando um tremor pandêmico chamado Covid-19 provocou rachaduras em um mundo demasiadamente fissurado. Não objetivamos tapar os buracos com esta proposta de escrita. As palavras desenhadas serão atravessamento. Atravessarão mãos, papéis, telas, olhos, vidas. Inspirações em formato de letras serão uma maneira de atravessar e resgatar as memórias que não se deixaram ou deixarão encobrir durante o afastamento social demandado pela pandemia.

O projeto é precioso em sua simplicidade: mães, pais, avós, avôs, tias, tios colocam em palavras as experiências que tiveram ao lado de suas crianças nestes meses de isolamento. “Cartas às nossas crianças: memórias para um futuro pós-pandemia” é, portanto, um livro de memórias para nossas crianças, onde experiências serão narradas e preenchidas por sentimentos, por vezes contraditórios, nestes tempos de incertezas, dores, lutos, mas também de muita esperança. A potência destas memórias está na possibilidade de termos tais experiências registradas a fim de que elas sejam lidas futuramente pelas crianças, quando estas resgatarão um pouco do

¹ BENJAMIN, W. *Historias Desde la Soledad y Otras Narraciones*. Trad. Ariel Magnus. Extraterritorial: Buenos Aires, 2013.

que viveram nestes dias estranhos, além de poderem conhecer e reconhecer a diversidade de experiências que diferentes crianças e suas famílias viveram.

Na composição do livro o gesto da escrita se dá como possibilidade de dar a ler. Na leitura das cartas, a sublime experiência de acompanhar percursos pelas histórias que situadas, nos remetem à geografia de um mapa multicultural. No gênero carta, grafias singulares dizem das travessias em tempos de pandemia, na poética da existência escritas com inteireza. Resistir em tempos de necropolítica é um ato revolucionário!

Agradecemos a todas, todos e todes que aceitaram o desafio dessa escrita partilhada. Agradecemos também aos amigos e amigas que nos colocaram em contato com pessoas que nos permitiram ampliar o repertório de testemunho – de lugares outros.

Agradecemos ao colegiado do Programa de Pós Graduação em Ensino que viu neste projeto uma forma de transcender os rigores da academia. Viva Walter Benjamin! Viva a força transformadora das experiências narrativas compartilhadas!

Abraços,
Ana, Cristiana e Fernanda

MEMÓRIAS PARA UM FUTURO PÓS PANDEMIA: CARTA-APRESENTAÇÃO AO JOÃO MARCELO

Fernanda Insfran

Araruama, 4 de outubro de 2020.

Meu filho,

Quando tivemos a ideia de organizar um livro de memórias sobre as experiências vividas nessa pandemia, para que as crianças lessem quando estivessem maiores, pensei e repensei o formato da sua cartinha. Acreditando que você só teria interesse em lê-la quando adulto, pensei em escrever com uma linguagem para o JM adulto. Mas como fazer isso, se enquanto escrevo uma criancinha linda de 3 anos e 4 meses (fará amanhã!) brinca/ pula/ agita/ tagarela ao meu lado?

Uma criança que aos 2 anos e 9 meses teve sua vida (assim como a de bilhões de pessoas ao redor do mundo) radicalmente modificada. Da noite para o dia ficamos impedidos de te levar para a escola, de ir ao parquinho, de tomar banho de piscina, de fazer castelinhos de areia na praia, de ir para nossos locais de trabalho (e passamos a trabalhar em casa, muito mais horas do que antes), de viajar de avião para visitar seus avós e suas primas e primo, de fazer festas com muitas pessoas juntas, de abraçar e beijar as pessoas que não moram na nossa casa.

De março até agora são quase sete meses de confinamento em casa imposto pela pandemia do novo Coronavírus (versão Covid-19). São sete meses de muitas construções com blocos de madeira (e mais recentemente com legos), pintura nas paredes (e chão) da casa, corridinhas da sala até o quarto, pula pula na cama e no sofá, muuuuuuito mais “vidinho” do que nós consideramos saudável,

aniversários pelo zoom, meet e afins, pique esconde e “volta olímpica” na mesa da sala. Muita energia para gastar durante o dia, muita demanda de atenção – “mamãe, traz o computador aqui pra sala pra ficar vendo TV comigo?” – enquanto eu e seu pai nos revezávamos para dar conta das mil reuniões virtuais de trabalho, brincar e cuidar de você, da casa, etc.

E assim tem sido. Mamãe já até acostumou-se a trabalhar com os escritos dela durante a madrugada – mais silenciosa e por isso possível de concentração. E foram muitas madrugadas e muitos escritos neste ano! Reflexões importantes sobre esses dias estranhos que estamos vivendo, que mamãe fez com amigos e amigas que você conhece bem (e outros que irá conhecer assim que pudermos voltar ao convívio social sem medo de ficar doente e/ou passar essa doença horrível para alguém).

O livro onde está publicada esta cartinha é um desses escritos importantes. Por isso quero falar dele para você. É um livro que reúne afetuosos textos escritos por mães, pais, tias, tios, avós para crianças conhecidas e desconhecidas lerem no futuro. Memórias de um tempo duro, que ainda perdura e que tem gerado incertezas, medos, dores. Memórias que transbordam afeto e esperança de dias melhores.

Eu, tia Cris e tia Ana acreditamos muito na força da coletividade e foi pensando nisso que decidimos organizar este livro, pois esperamos que as experiências narrativas compartilhadas aqui por pessoas de diferentes contextos e diferentes histórias de vida, possam servir de elo entre os/as que escreveram e os/as que lerão. Empatia é o que intencionamos estimular com esse livro, uma atitude meio em falta nesses tempos, mas que desejamos que a sua geração tenha em abundância no futuro próximo, meu filho!

Assim, trouxemos para este livro toda a pluralidade que nos foi possível! Histórias de crianças com um pai e uma mãe, com duas mães, com dois pais. Crianças que são criadas pelas avós. Crianças que estão vivendo junto com os/as avós ou que foram afastadas do convívio destes/as por causa da pandemia. Histórias de crianças

negras, brancas, de famílias multirraciais e multinacionais (como nós!). Crianças que moram na cidade, no campo e em comunidades quilombolas. Crianças de diferentes cidades e estados brasileiros e também aquelas que moram em outros países. Crianças que acabaram de nascer – trazendo Luz, esperança e muito aprendizado – e as que já são maiores e entendem melhor o que está acontecendo (se é que alguém entende...). Crianças que carregam na ancestralidade a luta revolucionária pelo povo (o seu povo e todos os povos)! Crianças criadas em diferentes religiões e credos, que rezaram, oraram e mandaram muito axé para todos, todas e todes que adoeceram ou sofreram muito nesses dias difíceis que passamos (e ainda estamos passando) de março pra cá. Histórias de crianças que tiveram medo por verem seus pais e mães, profissionais de saúde, na linha de frente dessa pandemia encarada como guerra.

Encontramos neste livro, homenagens aos entes queridos que se foram vitimados pela Covid-19 e homenagem às crianças que ficaram órfãs por causa dessa terrível pandemia e do descaso negacionista e genocida das autoridades. Ouvimos muitas vezes de março pra cá: “a vida não pode parar”. Mas ela parou para as quase 150 mil pessoas que faleceram e suas famílias devastadas...

Este terrível monstro invisível tem causado muita dor, mas tem nos ensinado muito também. Jamais ficou tão evidente o tamanho da desigualdade social que vivemos no nosso país. As desigualdades de gênero – mulheres mães sobrecarregadas e exaustas, enquanto homens são promovidos no trabalho – também tem gritado...

Termino esta carta reafirmando um desejo comum a muitos pais, mães, avós, tias e tios que neste livro deixaram suas marcas: que você valorize sempre a educação, a natureza, a ciência, as políticas públicas (viva o SUS!) e a coletividade. Só seremos verdadeiramente felizes quando tivermos um mundo mais justo, empático, inclusivo e onde haja respeito às diversidades/ pluralidades.

Com amor,
Mamãe Fernanda

CARTA À ISIS

Cristiana Callai

Niterói, 30 de junho de 2020.

Isis!

Há 4 anos você nascia!
Chegava a esse mundo velho,
Com a vitalidade dos recém-chegados.
Vou te contar sobre o que estamos passando.

Vínhamos de um viver sempre urgente,
Pressa para ir e vir, sem muito cultivar.
Talvez, a lógica do consumo estava por demais incorporada,
A tudo devorávamos.
Acreditávamos ser senhores de nós mesmos!

Ilusão de um cenário montado,
Do consumir desenfreado,
Do homem que tudo pode,
E amargou na hora de pagar a conta.

Uma relação devastadora com a natureza,
Envergada tantas vezes,
Agora, somos nós,
Vivendo a nossa fragilidade diante da morte.
Não podemos colonizar tudo e nem todos!

A natureza há muito já anunciava,
Ou nós cuidamos, ou adoecemos juntos!

Estamos conectados.
O COVID-19 transcende fronteiras.

De um dia para o outro a ameaça do vírus adentrou as nossas vidas!

As portas foram fechadas.
Dentro de casa ficamos.
Abrigando tantos medos...
Estocando esperanças para dias melhores.

Em vários momentos, com você, esqueci que estávamos em isolamento,

Em outros, com você, temi as partidas.
E juntas, vivemos a vulnerabilidade do confinamento.
Vi e refleti toda a dor daquele que sente à deriva.

Uma imagem que assusta,
É dor!
É medo!
É sentir!

Ah, Isis, os dias e meses passaram, quantas vidas perdidas...
As dores que dilaceram os que ficam.
A carne, agora exposta, está aos olhos da mídia,
Ali, em campo aberto, amontoados.
Sem uma despedida,
Um último afago,
O rito da partida.

A convivência do governo genocida,
É a necropolítica em curso!
A periferia não é alegoria, minha filha!

Diante do mundo que agora é porta voz das mortes,
Procuramos afirmar a vida!

No apreciar as delicadezas do viver,
Em gestos de ternura.
No encontro com as artes,
Naqueles momentos em que os olhos sorriem de alegria,
E nos sentimos fogueirinhas!
É, porque ali, aconteceu algo sublime!

Então, te escrevo porque fomos testemunhas.
Escrevo para que não percamos a nossa humanidade.
E de forma imperativa, já digo: “Não podemos naturalizar a morte”!

Quem está partindo, tem classe social, tem cor, tem gênero,
tem endereço...

Essas mortes estão sendo endereçadas e naturalizadas.
Os gozoes não se importam com essa gente!
Eu sou essa gente!
Você é essa gente!
Nós somos essa gente!

Tem uma ancestralidade que nos atravessa.
Nossa gente povoa o mundo!
Nossa gente não é número,
E está sendo dizimada, a cada dia, diante dos nossos olhos.

Minha filha, foi nesse cenário que um dia,
Mirando as estrelas falei que lá,
No azul acinzentado da noite,
Estavam os que partiram,
Você chorou e eu me emocionei!

Viraram estrelinhas, você perguntou,
Sim, respondi!
Então, você continuou: - nunca mais veremos?
Sem falar, nos abraçamos!

Compartilhamos naquele momento as dores do mundo,
Choramos pelos que partiram,
Mirar as estrelas com olhos d'água, talvez seja uma oração,
Um acalento para os corações,
Uma oração em segredo!
Sinta minha filha, chore, ore...

Se importe minha filha, esse mundo precisa de pessoas que se importem!

Seja feliz, mas nunca indiferente!
Há tantos corações machucados.

Partilho aqui a nossa pequena história,
Legando a escritura para o futuro,
Com a delicadeza dos olhos de uma criança.

Somos sementes, minha filha!
Tenhamos coragem de renascer a cada dia,
Mesmo diante das intempéries,
Lembre-se, brotamos nas gretas do improvável!
Somos testemunhas de um tempo.

P.S Seja feliz, mas nunca indiferente!
Há tantos corações machucados.

Mamãe Cris!

CARTA PARA MATTEO

Ana Guimarães Correa Ramos Muniz

Bom Jesus do Itabapoana, 20 de agosto de 2020.

Querido Matteo,

Você chegou abalando estruturas e causando as mais profundas mudanças. Isso se chama revolução. Acredite: você foi a revolução da nossa fé capengante, das nossas certezas descabidas, dos nossos medos desgovernados e do amor incandescente que borbulharia em corações, orações e atravessaria fronteiras.

Veza ou outra, eu escuto sua mãe lhe chamando de "guerreirinho". Não pense que ela esteja diminuindo seu ato revolucionário. Mães são assim: seres que têm a capacidade de trazer leveza em forma de diminutivo, ainda que uma guerra esteja instaurada. Neste momento, por exemplo, ela está colada a você, em seu campo de batalha de luta pela vida na UTI. Ela e seu pai têm sido seus fiéis soldados, apesar de eu ainda ter dúvidas a respeito de quem está protegendo quem nesta trincheira.

Os inimigos foram muitos nos últimos tempos, mas o medo foi opositor mais implacável e cruel. Você luta e nos mostra, bravamente, que o medo deve ser vencido a cada dia, ao vivermos o dia. Nós, em contrapartida, ainda bambeamos as pernas acreditando que podemos ser vencidos. E foi assim desde que seus pais descobriram que você viria ao mundo.

Um exame mostrou que você teria Síndrome de Down. A síndrome jamais seria nossa inimiga. A ignorância foi. Nós, gente grande de cabeça pequena, fomos e ainda somos ignorantes, Matteo. E fazemos algo muito pior: fingimos conhecer o desconhecido. Maquiamos nossa ignorância com a arrogância. Por isso, coube a

você vir nos demaquilar e expor nossas fragilidades, escancarando a beleza do não saber frente à possibilidade em se aprender. Com você, temos aprendido a ser gente de coração quente.

O medo aparece para lutar conosco, especialmente com seus pais, todos os dias. Você nasceu em plena crise sanitária mundial, em 20 de julho de 2020. Quando todos temiam por um vírus, o COVID-19, que dominava cada cantinho do planeta e causava muita dor, você veio ao mundo cheio de vida, trazendo esperança e alegria ao nosso coração ainda muito medroso. Lembro-me de ouvir sua mãe dizer que, em poucas horas, você havia conseguido torná-la a mulher mais feliz do mundo. Você, gigante de quarenta e quatro centímetros, passeou pelo colo dos seus pais e arrancou sorrisos que eu, em anos de amizade, jamais havia visto.

O medo, contudo, não deixou que a felicidade viesse, como bandeira branca, encerrar a guerra travada há meses. Meu telefone tocou. Era a sua mãe, chorando. Você se afastou dela e pronto: o medo a golpeou! Com a saturação e glicose baixas, você tinha sido levado à UTI. A notícia de que você tinha buraquinhos no coração criou crateras na nossa alma. Sua mãe dizia não ter mais coração. Seu pai nem dizia mais nada. Dias bons, dias ruins. Dias de esperança, dias de muito medo. Até que chegou o dia que você precisou voar.

Uma transferência. Você seria levado para o Rio de Janeiro, para um hospital especializado, onde médicos olhariam para o seu coração com buraquinhos. Sua mãe, que até então carregava a fama de medrosa, disse que voaria com você. Com você por perto, sua mãe é imbatível! Sem pensar, ela entrou em um avião e jogou a velha vida pelos ares, afinal, sua nova vida estava ali, dentro de uma incubadora. Seu pai foi pelas estradas, de carro, ao encontro de vocês. Imagino que a quilometragem do carro não tenha subido tão rápido quanto as batidas do coração dele, pois enquanto você e sua mãe estavam a brincar de furar nuvens, seu pai rasgava o asfalto, quase que acreditando que pudesse alcançar vocês.

A centenas de quilômetros de toda a família e amigos, seus pais acharam uma caverna para se esconder. Na pandemia, nós

procuramos nos isolar e nos guardamos em casa, a fim de que o vírus nocivo não nos encontrasse. Nossas conversas são via celular, mas cronometramos cada ligação na esperança de transformá-la em abraços e beijos em um tempo que não sabemos quando será, mas cremos que acontecerá. Por isso, o apartamento alugado a alguns metros do hospital onde você está é, realmente, um esconderijo. Neste lugar, seus pais choram de medo e não é do vírus. O medo é da sua pressão que sobe, que desce, dos exames, dos tubos, de notícias ruins. Viu como o medo é cruel com eles? Nós também choramos de medo, assim como eles. Medo e saudade.

Ah! Mas todos nós choramos de alegria também. Recebemos, nos últimos dias, após duas semanas muito difíceis, a notícia de que a sua aorta é tão audaciosa quanto você e resolveu, por conta própria, fazer um caminho diferente no seu corpo. Aorta peralta e não cortada, como os médicos chegaram a acreditar. Seus pais devem ter sentido vontade de gritar de alegria, mas sabe como é, né? Duas pessoas sozinhas, em uma cidade grande e desconhecida... Voltar para o esconderijo e respirar fundo já era uma grande comemoração, afinal, eles não têm a ajuda do ventilador mecânico que você tem, certo? Eles respiram e disparam mensagens para a família e amigos, nos ajudando a respirar também. Soubemos hoje que você fez xixi e cocô. Algo tão simples para uns. Algo que passou a ser o mundo para nós.

Hoje, você também completa o seu primeiro mês de vida. À noite, chovia no Rio. Sua mãe esperava seu pai descer da UTI, a fim de que pudessem ir embora com um único guarda-chuva. Resolvemos celebrar a sua vida e cantar "parabéns" à distância. Ligamos para seus pais. Eles atenderam e sua mãe mal conseguia falar. Ela só chorava. Dizia ela que era porque você estava acordado e não veria nenhum dos dois lá. Seu pai mantinha a calma e afirmava que você estava bem e que, naquele pouco tempo, já havia ligado para o hospital e soube que você já dormia. Quer saber? No fundo, eu acho que sua mãe queria mesmo era estar cantando "parabéns" com você no colo. No fundo, seu pai devia estar com a

mesma vontade de chorar que sua mãe e só não o fazia porque a fama de durão dele já está por um fio depois da sua chegada.

Hoje já não é hoje mais. O dia vinte já virou vinte e um. Escrevo esta carta no silêncio da madrugada, escutando tio Leo e Heitor dormirem, cada um de um lado da cama. Aqui, no meio, sinto meu coração apertado. Porém, meu coração, ainda que apertado e também parecendo ter um buraco, não tem medo. Tenho, sim, gratidão por ser testemunha do milagre que você trouxe aos seus pais, a nós, ao mundo. Vocês três tirarão os tubos, fios e dores que atravessam seu corpo e a alma da mamãe e do papai. No lugar de tudo isso, ficarão marcas permanentes. Essas marcas sempre nos resgatarão a fé.

E, por falar em fé, tem muita gente fazendo orações, rezando terços, fazendo novenas, pensando positivo, mandando luz, enfim, desejando a sua melhora das mais variadas maneiras. A luta aí dentro da UTI é grande, mas o exército que você formou aqui fora é muito maior. Um exército que cresce, a cada dia, e fica mais forte, com menos medo. Um pelotão de velhos, mulheres, homens, crianças, pessoas de perto, pessoas de longe... Somos muitos à sua espera.

Fé também é saber esperar. E, enquanto espera por você, sua mãe escreve. Rompi com a privacidade das trocas de mensagens com sua mãe e escolhi terminar esta carta com a letra dela, com as poesias que ela escreve enquanto cuida de você. Sua poesia não será meu arremate, mas um arrebatado de alma, um arder de couro cabeludo, uma provocação a uma oração silenciosa a fim de que você três não apenas saiam desta UTI, mas que possam, muito em breve, estar lendo esta carta juntos.

Com muito amor,
Tia Ana

~~(CORI - CÃO)~~ CORA - SÃO

Eu olho ~~no~~ o monitor,
vejo cada pulso do seu coração

140

130

170

143

136

Quando eu lia Cora,
não imaginava que agora
essa seria a minha função.

Cora cura.

Cora - São.

VIDA

A vida não é um conto de fadas
a vida é um conto,
um conto

A vida é um conto,
um conto

A vida vai

é pronto!

(14/08/20)

CARTA AO MEU FILHO HEITOR

Leonardo Muniz

Meu filho Heitor,

Nesse momento são 5h32min do dia 01/09/2020 e você está dormindo. Depois de um dia cansativo, você relaxou. Fomos a Campos dos Goytacazes para uma consulta com a Dra. Janaína e tivemos ótimas notícias: sua alergia à proteína do leite de vaca já não parece tão assustadora. A médica até nos deu esperança de você vir a consumir a fórmula comum no próximo mês. Honestamente, aprendi com você que não podemos preparar tudo perfeitamente. Portanto, não estou contando que sua alimentação poderá variar muito.

Aliás, às vezes acho que você veio ao mundo para extrair de mim duas características que me definem, ou melhor, definiam: planejamento e controle. E isso ocorre desde o seu nascimento, literalmente. Para começar, você nasceu de cesariana com 41 semanas quando planejavamos um parto normal já na 40ª semana de gestação. Se não bastasse, aquele início de fevereiro chovia sem parar e todo o noroeste fluminense ficou debaixo d'água. Enfrentei enchentes e muita lama para ficar com você no hospital, mas quem pode controlar o clima/tempo?

Quem dera se a falta de domínio fosse ocorrer apenas naquele período. Menos de um mês após o seu nascimento, em 12 de março, morria a primeira vítima de COVID no Brasil. Enfrentamos uma pandemia mundial que nos obrigou a ficar em casa. O isolamento social jogou fora meu plano de ensino para as minhas turmas na escola e descontrolou a vida de quase todo mundo.

Passamos, então, a ter uma rotina juntos. Quase sempre você acorda às 7h e descemos para a sala, pois sua mãe precisa descansar. Você acorda de madrugada e ela sempre vai te socorrer.

Depois do café, vamos tomar banho. Todos os dias fazemos isso juntos. Você adora! E para me lembrar da minha falta de controle, de vez em quando rola uma bosta no banho.

Diariamente, brinco com você. Conversamos. Fazemos até exercícios físicos juntos. Seu desenvolvimento motor é incrível. Todos os médicos o elogiam. Mas isso tudo cansa. Tem dias que eu gostaria que você fosse menos agitado. Daí, fico triste quando percebo que não fiz nada do que planejei. Novamente, você me lembra que não sou mais o único dono da minha própria vida.

Quando decidi ser pai, não poderia imaginar que essa seria uma decisão diária. Todos os dias escolho ser pai. Isso não quer dizer que “dou suporte para a mãe” ou “a ajudo nas tarefas”, mas significa que compartilhamos tudo. Não só as tarefas. Ser pai é abrir mão do planejamento. Deixar de controlar tudo, em prol de uma criação não exclusivamente materna, é mais difícil do que escrever um texto para este professor de Matemática.

Sim, seria mais fácil propor uma divisão. A mãe fica com o filho e o pai com o sustento. Porém, esse genitor aqui estudou o conceito de Educação Integral e um dos pilares desse modelo é a formação não particionada. Portanto, não faria sentido distribuir e distanciar nossas vivências, mas sim, coexistirmos e aprendermos experimentando momentos novos. Entretanto, para sermos essa unidade familiar que acabo de descrever, preciso aprender a negar essa vontade de querer controlar tudo. Até mesmo quem fica com o quê.

Filho, em julho desse ano tenebroso Matteo nasceu. Meu afilhado do coração também veio ao mundo para nos ensinar. Veja só que curioso, minha cria: você é filho de um professor de Matemática e uma professora de Inglês que também é psicóloga. Matteo é filho de outro professor de Matemática com uma docente de Língua Portuguesa. Apesar disso, são vocês que nos ensinam. A síndrome de Down do Matteo revelou que sabemos muito pouco sobre outros mundos e isso nos angustia. Sabe por quê? Porque não temos controle.

A partir da chegada do Matteo, o descontrole reina. Primeiro, queríamos controlar a saída do bebê do hospital. Não deu. Ele foi

para a UTI. De lá, contra nossa vontade, esse menino foi parar no Rio de Janeiro. Não era isso que tínhamos planejado! Em nossas conversas, falávamos sobre a criação de vocês! Sempre retratamos nossos filhos como nós queremos que eles sejam e vocês dois nos mostram que estávamos totalmente errados. Percebe, filho? Queríamos controlar até mesmo quem vocês seriam! Agora, torcemos e oramos para que a saturação do Matteo se mantenha estável... Conseguir perceber o nosso poder de não controlar nada?

Refleti muito sobre o vocábulo “controle”. Alguns sinônimos são até curiosos. Encontrei dois sentidos que me trouxeram reflexões:

Domínio: autoridade, administração, comando, direção, gerência, gestão, governo, liderança, mando, manejo, poder e poderio.

Vigilância: avaliação, exame, fiscalização, inspeção, monitoramento, supervisão, verificação e vistoria.

Bitá¹, em muitas perspectivas que encontrei para a palavra “controle”, me percebi nelas. No trabalho, gosto de liderar, ordenar e gerir. Na sala de aula, sou a autoridade, possuidor dos limites e restrições. Supervisor da aprendizagem. Fiscal dos que erram. Ficou claro pra mim o porquê de gostar tanto do controle. O controle me dá a falsa sensação de poder. Como fui tolo. Não consigo controlar suas roupas! Você cresce mais rápido que podemos imaginar. Suas calças acabaram. Estamos torcendo para o inverno findar.

Muitas roupas suas foram para o Matteo. O Thiago gostou. Seu padrinho, na verdade, sempre torce para você crescer mais. Aliás, quero registrar que ele te chama de “Rato”. A Andressa, sua madrinha, não. Ela sempre comenta algo agradável quando sua mãe publica uma foto sua. Ah, esses amigos... Eles também não conseguem ter controle. Mas, diferentemente do seu pai, seus padrinhos não precisam ter controle. Foi exatamente nesse ponto

¹ Em alguns momentos, gosto de chamar você assim em referência ao “Mundo de Bitá”.

que Matteo me ensinou um sentido diferente para “controle”. Um significado não mencionado em dicionário nenhum!

Veja: o contrário de controle não é descontrole. Muitas vezes, não ter controle é escolher ter fé. Confiar em Deus² é não querer ter o controle de tudo, na verdade. É crer que tudo se encaminhará da melhor forma possível.

Obrigado, Matteo! Obrigado, Heitor!

Como já disse, filho, vocês vieram ao mundo para nos ensinar. Com vocês, aprendemos que somos diferentes e as diferenças é o que nos tornam únicos. Cada um com seu jeito, com sua maneira e com suas crenças. Querer controlar isso é ser autoritário, contrário à diversidade e a favor da exclusão dos grupos vulneráveis. Ser pai, por escolha, é também um ato político. Eu te amo, Heitor. Seja o que você quiser, só evite ser controlador.

PS: Terminei a carta no dia 14/09. Adivinha? Não consegui me planejar e controlar meu tempo desde o dia 01/09. Estou bem. Estou leve.

² Essa é uma crença pessoal, ok?

CARTA PARA TEODORO

Saulo Amorim

Em isolamento social provocado pela
pandemia do vírus Corona- COVID-19.

Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2020.

Filho,

Estamos presos em casa há cinco meses! O “bichinho coronga” nos afastou de tudo e de todos. Desde março, papai não sai para trabalhar e você não vai para a escola e a natação. Seus avós, tios, padrinhos e amigos estão morrendo de saudade, mas não se sentem seguros para vir até nós.

No princípio, confesso que pensei que tudo passaria rápido, que em três ou quatro meses retomariamos nossa vida, mas à medida que o tempo foi passando percebi que, sem uma vacina, seria inviável. Os registros de óbitos aumentavam vertiginosamente e eu temia por nós e pelos seus avós. Assim, a tranquilidade do primeiro mês foi se perdendo na falta de atividades e nos dias de solidão.

Sim! Semanalmente, você ia para a casa da vovó Jacira com o papai Renan e eu ficava completamente sozinho por aqui. Não foi fácil! Em menos de um mês eu já tinha arrumado e consertado tudo em casa. Faltava arrumar as pendências em meu coração e essa foi a parte mais difícil. Em maio, completei 38 anos em meio ao isolamento. Resisti a celebrar a data, mas lembrei que você, com apenas 3,5 anos, seria minha única e melhor companhia. Comemos pipoca, bolo de aipim e sopraram velas até cansar. À noite, conversamos com a família em videoconferência, você cantou parabéns várias vezes e continuou

a me parabenizar por semanas. Porém, mesmo me sentindo muito amado, maio foi implacável e sucumbi.

Talvez não se lembre, mas você testemunhou minhas lágrimas algumas vezes, mesmo sem entender. Porque eu buscava distraí-lo do meu olhar, buscava inventar brincadeiras na sala, cuidados com o jardim e até acompanhá-lo na observação do ciclo completo da máquina de lavar roupas. Vê-lo feliz com coisas simples, regando plantinhas, abraçando a máquina de lavar, passeando com seu triciclo na garagem, era um alento.

Papai enfim se dava conta de que nossa vida havia mudado, definitivamente. A sentença do divórcio fora publicada e a interrupção dos meus projetos da adolescência havia se consumado. Eu havia sonhado e desejado tanto encontrar um grande amor, casar e ter meus dois filhos e pode imaginar como, depois de tantas lutas e batalhas vencidas, foi doloroso perceber que papai Renan não participaria mais desse projeto.

Meu filho, se não fosse a sua companhia a tristeza causaria mais danos colaterais que um vírus em mim. Eu afundava em letargia a cada partida sua, como se afundasse em um lago de águas bem geladas, e hibernava até o seu retorno. Nas quartas, eu levantava por você e para você, pois sabia que ao olhar para seus olhos e ouvir sua voz eu reencontraria uma forte razão para existir e resistir.

Teodoro, eu sonhei a vida toda com sua chegada e de Leonor. Cada passo que dei na vida foi pensando em realizar o sonho de construir um lar confortável com flores, fartura e filhos. Eu não estava só e você me lembrava disso todas as manhãs, quando caminhava até meu quarto para dar bom dia e deitava ao meu lado com o travesseiro, o paninho e o “amiguinho” almofada.

Durante a pandemia, você largou berço e as fraldas diurnas, já sabia até subir e descer da cama, se alimentava sozinho, escolhia e esforçava-se para vestir as roupas, reclamando cada vez mais por autonomia em várias funções, como escovar os dentes, lavar louça, fazer pipoca e pegar maçãs na geladeira. Em um dos retornos, pediu para usar seu próprio banheiro e não tomava mais banho com o papai. Em plena fase das bobearias, tudo girava em torno da

palavra “cocô” e ria bastante do assunto. Quanto ao xixi, alguns vazamentos ainda aconteciam e você dizia para si mesmo “calma, calma! Não foi nada. Vamos tentar. Ainda vai conseguir”.

Papai havia prometido que, quando conseguisse segurar o xixi da noite, lhe daria um quarto completamente novo. Mas a verdade é que papai precisava inventar uma “história” para ganhar tempo e encontrar solução para as angústias. Eu estava morrendo de medo! Preocupava-me sobre como você lidaria com a chegada da Leonor em meio a esse processo de divórcio e guarda compartilhada. Afinal, agora você tinha duas casas, dois quartos e eu tive medo, muito medo, de não compreender que seu lugar nessa casa jamais seria retirado ou minimizado pela chegada de sua irmã.

Eu havia planejado manter meus dois filhos em um mesmo quarto até quando fosse possível, para que experimentassem as dores e os sabores da convivência entre irmãos, a divisão de um ambiente, as oportunidades de negociação de uso do espaço e brincadeiras em conjunto. Mas, e agora? E se, em alguma dessas idas e vindas, você se deparasse com uma menina dividindo aquele espaço que era só seu? Provavelmente, na casa do papai Renan seria filho único e eu não suportava a ideia de você pensar que também não seria único para mim.

Eu simplesmente revi meus planos, fiz essa promessa e comecei a me movimentar para arrumar seu novo quarto, vender móveis e adquirir outros. O medo não me paralisou, justamente porque minha motivação estava em promover arranjos para a sua felicidade. E quando movimentei os móveis, tirei da inércia o meu coração.

Era impossível prever se minhas decisões seriam acertadas ou não. Por outro lado, tinha a certeza de que erraria de alguma forma. Que pai não erra? Porém, aprendi com sua avó Thais que o amor deveria ser sempre a principal diretriz e meus filhos a minha prioridade. A sua felicidade sempre foi e será a minha prioridade, ainda que minhas necessidades precisassem ficar em segundo plano.

Então, em junho, comecei a ocupar meu tempo com leituras, vídeos e tutoriais sobre paternidade e brincadeiras educativas. Descobri muitas coisas bacanas e escolhi as que me eram possíveis naquele momento. Queria oferecer atividades manuais para minimizar a sua exposição às tecnologias, por mais que soubesse ser inevitável. Você já tinha acesso ao celular do papai Renan e aqui apenas à televisão, e isso já era suficiente.

Os dinossauros surgiram nessa época, graças aos desenhos e seriados das plataformas de streaming. Uma nova paixão! A máquina de lavar, enfim, perdia o reinado e papai Saulo perdia o pavor de passar pela área de serviço sem um cesto de roupas pendentes de lavagem. Certa vez, me contou que papai Renan havia comprado dinossauros de presente e eu lhe mostrei que havia um estegossauro disfarçado entre outros brinquedos aqui em casa.

Nessa época, também se apaixonou pelo Dumbo, pelos Míions, pelo papai Leão (o Rei Leão), pelo papai monstro (a Fera da Bela) e pela Alegria do filme Divertidamente. Aliás, que escolha perfeita! Dentre todos aqueles sentimentos representados, com certeza a Alegria era a mais parecida contigo. Somente alguém com a sua luz seria capaz de lamentar que a ilha da bobeira pudesse cair e ainda assim celebrar toda a reconstrução dos laços em família.

Foi numa tarde de sábado, enquanto assistíamos a esse filme e comíamos pipoca, que eu notei que você já conseguia permanecer sentado e reter a atenção por alguns bons minutos. Meu bebê estava crescendo diante dos meus olhos, se tornava em uma linda criança esperta e falante e isso era maravilhoso e assustador. Eu ainda o pegava no colo e cantava “sanduíche” ou “nana neném”, fazia os barulhos do “monstro do peido” e do “papai macacão” ou promovia o furtivo “ataque de beijinhos”. Todavia, apesar de gostar bastante, fazia questão de pontuar: “papai, eu não sou mais um neném, já sou uma criança!”

Ciente dessa nova condição e crente que já estava pronto para tudo, se arriscava. Quantas travessuras! Se eu me afastasse por três minutos, cadeiras eram arrastadas e derrubadas pela casa, almofadas espalhadas pelo chão, gavetas esvaziadas, brinquedos

surgiam por todos os lados, as bancadas e estantes eram escaladas, algumas coisas ficavam sujas, molhadas ou quebradas.

Papai ficava maluco com tanta confusão e pensava que riria surtar. Eu estava sozinho para cozinhar, servir, lavar louça, estender roupas, arrumar casa, executar os planos de brincadeiras e ainda conciliar o trabalho remoto em meio a toda essa encrenca. Mas à noite, nós escovávamos os dentes, passávamos creme em seus cachinhos, líamos umas historinhas e cantávamos MPB, geralmente “eu sei que vou te amar”, a sua “música nova” que papai chamou de “canção do retorno”.

Quanta paz eu sentia ao vê-lo dormir! Graças à nossa rotina, você sempre cochilava de tarde e dormia sozinho por uma noite inteira. Por vezes, levantava pedindo água ou colinho, reclamando de saudade do papai ou dizendo que queria fazer xixi no vaso. Noutras vezes, eu retornava no meio da noite para velar o seu sono. Me inclinava ao seu lado e simplesmente observava sua respiração. Você era inspiração e prova viva de que estávamos no caminho certo, de que tudo valeria a pena e que nós ainda poderíamos ser muito felizes.

Enquanto escrevo essa carta, noto que ainda há muito em mim que precisa de cura e de atenção. Mas percebo que ao seu lado serei forte e conseguirei superar todas as adversidades. Até mesmo essa pandemia! Ela há de passar e dar lugar ao novo normal, ao novo mundo. Um mundo que, espero, seja cheio de novos significados.

Entendo agora que o universo deu à nossa geração uma grande oportunidade de pensar em recomeços e voltar toda atenção às relações em família. Que boa sorte a nossa de poder conviver tão intimamente e por tanto tempo. É certo que, muitas questões não têm conserto e que, por isso, as vidas importam. Mas também é certo de que a vida sempre se renova, meu filho. A mais escura das noites não tarde em se tornar dia.

Novos dias virão, com um belo horizonte, eu creio. Por você e sua irmã eu decidi viver, e decido agora soerguer. Pleno em convicção, prometo que a cada amanhecer, enquanto tiver forças, o

papai Saulo estará de pé para lhe dar alimento, proteção, cuidado, carinho, colo e beijinhos.

Meu filho amado, sonhar com a sua vida deu sentido à minha. Tal como sua irmã, por muito tempo você foi apenas um ideal que gerou potência em mim. A adoção tão somente concretiza meus planos e os transforma em realidade, razões concretas de vida para mim. Quão feliz eu sou por ter me escolhido como seu pai nessa existência! Obrigado por me permitir devotar a você todo o meu amor.

CARTA AO FILHO

Bruna Brandão Velasques

Oi filho,

Quando decidi escrever essa carta, pensei em que mensagem eu poderia deixar para você. De que forma eu poderia te passar toda a emoção contida nesses quase 6 meses de confinamento e convivência intensa. Foi uma montanha russa, né? Mas qual aprendizado nós dois tiramos disso?

Confesso que não gosto da visão otimista ou romantização desse caos externo e interno que estamos vivendo, mas com você aprendi a ter uma nova perspectiva sobre tudo isso. Você me ensinou a ter um olhar de esperança e a me dedicar, cada vez mais, a te passar exatamente isso: esperança, amor e empatia.

Também pensei muito em como eu poderia explicar esse mundo para você, um mundo que se tornou cada vez mais intenso e confuso; um mundo que é ainda mais novo para você. Você estava quase se adaptando, né? Aliás, nós dois estávamos quase nos adaptando aos nossos novos mundos: eu como mãe e você como um serzinho, uma vida no meio do caos normal. Aí veio pandemia, veio a quarentena e nos virou de cabeça para baixo. E eu fico pensando: como tentar explicar para você um mundo que eu já não reconhecia, que eu já não identificava mais. Como ser porto seguro para você se eu não tinha mais segurança e confiança no que viria?

Não foi fácil, foram dias esboçando essa mensagem, escrevendo e apagando, colocando lembranças no papel. Então tomei a decisão, a melhor mensagem seria te contar sobre nossa experiência juntos num mundo totalmente estranho, sobre como essa experiência me transformou e transbordou amor, compreensão e esperança.

Um terço da sua vida foi dentro de um apartamento e, provavelmente, iremos bater esse recorde. Seis meses de muitas privações. Sem contato com seus primos, sem contato com sua avó. Interação zero com qualquer criança. Sem aula de música, artes, creche, nada. E antes disso estávamos numa ascendente, provavelmente você não se lembra. Mas tínhamos conquistado vários marcos no nosso relacionamento. Adaptação à creche, estávamos nos adaptando a ficar mais tempo longe um do outro. Estávamos criando esse nosso mundo, nos adaptando um ao outro, criando nossa rotina e linguagem. Então, veio o mundo e nos obrigou a nos readaptar, a criar uma nova rotina e um novo recomeço. E sabe mais uma coisa filho, eu tinha planos, e exercer a maternidade em tempo integral não estava neles. De alguma forma eu precisava me sentir viva, um indivíduo existindo em função de mim, e não somente em função de você. E para isso, eu precisava do meu trabalho, das minhas atividades. E meus planos e expectativas para 2020 eram muitos. Seria minha volta profissional de uma forma mais intensa, mas não aconteceu. Isso me deixou confusa e culpada, e me deixou com mais medo e culpa de que você percebesse minha frustração e achasse que você fosse o causador. Isso é engraçado, pois por mais que as mães saibam que não poderão proteger seus filhos de culpas e frustrações, nunca estamos preparadas para isso.

A pandemia mudou tudo isso. Durante a quarentena foram muitas tentativas de adaptação, construção de uma nova rotina, uma nova vida; no final das contas, uma nova ressignificação.

Parece triste lendo assim, né? Nos primeiros meses também pareceu para mim. Fiquei chateada, sabe filho, mesmo sabendo que não havia nada que eu podia fazer. Me preocupei com o seu desenvolvimento. E isso mexeu comigo, vivenciei sensações e emoções que eu desconhecia, de certa forma foi muito parecido com os meses seguintes ao seu nascimento. Naquele momento nós dois nascemos. E parece que agora também, nós dois tivemos que nascer de novo. Foi uma mistura de montanha russa com carrossel, basicamente tudo girava em altos e baixos

Mas de repente me dei conta que tínhamos o principal, algo que transbordava, sobrava, o AMOR. Nosso vínculo crescia cada vez mais e quando me dei conta disso, me tranquilizei. Fui percebendo que esse amor era tudo o que você queria e a única coisa que eu precisava fazer era manter minha sanidade. O nosso mundo diminuiu de espaço, nossos contatos externos se tornaram escassos, mas o nosso vínculo se fortaleceu. De uma forma ou de outra nossa simbiose havia voltado, não mais no mesmo corpo, mas no mesmo tempo e ambiente. E uma coisa definitivamente aprendi na quarentena, aprendi sobre amor. Na verdade, nós aprendemos, né filho?

Seu olhar sempre ali, me seguindo, sem ter muita noção do que estava acontecendo. Mesmo você não falando, mas se expressando muito, pude perceber todo esse tempo a sua felicidade em estarmos juntos, grudados. Foi na quarentena que você começou a andar com firmeza, falou suas primeiras palavras, começou a escalar os móveis. Também foi na quarentena que eu me transformei intensamente em função de você. Aprendi a me tranquilizar, a confiar em mim e em você, aprendi a ser menos perfeccionista e a ser menos exigente. Aprendi que eu era muito vulnerável, e aceitei essa vulnerabilidade. Lidei com minhas primeiras crises de ansiedade (nunca tinha tido uma), aprendi a lidar com essas crises.

E mais do que tudo, aprendi a aceitar o meu tipo de maternidade. Foram meses me culpando pelo meu estilo. Eu não sou aquele tipo de mãe que fica horas fazendo um tipo de brincadeira ou que cria atividades, que junta sucata, que cria coisas mirabolantes. Não sou contadora de histórias (pelo menos não as tradicionais, tenho as minhas próprias histórias). E isso me atormentou, parecia que eu não estava sendo a mãe adequada, a mãe “certa”. Mas foi aí que você me ensinou, eu estava sendo a sua mãe e era dessa forma que iríamos aprender, que iríamos nos desenvolver. E você estava lá, sem você teria sido muito, mas muito difícil mesmo.

Aliás, você foi quem me fez ter forças nesse momento. De certa forma, me obrigou a ter que segurar as pontas, pois eu precisava cuidar de você, me preocupar com você. Nossa simbiose realmente

ficou muito mais intensa, mas de certa forma foi uma simbiose que curou algumas dores.

A pandemia vai acabar em algum momento, a quarentena vai acabar, e vamos ter que nos readaptar novamente, vamos ter que diminuir aos poucos essa simbiose. Vai ser difícil nos separarmos, mas será necessário, e importante, para nós dois. E apesar de termos que vivenciarmos essa pequena separação, nosso vínculo não será abalado.

No final das contas essa carta é para te agradecer filho, agradecer pela sua companhia nesse período e por todo o aprendizado que você me proporcionou. Agradecer por você estar aqui ao meu lado, crescendo comigo.

Te amo!
E isso basta para muita coisa.

CARTA À FILHA SOBRE O LIVRO "O MONSTRO INVISÍVEL"

Liara Castro

Filha amada,

Começo essa carta agradecendo você pela sua companhia em um momento tão difícil para a humanidade. Foram dias, semanas, meses, em que ficamos confinadas em um apartamento que não pegava sol e dava de frente para um paredão sem cor. Um terrível monstro invisível pousou no nosso planeta lá na China, em um país com muita gente. No início era só um país. E rapidamente, começou a se multiplicar, a se triplicar, quadriplicar.... e assim foi adoecendo milhares de pessoas por todos os países do mundo.

O momento foi muito, muito triste, porque o tal vírus tinha grande capacidade de contágio pelo ar e pelas superfícies. A capacidade de contágio foi avassaladora. Por isso cada família ficou presa na sua toca e tudo precisou fechar por tempo indeterminado. Muita gente morreu.

Foi em um desses tantos dias em que perdemos a noção do próprio tempo, que você nos pediu para voar. E bastava seu pai pegar você no colo, suspender seu corpinho pra cima, para você se desprender daquela falta de sol, de espaço para você correr e brincar com outras crianças da sua idade... Foi em um desses tantos momentos de brincadeiras de faz de conta, em que tive a inspiração de escrever um livro infantil em que pudesse contar alguns trechos de um momento tão particular para história mundial sob o ponto de vista de uma criança. "O monstro invisível veio do reino da solidão e arrastava todas as pessoas que via pela frente com seu bafo sufocante que deixava todo mundo sem respirar".

Você, minha filha, me alimentava com sua ludicidade e todo dia me resgatava da falta de sol, de céu, daquela sensação ruim da realidade ter se transformado em um pesadelo.

E apesar de toda a dor, de todo o medo, tivemos momentos lindos como as manifestações das pessoas de diferentes raças e cores, cantando nas janelas, das crianças do mundo inteiro desenhando arco-íris com a frase “Vai Passar” escrita em várias línguas. Mensagens de esperança e cartazes que colocavam um pouco de cor naqueles dias cinzentos de ruas desertas. As janelas e sacadas viraram os palcos da bolha de cada família.

“A regra era não colocar o nariz para fora, porque quem saísse, poderia encontrar o monstro que andava pelas ruas...O monstro era tão solitário e triste que não gostava que as pessoas se encontrassem. Todas as demonstrações de afeto mais físicas teriam que ficar guardadas nas caixinhas das memórias e nas gavetas dos desejos que poderiam ser realizados depois que o monstro fosse embora”.

O lado bom dessa história triste é que o tal monstro invisível permitiu que as famílias se unissem mais, valorizassem a presença e a força de um abraço. E foi isso que tive a intenção de valorizar no livro. Queria que fosse leve, poético e lúdico. Por isso preferi não dar nome aos bois.

Nunca os pais tiveram tanto tempo junto de seus filhos. Mesmo no meio de home-office e uma casa para limpar com muita tarefa doméstica acumulada para dividir, foram momentos de muita união na nossa família. Foi uma oportunidade para nós valorizarmos somente o que importa e a força de um abraço. A gente lá em casa, se abraçava todo dia, e você se bastava com a nossa presença. Tenho a impressão, que por mais que você não lembre desses momentos no futuro, vai ficar guardado lá nas memórias afetivas do coração, a sensação de aconchego e segurança que pudemos te dar naquele momento em que a terra parou.

Na nossa bolha, o seu mundo de faz de conta ressignificava objetos, cômodos e até os próprios brinquedos. O tapete virava o mar, você a sereia, eu a baleia e o papai, o polvo. Outro dia virávamos uma equipe canina sempre com uma missão. Você dizia

que era a Skye, personagem do desenho Patrulha Canina, que voava em seu helicóptero nas missões de salvamento da cidade; e eu a Everst, uma cãozinha que veio do gelo. No outro dia, eu era a mamãe galinha e você o meu pintinho. E assim passamos esses tantos dias isoladas e aconchegadas pela sua fantasia, cantando, dançando, desenhando, brincando.

Quando eu escrevi o livro, ainda não sabíamos qual ia ser o desfecho dessa história e até o momento, em que eu escrevo essa carta, ainda não sabemos, infelizmente. Mas eu preferi escrever um final mais otimista, o que todo mundo esperava muito que acontecesse: um certo dia o vírus foi embora espontaneamente e todos pudemos reencontrar com nossos afetos e retomar a vida normal sem medo, mesmo de uma forma diferente.

A realidade ainda é incerta e triste e já vai fazer 9 meses desde que ele pousou lá na China. O monstro invisível ainda continua por aí no ar, amedrontando as pessoas, começando a aparecer de novo em países que ele já tinha sumido, tudo muito estranho.

E tem muitas pessoas que preferiram ignorar a realidade e começaram a sair para as ruas em bando novamente e sem máscaras. Como se estivéssemos lá no final do meu livro. Não se davam conta que estavam ajudando ainda mais o tempo de permanência do monstro na terra porque estavam mais preocupados com si mesmos. Infelizmente você vai se deparar com muita gente que pensa assim ao longo da vida.

Por um bom tempo, nós e todas as pessoas que tinham a consciência que o isolamento era a melhor forma de prevenção, só saíamos de casa o necessário e protegidas com máscaras, álcool gel, e distanciamento social. Em muitos momentos, me peguei pensando se o universo não estaria nos testando com esse monstro mais egoísta que isolou as pessoas. Você não acha? Que lições a humanidade precisou aprender?

Quando estiveres lendo e compreendendo essa carta, no futuro, saberá o desfecho dessa história melhor que eu. A esperança, no momento em que estamos agora, é por uma vacina poderosa que consiga frear esse poder de ação do vírus. Tem

muitos cientistas trabalhando pra isso. Mas ainda não sabemos quanto tempo ainda falta para isso acontecer.

Por enquanto, aqui no passado, seguimos vivendo um “novo normal” de forma consciente e sonhando com o final do livro a qual te dedico minha filha. Eu espero que em breve a gente possa reencontrar e abraçar todos nossos afetos sem medo. Que a humanidade consiga ficar melhor com a passagem desse monstro. Tenho esperança no futuro.

Com amor,
da sua mamãe Everest!

CARTA PARA OS MEUS FILHOS LEREM NO PÓS PANDEMIA

Albert Fochi Nogueira Insfran

Queridos filhos!

Fui convidado a registrar os momentos que estamos vivendo em meio a essa pandemia. Achei excelente a ideia, porque vocês poderão mais a frente, já adultos, entenderem um pouco melhor, o que nós vivemos e ainda estamos vivendo, o quanto sofremos e principalmente o tanto que os amamos.

Tudo começou bem antes da pandemia. Há pouco mais de 01 ano. Era julho de 2019, Giulinha meu amor, você tinha apenas 3 meses quando resolvemos voltar pra SP em busca de uma condição de vida mais estável economicamente. Marcus, você, apesar de triste por mudar mais uma vez de escola (já era a quarta escola em 04 anos) e ficar longe dos seus amigos, tinha como consolo, a felicidade de voltar a conviver mais perto dos seus avós, suas tias e primos.

O sonho do papai de viver da roça teve de ser adiado. Eu volto a contar sobre essa passagem mais à frente.

Enfim, nessa mudança, das oportunidades que encontrei, quis o destino que minha opção fosse trabalhar em um hospital.

Lembro que no início eu achava esse negócio de pandemia um exagero. Na realidade, o que acontecia é que mesmo trabalhando na área da saúde, eu não tinha muita informação sobre o vírus e sobre essa nova doença.

Aliás, ninguém tinha! A velocidade do contágio foi tão grande que mesmo com toda a globalização, toda a tecnologia de informação dessa época não foi tão rápida quanto a velocidade de propagação desse vírus.

De repente, tudo parou!

Exatos 06 meses desde que comecei a trabalhar no hospital e lembro exatamente da data, pois foi quando tudo começou de verdade. Pelo menos pra gente!

Dia 17/03 veio o decreto estadual em SP.

Todas as lojas, restaurantes, academias, tudo fechou. Os únicos locais que ainda puderam ficar abertos foram as farmácias, mercados e lógico os hospitais, que nesse momento, viraram o centro das atenções.

Parecia que todos os dias era feriado. As ruas totalmente vazias em todos os horários e as pessoas com medo de chegar perto uma das outras.

Não tínhamos informações de como proceder, não tínhamos previsto quantos pacientes poderiam chegar de uma só vez! Qual o estado destes pacientes?

Qual seria o fluxo? E os demais pacientes? E os óbitos??

Enfim... no hospital fui convocado para o comitê de crise e como tudo foi muito corrido, tínhamos que tomar as decisões com muita cautela, mas ao mesmo tempo com muita celeridade. Tínhamos reuniões inclusive aos finais de semana.

Enquanto todos viviam o Lockdown, nós corríamos para atender a uma necessidade que poucos conheciam.

Nesse momento, vocês e sua mãe já estavam em Embu Guaçu, cidade do interior com pouco mais de 70 mil habitantes, e lar dos seus avós e tias.

Optamos por levá-los todos antes do decreto, porque além de ser um risco pra todos, não sabíamos se as estradas e entradas das cidades estariam fechadas. E eu, trabalhando no hospital sou um risco pra todos, principalmente para os seus avós que já idosos, são o grupo de risco dessa doença.

O tempo foi passando e estar aos fins de semana sozinho era muito dolorido. Confesso que focar no trabalho ajudou muito! Tentava não demonstrar muito a minha tristeza, principalmente pra sua mãe.

Lembro que ela, diante do medo e das incertezas, já se arrependia de ter mudado de cidade e de vida. Quem iria imaginar?

Mesmo com a instabilidade financeira, a roça já não era tão ruim assim! Afinal de contas, viver no mato diminui muito os riscos de contaminação.

No início, apesar do risco, eu pensava que seria melhor eu ser contagiado e passar 15 dias isolado até me livrar da doença e então poderíamos voltar a ficar juntos.

Não deu certo! Muitos colegas de trabalho foram contaminados e depois de 15 dias já retornando ao trabalho e eu até hoje, não tive nenhum sintoma.

Enfim, só consegui ficar um mês longe de vocês!

No fim de abril, logo depois do seu aniversário, Giulinha, já estávamos juntos novamente.

Em casa, descobrimos que todos os confortos que o condomínio dispunha para os moradores não valia de nada, pois a convivência era restrita aos pouco mais de 70 m² deste apartamento.

Giulinha, foi nesse mesmo apartamento onde você aprendeu a andar com pouco mais de 13 meses. Cumpridos na segunda quinzena de maio no pico da pandemia.

Pois é, além disso, seu aniversário de 01 ano, que estava já programado desde o ano passado, que iríamos comemorar juntos com os 70 anos da vovó, teve de ser adiado.

Marcus, foi em meio a Pandemia também que você acreditou que poderia seguir carreira como jogador de FreeFire (Jogo online febre do momento).

Convenceu sua mãe de aumentar o plano de internet e discutiu muito comigo por não aceitar jogar "apenas" 04 horas por dia, como eu havia determinado.

Muito pouco tempo mesmo, principalmente pra quem está em uma pandemia.

Parei pra pensar e por sorte é que temos todas essas facilidades do mundo virtual e das conexões que podemos ter com a internet.

Foi por chamada de vídeo que conseguimos fazer com que você, Giulinha, pudesse manter contato com o restante da família. Onde todos puderam ver você engatinhando e logo dando seus primeiros passos, além de balbuciar suas primeiras sílabas.

Marcus, eu fiquei imaginando uma Pandemia como essa, eu lá atrás com os meus 14 anos, sem contato com meus amigos e sem poder sair de casa! Como seria triste!

Percebi que cobrar que se tenha disciplina numa situação como essa é muito frustrante. Tanto pra mim, quanto pra você. Continuarei te cobrando ainda mais disciplina e responsabilidade, mas percebi que é melhor fazer isso só quando tudo isso acabar.

Hoje, passado pouco mais de 06 meses do início da pandemia no Brasil, apesar do número de casos e pacientes terem caído um pouco, como o nosso país é muito continental, continuamos aumentando o número de casos e mortes no interior do país, mas provavelmente, em breve nós atingiremos a imunidade de rebanho (provavelmente vocês saberão melhor do que eu sobre isso daqui a algum tempo) antes da chegada da vacina. Isto se deve ao fato de infelizmente o nosso governo não acreditar na ciência e nas recomendações da Organização Mundial da Saúde. Não vou me alongar mais nesse assunto! Vou orientá-los sempre a buscar mais pela informação e acreditar sempre na ciência.

Quero que vocês pensem sempre nisso! Na dúvida, procurem na ciência. Os cientistas e pesquisadores são os verdadeiros super-heróis. Em breve estaremos todos vacinados e a humanidade conseguirá erradicar essa doença.

Até lá estarei aqui fazendo de tudo para protegê-los deste e de outros males que possam atingi-los.

Meus amores,

estamos vivendo parte da história da humanidade que jamais será esquecida. Uma história triste sim, mas que será superada com muita força, muita luta, muita coragem e principalmente muito amor.

Apesar de toda essa loucura, sabe o que é mais legal?! Vocês, quando adultos, contarão alguns contos, de histórias como esta, para outras crianças que não viveram essa parte da história.

Lá na frente, daqui uns 15 anos, quero que me contem o que acharam deste conto contado por mim!

Amo vocês!

CARTA PARA SELTON

Tâmara Marques

Recife, 22 de agosto de 2020.

Querido Selton,

alguns tantos anos passarão até que você venha a ler essa carta e talvez mais alguns para que você compreenda tudo o que nela está escrito. Em qualquer tempo e momento que isso aconteça, meu desejo é que essas palavras reverberem o amor e cuidado que sinto e tenho por você, trazendo conforto, abrigo, afeto, mas também inquietudes, atitudes e busca constante por conhecer, aprender e ser quem você é.

Escrevo essa carta com o coração cheio de esperança e ao mesmo tempo rodeado por medos e incertezas. Nesse mar de sentimentos, sem sombra de dúvidas, você me ajuda a esperar, a ver o que há de bom no mundo e nas pessoas, a persistir nesse propósito de vida que é ser feliz. Não quero dizer com isso que você é o responsável pela minha felicidade, pois acredito que primeiro somos felizes com nós mesmos para depois contribuirmos para a felicidade daqueles que amamos mas, com certeza, seu sorriso, carinho e pureza no olhar contribuem para seguir em frente em meio ao caos.

Pouco mais de dois anos se passaram desde o seu nascimento e nem nos meus mais variados devaneios imaginei que passaríamos por um momento como o atual, muito menos em um contexto global. Um vírus, invisível a olho nu, fez com que muitos de nós abrissem os olhos. O mundo está em constante processo de mudança! Eu estou em processo de mudança! Não sou a mesma de dois anos atrás. Você me ajudou a mudar e penso que para melhor.

Mas hoje percebemos o quanto é necessário que nossas mudanças sejam para o bem comum, para dignidade de todos.

A pandemia do covid-19 trouxe um turbilhão de sentimentos e de experiências. Saudades, restrições, receios, angústias, perdas, cuidados, adaptações a uma nova realidade, uma nova rotina, que espero que nos ensine a priorizar o que realmente importa. A pandemia mostrou que podemos estar próximos mesmo distantes fisicamente, que podemos estar juntos mesmo sem ser de mãos dadas, mas também mostrou que não devemos deixar os abraços e as declarações de amor para depois. E como seus abraços me fazem bem, filhote! Como me renovam e me acalmam mesmo sem você ter ideia de como são necessários para mim.

Desde meados de março que nossa rotina mudou e você sentiu, como sentiu! A mochila da escola que não me ajuda mais a arrumar, a ausência de outras crianças, de tia Elma, tio Fábio e tantos outros que têm um carinho tão grande por você, as idas ao parque, ao shopping, a casa da vovó. De repente teu mundo se resumiu a um apartamento. E como doeu em mim te privar da tua liberdade, da tua essência de descobrir. Não foi, nem está sendo fácil, mas a maternidade não é tarefa simples e juntos descobrimos o quanto podemos crescer mesmo entre quatro paredes. Estar juntos é essencial e são dessas experiências de partilha e aprendizagem, de troca de carinho que quero construir lembranças para você.

Em meio a tantas privações, reforçamos a habilidade de ver o lado bom das coisas. A pandemia possibilitou voltar a ter o “bapá” (papai) todos os dias por perto, mesmo que não seja em definitivo. Como não se encantar com as risadas, peripécias, brincadeiras pesadas, crises de ciúme e a relação de afeto e companheirismo que vocês estão criando? Como não se alegrar ao ver tua felicidade e brilho nos olhos ao subir pelas paredes como uma “anha” (aranha), ao correr para ver as sirenes das ambulâncias e viaturas no janelão da sala ou a procura de qualquer latido ou galope que se escute na rua? Sem o papai os passeios de bicicleta, as brincadeiras de esconde-esconde, as músicas tocadas no violão, as chuvas de bolinha de sabão pela sala e outras tantas vivências que estão sendo

possibilitadas não seriam as mesmas. Ver o quanto isso te faz bem é um suspiro em tempos tão difíceis. Você vai sentir falta dessa presença física constate, mas dá gosto ver você aproveitar cada instante, cada momento que a vida te oportuniza. São memórias que estão sendo construídas e que ficarão guardadas no coração.

Desde o início da pandemia muitas adaptações foram necessárias. Não te abraço mais ao chegar em casa e meses depois você continua reclamando por isso. Saiba que também não gosto, mas foi preciso. Também não tenho mais a sua ajuda ao desembalar e guardar as compras, ao acionar o elevador para sairmos, ao colocar as roupinhas sujas de molho, entre outras coisa. Não saímos mais para comer fora, nem visitamos amigos queridos. Nossa idas a praia são mais solitárias, mas não menos divertidas. Não vamos mais tomar café na padaria aos domingos e você não ganha mais tantos abraços e chamegos quanto antes, mas espero que os meus e do papai estejam compensando um pouco.

Em contrapartida, voltamos a ficar bem juntinhos por mais tempo, do mesmo jeito que éramos no seu primeiro ano de vida. Acordar sem pressa, tirar a soneca da tarde coladinhos, brincar o dia todo. Menos saídas para o trabalho e muito mais home office, ou melhor, trabalho em casa. Muito mais reuniões amamentando, trocando fraldas, assistindo “Tita” (Mundo Bitá), “cocó” (Galinha Pintadinha), “au, au, auá” (Patrulha Canina) e um “mundaréu” de desenhos disponibilizados pelos salvadores da pátria e dos 2 minutos de sossego: Youtube e Netflix (mesmo sem ser a fã número 1 do contato de crianças pequenas com as telas, não posso negar que nesse contexto é quase impossível não utilizá-las). Muito mais bagunça, choro, pratos para lavar, idas a geladeira e paciência, muita paciência e afeto.

No final de junho voltamos a visitar a vovó Janusa. Foi com o coração apertado, mas cheio de saudades e cuidado que atendemos aos inúmeros pedidos e chamados pela vovó e as fugas do apartamento e diminuimos o distanciamento social entre vocês. Que alegria nesses passeios de carro até lá.

Meses depois do início da pandemia temos uma coleção de histórias contadas e transformadas, de livros já lidos e relidos, sem falar nos preferidos! Sim, você já tem seus gostos! Seu jeito e escolhas ficam cada dia mais evidentes. E é com um prazer tão grande que seu pai e eu já contamos de olhos fechados a história da Dona Maricota, que só queria comer seu sanduíche, de Léo e sua amiga baleia, do Fofinho, o pintinho mais curioso que já vi, dos abraços de Douglas e de muitas outras que te fazem sorrir, imaginar e criar. Junto com as maravilhas da literatura temos as obras de arte feitas no chão da sala, no box do banheiro e nos cadernos da mamãe e também as danças solo e acompanhado. Temos arte! E espero que continuemos pintando o 7 e colorindo momentos.

Confesso que tem dias que acordo exausta, mas escutar o “mamã vem” todas as manhãs me renova e enche de forças para mais um dia todo nosso. São os inúmeros “mamã” ao longo do dia que me fazem perceber o quanto preciso ser cada vez mais uma pessoa melhor e mesmo quando saio para trabalhar continuam ecoando em meu pensamento me lembrando quantos tantos outros Seltons, Marias, Pedros, Anas, Saras... precisam que sejamos melhores.

E nesse turbilhão de 2020 você segue crescendo, segue caminhando no teu tempo, construindo tua história, segue sendo puro amor e vontade de descobrir. Continua assim, filho! Não deixe de oferecer teus abraços, de ofertar tua ajuda, de ser quem você é onde quer que for. Você ainda não compreende o quanto esse mundo precisa de amor, o quanto o covid-19 deixou mais claro como somos desiguais e tantas vezes egoístas. Mas espero poder continuar te ensinando o respeito a si mesmo e ao próximo, a gratidão pelo que temos e nos é possibilitado diariamente, a empatia e compaixão tão necessárias a tantos que sofrem sem acesso a qualidade de vida. Segue tua essência, cuida de ti, que é tua verdadeira casa, cuida do outro e da natureza que é a casa de todos nós.

A pandemia está nos ensinando muito por meio da dor, mas você sempre me convida a aprender por amor, convites irrecusáveis que espero que perdurem por toda a minha vida.

Te amo, filho!

Te amo muito mais que até a Lua ida e volta!

Para você todos os abraços, cheiros e beijos que eu puder dar!

Com carinho,
tua mãe.

CARTA PARA MEUS SOBRINHOS – RELATOS PARA A POSTERIDADE

Erilza Faria

Meus amores,

a titia veio contar para vocês um pouco de como está sendo para mim e para nossa família este ano de 2020 em meio a tantas crises e a pandemia de coronavírus.

Nós somos uma família bem grande e muito feliz, eu sou a irmã mais nova dos seus pais, meus 3 irmãos. Vocês são os amores da minha vida e a certeza de que o dia em que eu tiver um(a) filho(a) já ganhei alguma experiência a partir das que vivi com vocês. Sempre digo que, mesmo casada, “fiquei pra titia” e que amo muito ser tia, pois vocês me possibilitam vivenciar coisas maravilhosas – desde festinhas da escola, a uma ultrassom ou um parto, o cuidado de um joelho ralado ou um abraço gostoso. No meu coração vocês têm lugar principal e eu faço o que está em meu alcance para vê-los felizes. É um amor como se fossem meus filhos, apesar de ainda não conhecer a intensidade do amor de mãe. Enfim, já deu para vocês entenderem que eu os amo e pronto! Vocês sabem disso, né!

Sobre a história da pandemia do coronavírus... No início do ano víamos notícias de que um vírus estava infectando muitas pessoas na China – do outro lado do mundo – e que ele era perigoso, e letal em muitos casos. Nos sentimos tristes pelas pessoas que estavam sofrendo com isso, mas para nós a sensação era de que não havia com o que se preocupar. O tempo passou e em poucos meses esse vírus já havia atravessado fronteiras. Por ser invisível e altamente contagioso uma pessoa podia pegar o vírus sem saber e transmitir a outras pessoas, umas poderiam ter sintomas como uma simples gripe e outras terem os pulmões

completamente atingidos, sentirem muita falta de ar e chegarem a morrer sem conseguir reverter a ação do Covid-19.

Como a princípio tudo estava acontecendo na China, praticamente todos os países esperavam que esse vírus fosse contido por lá e não se prepararam para a velocidade em se alastrar que ocorreu. Por não estarem com serviços de saúde e políticas públicas bem estruturadas, até mesmo países europeus que nos transmitem imagem de controle e segurança, sucumbiram e pontos de fraqueza em suas políticas e bases ficaram à mostra, além de uma infinidade de pessoas sendo infectadas e morrendo por causa desse vírus. Em fevereiro, países como Itália e Inglaterra, precisaram criar o “lockdown” – que agora para nós é um termo conhecido, mas antes era impensável. Isso quer dizer que tudo parou! Para evitar e diminuir um pouco a quantidade de contágios, já com os serviços de saúde superlotados, foi preciso parar todos os trabalhos, fechar todas as lojas, shoppings e escritórios e pedir que as pessoas ficassem em casa, evitando o máximo possível saírem de casa e, se saíssem, que fosse apenas para serviços de extrema necessidade e com muito cuidado com sua higiene pessoal. Confesso que víamos as notícias assustados e consternados com toda a situação.

A propagação do vírus era muito rápida e em março, com a economia já demonstrando pontos de crise e o lockdown gerando discussões políticas, já se via a aproximação do vírus ao Brasil (do outro lado do oceano de onde o vírus surgiu). Começaram a surgir os primeiros casos no nosso país, o Ministério da Saúde estava um pouco mais preparado para lidar com a chegada do vírus em nosso país e o direcionamento inicial era o mesmo que nos outros países: fique em casa. Aulas, palestras, shows, reuniões canceladas, comércios fechados, só podia ficar aberto o comércio de produtos essenciais – os mercados, as farmácias e os hospitais. Mas a preparação não era tanta a ponto de dar conta de que o vírus se espalhasse e no meio de toda a situação tensa de pessoas sendo infectadas, ainda víamos acontecer discussões e crises políticas na saúde, na segurança, na justiça, uma espécie de medição de força

entre quem manda mais e ninguém resolve nada, a meu ver. E assim, iniciamos o enfrentamento à pandemia do Coronavírus no nosso país e no mundo, criando um caos para dar conta de outro.

Nós moramos em uma cidade pequena, no interior do estado do Rio de Janeiro ou no interior do interior, como costumamos brincar, então ainda não víamos fortes ameaças do vírus; houve até quem pensasse que conseguiríamos ficar livres do contágio e quando surgia algum caso suspeito, começavam comentários de crítica e julgamento da pessoa que poderia estar infectada – como se alguém fosse culpado. Era meado de abril e nenhum caso ainda havia sido confirmado com o vírus por aqui, mas estávamos já com alguns cuidados. Serviços essenciais apenas funcionando, aulas interrompidas – algumas escolas se organizando para atividades on-line, todos se adaptando para trabalhar de casa, o chamado home office. Seus pais ficaram trabalhando em casa, a não ser um deles que é farmacêutico e continuou trabalhando no serviço essencial da farmácia; eu, como psicóloga, intensifiquei os atendimentos online. Nossa família que se via sempre, ficou um bom tempo sem se reunir e depois passamos a nos ver, mais raramente e com muitos cuidados.

Fomos criando novas formas de estarmos juntos, estabelecendo nosso “novo normal”, como costumou-se a chamar a nossa vida a partir de agora, já que temos a certeza de que nada será como antes. Usaremos máscaras de tecido no rosto ainda por tempo indeterminado, nos manteremos atentos aos cuidados com nossa higiene, ainda depois que surgir a vacina, pois percebemos a importância que isso tem de um modo geral; nossos trabalhos e os estudos de vocês se abriram a recursos tecnológicos até então desconhecidos ou pouco usados e agora contarão com eles como ferramentas.

Estamos em setembro de 2020 e pensávamos que tudo já estaria de volta ao lugar de funcionamento habitual em julho. Ainda não sabemos ao certo quando será criada a vacina para conter o vírus, as aulas continuam online, continuamos reduzindo e evitando encontros com amigos, saídas e passeios e,

principalmente, o contato físico de um modo geral. Na nossa família não tivemos ninguém infectado pelo coronavírus, apesar de algumas suspeitas que felizmente não foram confirmadas. Algumas pessoas conhecidas e parentes de nossos amigos têm sido contagiadas com o vírus, alguns mantendo seus cuidados em isolamento sem maiores complicações e outros, com saúde mais frágil, infelizmente, já não estão entre nós. Convivemos com a insegurança de sermos contagiados e/ou transmitir o vírus invisível para os poucos contatos que ainda mantemos, entre eles vocês. Nos cuidamos muito, mantemos distância, usamos máscaras, para que também a saudade não nos consuma.

A vida segue seu curso, apesar das muitas mudanças que ocorreram. Em maio a festa que estávamos preparando em comemoração ao seu 1º ano de vida, Miguel, que também era dia dos pais e aniversário do seu pai, teve que ser reduzida a um bolinho só com familiares, com horários marcados para cada pessoa para não provocar aglomeração. Eduarda e Gabriel, vocês dois já no Ensino Médio, quando pensaram que já estudavam muito descobriram que o homescholling pode gerar ainda mais cobrança e exigir maior esforço e dedicação nos estudos – até o Enem, que acontece todos os anos, não poderá acontecer esse ano pela preocupação com a aglomeração que provoca (por pouco permitiriam que acontecesse sem se importarem com o risco a saúde e a vida de todos os envolvidos nessa prova). E em meio a tanta turbulência, está a Catarina no tranquilo território da barriga de sua mãe, ainda não sabe sobre as delicadezas e asperezas que a aguardam aqui fora, mas tenho certeza que já sabe que virá para um meio de muito amor e afago.

É verdade que esse tem sido um período de muita tensão, mas também de reinvenção e abertura as novas possibilidades. Cada nova maneira de se colocar, novas formas de trabalhar e de se comunicar, como tem sido terreno fértil para nós adultos nos repensarmos e também aprendermos a sermos melhores conosco mesmos e com vocês. Em essência, repensando o tempo presente, nas mudanças que

podemos fazer pessoalmente desde já, e no futuro, no legado do que estamos os ensinando e deixando para vocês.

E assim exercitamos o que podemos fazer de melhor que é a gratidão. Gratidão por todas as experiências que vivemos, gratidão como fluxo de boas energias. Apesar de todas as intempéries que esse ano de 2020 tem apresentado a vida segue seu curso, vocês vão crescendo e se desenvolvendo, e nós também seguimos. Como diz Carlos Drummond de Andrade no poema Verbo Ser: “Vou crescer assim mesmo”. E vamos! Vamos juntos aprender com esse período tão difícil que tem nos ensinado e nos convidado a repensar nossas vidas e as formas de nos relacionarmos. Ensinado principalmente a valorizar ainda mais nossos familiares, nossos trabalhos e estudos, e nossa própria vida, nossa saúde. Estarei sempre aqui para vê-los ser e crescer... A vida seguirá, ainda seremos os mesmos, mas com a bagagem dessas experiências únicas. Vamos todos crescer assim mesmo!

Com amor,
Tia Erilzinha!

CARTA A MIS HIJOS

Ivana da Silva Millán de Castro

Olivia, mi amorcita.

Has sido mi sustento en la vida, en los últimos años. En realidad, pienso que lo has sido siempre. Yo he vivido para tenerte, he soñado con el día en que nacerías y sabía que todo para mí sería resignificado.

He optado, desde que te vi, por el diálogo. Mamá tuvo una cesárea necesaria, pero desde que viniste a mis brazos, más o menos a las 12 de la noche de un fin de viernes, comienzo de fin de semana de un caluroso verano, yo no dejé de hablarte. Me decían que hablar daría gases, dolor, incomodidad, pero ¡qué va! Yo solo quería hablarte, escucharte, alimentarte.

Desde un primer momento, hemos sido las mejores en lactancia y apego. Nos hemos entendido siempre de primera y no hubo momentos en que no pudiéramos comunicarnos.

Pasaron los años, y nosotras dos hemos afianzado nuestro lazo de amor. También hemos tenido días malos, claro. No es fácil vivir conmigo, tengo una violencia que trato de apaciguar, pero que de vez en cuando se muestra fieramente ante ti. Y te asustas, pero me abrazas. Esto para mí es lo que le da valor a mi vida, saber que te tengo, pese a los monstruos que puedan existir en mí.

Tú, a tu tiempo, también tendrás tus callos, tus monstruos, tus debilidades. Todas y todos tenemos. Y encontrarás en mí, siempre, un puerto seguro. Déjame conversar con tus monstruos, no me harán daño.

Hija, estamos en tiempos monstruosos, ahora mismo. La famosa pandemia de 2020. Yo no sé si durará más, no sé si el año que viene miraremos atrás y todo se habrá terminado, y será solo una anécdota. Ya te enterarás por las noticias, espero.

Quiero contar sobre ti y estos tiempos. Eres la niña más inteligente que he visto. Jamás te has desesperado, jamás has querido salir a la calle si no es cuando yo te propongo llevarte a dar una vuelta. Eres tan buena que suelo decir que eres una santa. No sé cómo Dios decidió que me bendeciría tanto con tu presencia, con tu existencia. En esta cuarentena, me has llenado de amor y de orgullo. No pienses que digo que no haces berrinches, que no lloras o que no tienes tus días malos, no, no. Tienes todo lo que una niña tiene, sus cambios de humor incluidos, pero todos son parte de tu crecimiento y ninguno es fruto de un hogar disfuncional o de criadores malos. Agradecemos todos los días por ello. Gracias, hija, por ser tú misma, ¡no cambies nunca!

En este tiempo de enclaustró, has sido la persona más feliz, adaptativa y paciente. La que se divierte, la que juega con su hermanito, la que ayuda en casa, la estudiante dedicada. Algunos miedos han saltado a tu mente, es verdad, como el trauma que tienes de ese incendio que ocurrió detrás de nuestra casa y que siempre quedará en nuestra memoria. Por ello, y sumado a la pandemia, hemos decidido ayudarte con algunos tips de una amiga psicóloga, tu Celeste. La quieres mucho, te gustan las sesiones, y realmente veo que estás entendiendo a tu familia cada día más.

Yo sé, Oli, que no viviré por siempre. ¡Quién sabe el día que leas esto si estaré viva y contigo! ¡Quién sabe! Pero de esto puedes estar segura: soy la madre más feliz del mundo por tenerte a ti. Eres simplemente perfecta, te amo infinitamente más que a cualquier persona de este mundo (y a tu hermano, que ya nos leerá, seguro). Te amo, te amo, te amo, te amo. Valiente Olivia. Valiente hija. Recibe mi enorme abrazo, donde estés ahora. Ya sea en casa, tranquila, a mi lado o al lado de quien ama; ya sea en otro lugar del mundo (hoy me dijiste que viajarás por todo el planeta con tus obras de arte). Donde estés, estaré en tu corazón. Solo cierra tus ojos y recuerda el abrazo de tu madre.

Te amo, te amo, te amo, mi Olivia.
Valiente Olivia.

Leandro, amor de mi vida.

Eres un niño, cuando escribo esta carta. Pequeño, indefenso, y tu futuro, se podría decir, tan incierto. Pero en este caso, no tenemos tantas incertezas. Hemos crecido en seguridad contigo. Estamos seguros de que serás un espectacular ser humano.

En estos momentos yo solo puedo pensar en cómo fue importante para mí tu nacimiento. ¡Nos completas! No hay familia sin Leandro, sin ese sueño que fue tenerte. Eres el complemento ideal de mi vida, y sé que me amas de igual manera.

En tiempos de pandemia, estás aprendiendo a decir algunas palabras. Ya tienes 3 años y ya quieres conversar, es decir, siempre tuviste las ganas de la comunicación, desde bebé. Nos toca tener paciencia y ayudarte en lo que necesites.

Tienes un enorme sentido espacial y eres muy, pero muy empático. No hay golpecito que no venga con tu besito. Has crecido muchísimo en autonomía y hemos aprendido realmente a ver quién eres. Eres como Olivia, en realidad: eres respetuoso, eres amable, y eso lo vemos en el aislamiento. Estar aislado contigo ha sido fácil, tranquilísimo. Te encanta estar con nosotros. Tengo que decirte, Leandro, que, aparte, ¡hemos descubierto lo bien que sigues reglas! Una vez a la semana salgo contigo a dar una vuelta en el barrio y vas con tu mascarilla, sin correr ni sacarla, con las manos en los bolsillos como yo te digo que estés. Te gusta visitar todos los lugares con mucho respeto, recordando exactamente, aunque después de 6 meses de enclaustró, por dónde íbamos, de dónde veníamos y qué hacíamos.

Aún no hablas, pero me comunicas todo. En este periodo, has podido desarrollar muchas habilidades comunicativas y sociales. Infelizmente, vamos a luchar con el incremento de tu hipotonía, porque con tanto trabajo -que gracias a Dios no nos ha faltado- no puedo ayudarte como me gustaría con el tema físico. Hago lo mejor, créeme, porque mi amor por ti me motiva cada día.

El miedo no me ha sucumbido. Leandro, he tenido muchísimo miedo del contagio por el Covid-19. Hemos estado, incluso,

aterrorizados. Hemos perdido a personas conocidas e incluso muy queridas. Hemos visto morir a muchas personas y hemos tenido miedo. Pero de la puerta adentro, Leandro, somos una familia feliz. Esos miedos no nos han paralizado y casi que los hemos dejado del lado de afuera. Esos miedos feos no te han tocado la frente, mi Leandro. Mi valiente hombre león.

Un gran soporte en estos días ha sido tu abuelita Doris. Estar en Comas, en estos momentos, y no estar solos en otro lugar, nos hizo aún más fuertes. También pienso que estar frente a un parque es una enorme bendición para nosotros, ya que uno de tus mejores momentos es ver a las bandadas de loros coloridos visitándonos, o a las palomas y aguiluchos yendo a dormir. Todo esto fue preparado por Dios para nosotros, por lo que cada día agradecemos desde lo más profundo de nuestro corazón.

Mi príncipe, ¡te amo mucho! Estés donde estés ahora, esté donde esté yo, estamos unidos por un lazo que nunca se desatará. Eres mi luz y la de tu padre.

Te amo, te amo, te amo, Leandro.
Mi valiente hombre león.

PARA ANTÔNIO, COM AMOR!

Monica Francisco

O período pandêmico impôs isolamento e distanciamento social. O que a gente não contava é que duraria muito mais tempo do que imaginávamos, o que tornaria a falta de convivência física com os pequenos, com os familiares e com os amigos mais dolorida e melancólica. As crianças e jovens como principais vetores – aqueles que podem carregar uma coisa sem saber e sem sentir, o vírus, por exemplo – nos colocaram numa sinuca de bico. As avós, como eu, precisaram lidar com a conversa na tela do celular e quando dá, porque para os pequenos também tão afetados nesse período, não deve ser nada agradável esse tipo de contato. Se é que podemos chamar de contato.

Fico imaginando o que passa na cabecinha do Antônio, meu primeiro e único netinho, e óbvio de muitas crianças, sobre a ausência das vovós, dos vovôs, dos amiguinhos e amiguinhas. A falta de abraços, de beijos e de conversas com aquele dialeto tão especial que só nós entendemos. Meu Antônio, que adora uma brincadeira ao ar livre, que ama estar entre as plantas, as árvores, encontrar bichinhos - como cães e gatos - e descobrir as novidades do “jardim”, deve se perguntar: onde será que todas essas criaturas, aventuras e afetos se esconderam?

E nós, avós e tia de primeira viagem, que imaginávamos como seria divertida, colorida e cheia de risadas a sua festa de dois aninhos. Nós que amamos compartilhar seu riso, ouvir suas histórias – ainda que às vezes percamos algumas partes por falta de fluência em seu tão familiar dialeto – acalmar seu choro e fazer todas as suas vontades, estamos sentindo tanto, tanto essa distância física, que não sabemos mensurar. Parece até que não nos encontramos há uns 10 anos. Ah, olha a vovó ficando gagá, você só tem dois anos e dois meses. É a saudade, Antônio!

Ah, meu Antônio, esse bichinho que nos afastou vai embora! E nós vamos dar muitos abraços. Vamos rir, sorrir e gargalhar até a barriga doer, ou ficarmos cansados e dormimos bem apertadinhos num laço só. Nós vamos rir até quando alguém fizer cara feia porque nossas vozes estão muito altas. Não vamos dar bola, gargalharemos mais alto ainda para que todos saibam que estamos em plena felicidade.

Nós vamos nos contar todas as histórias e segredos desse tempo, que ficamos um pouquinho longe. Eu vou descobrir que você tem muitas palavras novas em seu vocabulário. Você vai me contar de todas as coisas que fez junto com a mamãe e o papai. Eu vou descobrir o quanto você cresceu. E o quão independente você é. Vou ficar muito feliz por tantas descobertas.

E eu vou te contar das tantas coisas que eu não fiz porque você não estava perto. Vou te contar de tantas outras coisas que fiz para proteger a você, o vovô, a titia, a mamãe e o papai e todas as outras crianças, amiguinhas ou não, com quem encontramos toda vez que passeamos.

E, assim, transformando segredos em conversas. Risos em sorrisos. E risadas em gargalhadas. Nós vamos ficar tão felizes que vai parecer que esse tempo nem foi tão longo. Mas, foi longo. Longo demais. Foi dolorido. Foi de muitas saudades. E de muita vontade de dar longos abraços e beijos lambuzados de afeto.

Ah, Antônio amado, saiba que esse tempo não foi sem amor. Porque não estarmos grudadinhos não significa que foi por falta de amor. Pelo contrário, o Coronavírus, esse bichinho tão, tão pequenininho que a gente nem consegue ver, fez o nosso amor por vocês ser tão grande, que nós nos cuidamos muito. Lavamos nossas mãos a cada segundo, ficamos em casa, escondidos para não sermos achados de surpresa como na brincadeira de esconder - longe de você - e quando fomos na rua fazer uma coisa urgente, usamos máscaras e ficamos longe das outras pessoas. E todo esse cuidado foi para ter a chance de estar com você mais tempo, no futuro, e acompanhar o seu crescimento e todas as suas descobertas mais de perto. Isso significa amor. Um amor tão grande que o vírus não conhece. Um amor para você, nosso lindo Antônio.

CARTA PARA ARIEL

Zoia Ribeiro Prestes

Saquarema, 22 de setembro de 2020.

Querido e amado neto Ariel!

Seu nascimento trouxe muita alegria e felicidade para nossa família. Você chegou com tanta tranquilidade que ela se transformou em uma de suas características mais marcantes. Sua curiosidade para ver, ouvir e tocar o mundo está expressa no seu olhar, que se volta imediatamente para o lado de onde vem uma voz, um ruído ou um canto de passarinho. Menino risonho. Essa poderia ser a melhor expressão que te descreve. Você acorda sorrindo e é muito raro ouvir seu choro. Atento a tudo, você é perspicaz e rapidamente aprende os nomes dos objetos. Aqui, em nossa casa de Saquarema, você aprendeu a engatinhar, a ficar de pé, pronunciou as primeiras sílabas, começou a identificar as pessoas que, até chegar aqui, eram estranhas para você. Até a primeira febre aconteceu aqui... e, há alguns dias, você aprendeu a cantar a canção “Serenô” e podemos ouvir seu “ai, ai, ai...” delicioso ao acompanhar nossa cantoria...

De um tempo para cá, você começou a estranhar a nossa ausência... quando temos que ir ao Rio e permanecer lá por alguns dias. Você adora observar quando faço café e até ensaia a pronúncia da palavra, dizendo “fff...”. Ouvir você falando “ba-ba-ba” ou “ma-ma-ma” e conseguir achar que está tentando pronunciar “mamãe” ou “babuchka” colore nossa casa com cores de arco-íris “pelo qual podemos escorregar” como diz a música russa de ninar com a qual você se acostumou a adormecer. Acompanhar seu crescimento e desenvolvimento está sendo uma alegria sem fim.

Os dias ficam mais leves e alegres tendo você por perto. E eu poderia continuar descrevendo tudo que fazemos juntos ao nos envolvermos nos cuidados com você, mas a realidade que se impõe é muito dura lá fora. Enquanto escrevo essa carta para você, há muitas pessoas morrendo aqui e no mundo por causa da COVID-19. Há alguma esperança no horizonte, porque vários países estão desenvolvendo vacinas para que fiquemos imunes a essa doença terrível.

Mas, o problema maior, Ariel, é que não há vacina contra o fascismo, o racismo, o machismo, a homofobia, a xenofobia e tantas outras “doenças” humanas... que só podem ser combatidas com muita luta que precisa ser permanente. Nunca podemos abrir a guarda e nossa arma mais poderosa é pensar e agir coletivamente.

Não vou falar daquele que está hoje governando o Brasil, ele não merece uma linha sequer nem aqui e muito menos na história do Brasil e da humanidade. Quando você crescer mais um pouco e estudar a história do Brasil, vai conhecer a trajetória e os ideais de figuras grandiosas que sempre estiveram do lado da luta pelo que é justo e vai entender essa minha decisão.

Você é bisneto e tataraneto de dois comunistas autênticos que dedicaram suas vidas à luta pelo povo brasileiro, pela justiça social. Talvez, você vá ouvir alguém falar mal das ideias comunistas e de comunistas. Não estranhe, ainda há muita gente ignorante que repete algo que ouviu sem refletir ou buscar mais informações, como há aqueles que combatem as ideias fundamentadas nos princípios socialistas porque pensam individualmente, pensam única e exclusivamente no seu bem-estar, são individualistas. Não tenho dúvida de que suas duas mães vão te ensinar o valor de uma luta coletiva e o educarão com sensibilidade e ternura.

Seja um homem livre, Ariel. Saiba fazer escolhas justas e corretas. Para ser livre é preciso estabelecer princípios que guiarão seus passos e tenho a certeza de que você saberá fazer escolhas justas e pensar coletivamente.

Não sei se estarei viva até você se tornar um rapaz maduro, autônomo; até o Brasil sair desse atoleiro em que mergulhou colocando uma pessoa desprezível na Presidência. Então, escrevo esta carta. Espero que ela chegue a você.

Com todo meu amor,

Sua babuchka Zoia.

CARTA PARA OS NETINHOS

Liana Fochi

Araruama, 05/10/2020

Queridos netos, João Marcelo e Giulia:

Escrevo aqui algumas emoções e sentimentos desse momento que estamos passando juntos e creio que ainda vai levar um tempo para que entendam, o que nós ainda não estamos entendendo.

Como em um filme de ficção, estamos vivendo e vendo um ser infinitamente minúsculo, mudar tanto nossas vidas e ceifar tantas outras.

O importante é entender, que essas mudanças trouxeram, muita reflexão e aproximação entres pessoas e ocorreu em milhões de famílias!!!

Particularmente, em meus 70 anos, quero dizer que, amo demais vocês, e um dia quando lerem essas linhas, vão saber que é preciso amar as pessoas como elas são, e que foi preciso esse momento estranho para entendermos que somos todos iguais, humanos e reais!! E sentimos muito por estarmos afastados de nossos parentes, amigos e os passeios rotineiros.

Mas tudo passará e retornaremos mais fortes, confiantes e tolerantes, com muito mais amor no coração, que assim seja!!!

AMO VOCÊS!

Vovó Liana.

ARMA INDESTRUTÍVEL

Aline Valente

Para Julia e João Gabriel,

Eu queria deitar sobre a relva fresca e sintonizar na estação da paz para conseguir escutá-la no canto do bem-te-vi no quintal; para senti-la na brisa mansa e morna dessas tardes de primavera. Queria esticar meus braços beem alto e apanhar os fiapos de nuvem lá no infinito de azul do céu e comer como pedaços de algodão doce de festa na praça. Queria lamber o rastro laranja que a lua deixa escorrer enquanto sobe serena por detrás do morro aqui na frente da casa. Queria afundar uma colher no escuro profundo da noite e recolher estrelas de todos os tamanhos para encher uma cesta de luz e distribuir entre as crianças da rua só para apreciar seus olhos extasiados. E queria que tudo isso pudesse desenhar a beleza nas palavras para escrever essa cartinha...

Mas estamos em guerra. De trás de nossas trincheiras vemos se espalhar uma grossa nuvem de fumaça por sobre todas as coisas. Sabe, quando os homens fazem guerra, mesmo que eles nem saibam que é uma guerra, uma fumaça se espalha por toda parte, até dentro de suas cabeças, que também ficam cinzentas e confusas. As nuvens perdem a brancura e se espalham carregadas de densa fumaça preta por toda extensão do céu. Não lembram fiapos de algodão doce e escondem as estrelas, a lua, o sol, a lucidez... Escondem as coisas que precisam ser vistas. Escondem a alegria. A fumaça, meus pequenos, também entra dentro de nós, à procura de nossa coragem para perseguir as noites enlustradas, as manhãs azuis e tardes alaranjadas que são capazes de dissipá-la. Ela as esconde para que esqueçamos. Esqueçamos a beleza. O riso. O prazer. Mas é preciso que vocês saibam que é possível colher estrelas com a colher e lamber o suco laranja da lua. É preciso que

vocês também um dia possam conhecer toda esperança e êxtase que pode caber nos olhos de uma criança. E é por isso que escrevo esta carta. Para que a força das palavras sopre para bem longe essa fumaça e dissipe as trevas. E que possamos enxergar. Mesmo com olhos fechados.

Um dia, nosso país sofreu um delírio coletivo. Viram em um homem de coração de pedra, olhos de serpente e cérebro de minhoca um Salvador da Pátria. Ele disse que os índios deviam ser banidos, que os negros não serviam nem para procriar, que as mulheres eram uma fraquejada, que o erro da Ditadura Militar fora torturar e não matar, que seus opositores deveriam ser metralhados, que preferia filho morto do que gay, e muitas outras coisas inacreditáveis; mas mesmo assim, e talvez por isso, as pessoas o chamaram de “mito”. É bom que vocês saibam. E não esqueçam. Não esqueçam nunca que da noite para o dia descobrimos que alguns “amigos”, incredivelmente, também defendiam essas idéias. E esse homem se tornou nosso presidente. Sua posse trouxe junto o descrédito pela ciência, o preconceito contra negros e gays, o extermínio dos povos indígenas, a perseguição aos direitos do trabalhador, a ausência de políticas públicas, o caos econômico, a miséria, a incredulidade, a tristeza. Não sei em que tempo vivemos, mas acreditam que a Terra é plana, que o homem nunca foi à lua, que a floresta não queima porque é úmida, que o aquecimento global não existe porque neva na Europa e que os índios colocam fogo nas florestas. Acho que a fumaça mais do que embaçou alguns miolos, ela conseguiu cozinhá-los. O fato é que nada está em seu lugar.

Teve um rio em chamas no Pantanal. Animais cambaleantes tentando fugir da língua de fogo que tudo devorava. Espécies em extinção incineradas. Solo irrecuperável. Vegetação devastada. Fogo no Xingu. Índios assassinados. Queimadas na Amazônia. Captação irregular das águas dos rios por empresas que os fazem desaparecer. Seca. É primavera. Nenhum esforço do país. Nenhuma preocupação. Imagens pregadas em nossas retinas. Impactos imediatos em nossas rotinas, vocês levam o dedinho ao

nariz e dizem: “Vovó, tem sangue”. Como se respira se falta o ar? Quem pensa dentro da fumaça ou com fumaça dentro? Quem grita além dos corpos sem vida? Quem sobrevive se ninguém vive?

E como se fosse pouco, no meio dessa guerra apareceu um minúsculo visitante em nosso planeta. É invisível, porém poderoso. Carrega sobre a cabeça uma coroa de espinhos, mas nem mesmo essa simbologia fora capaz de fazer os homens enxergarem a fumaça de guerra que embaça todas as coisas. Viajou os quatro cantos da terra e atacou os homens indistintamente. Apesar de ser distinta a forma que esses tiveram para enfrentá-lo. Fechou as fronteiras dos países, trancou as pessoas em seus lares, fechou escolas, shoppings, proibiu abraços, paralisou os poderosos, mobilizou a ciência. Sofremos ameaça de extinção. Mas isso também não foi capaz de despertar nos homens a empatia.

Assistimos estarecidos a milhares de mortes diárias, à cena desoladora de caixões sendo sepultados em extensas valas, ao desespero de pessoas que os velaram lacrados e sepultaram o defunto trocado. Nós aqui pudemos acompanhar o desespero de perder alguém querido logo no início da pandemia. Os olhos azuis do tio Dedé que deixavam lágrimas de riso escapar pelos cantinhos se fecharam para sempre. E o céu ficou com menos estrelas azuis. A morte tornou-se assunto corriqueiro em nossas conversas. E o medo também. Vi-o na procura acentuadamente insistente que parecia assegurar a presença. Na pergunta sem hora marcada: “Vovó, você vai morrer?” Nos abraços mais demorados. E o medo se fez cuidado. No uso da máscara, na distância do coleguinha. “Vovó, você tá velhinha mas ta custando a morrer”. Com entonação de constatação tranqüilizante. Fabulações sobre a morte e a vontade de morrer para saber como seria o céu trouxeram à tona a coragem infantil que não pode ser esquecida. A coragem para enfrentar a fumaça que nos confunde e nos paralisa e poder colher estrelas com a colher para enfeitar as noites de luar. Coragem para rir da cara da fumaça e soprar bem forte para ver a cara da vida. Esse sopro só criança sabe, quando a gente cresce, às vezes a gente esquece mesmo que tem a coragem. E que sabe rir. Mas eu tenho

um segredo. Aqui na minha trincheira eu não desisto de lutar. Quando vocês riem, eu guardo o som de sininhos em meu alforje. Quando a alegria brilha em seus olhinhos, eu pego rapidamente e também guardo no alforje. Quando vocês dormem, eu colho seus suspiros e também guardo no alforje. Capturei a janelinha sem dente de Júlia e vou guardá-la em meu alforje sempre aberta, para me ajudar a enxergar mais longe. O dente pontiagudo de João também guardei em meu alforje, para quebrar o gelo entre as pessoas. Então já posso contar: a arma capaz de destruir tudo isso e nos trazer de volta a alegria já está quase pronta.

Com amor da
Vovó Nine.

SOBRE QUAREN...TENAS E VIAGENS À VÊNUS

Juliana Crespo Lopes
Denise Barbosa Vasconcelos

Lucca, Matteo e Lívia,

Escrevemos esta carta para vocês de um momento bem difícil e preocupante de nossas vidas, em nosso micro e também macrocontextos. Inclusive, adiamos a tarefa algumas vezes por faltar pique ou inspiração para escrever algo bom, que seja ao mesmo tempo reconfortante e estimulante para nós agora e para vocês no futuro.

Estamos vivendo um momento histórico e nem um pouco animadas por isso. Vocês vão estudar sobre essa época na Escola e na Educação Superior e vai parecer tudo muito estranho. Vocês terão, talvez, lembranças de um vírus do mal e vídeos de vocês falando coisas como “tem que mandar o vírus pra Vênus” e “vint...te, trin...ta, quaren...tena”. Uma primeira infância assim não estava nos nossos sonhos e planos para vocês, mas esperamos realmente que sejam lembranças leves e acompanhadas de risos.

É provável que suas relações sejam ainda mais virtuais do que já são hoje e essa epidemia certamente vai contribuir para isso. Temos uma grande preocupação com a Educação de vocês: queremos que vocês e todas as outras crianças tenham acesso a diferentes contextos, trocas e experiências que fomentem pensamentos críticos, criativos, empáticos e coletivos. E é um pouco sobre isso essa carta.

Tem gente dizendo que a COVID-19 é algum tipo de resposta ou plano astral para limpar a planeta, deixar os “bons”, os “preparados” e que dar uma lição na humanidade. Nós não pensamos assim e também achamos que é bem provável que não iremos “mudar para melhor”. Já faz algum tempo que nós duas

sabemos que mudanças podem não ser necessariamente boas, apesar de que muita gente ainda não entendeu isso... Não acreditamos nem que se muda para melhor com castigo ou prisão, como achar que uma pandemia vai alcançar isso?!

Em um esforço para encontrar algo de bom no meio dessa situação causada pela pandemia da COVID-19, ficamos pensando no quanto vocês estão aprendendo nos últimos meses. Aprendendo a viver em um mundo muito diferente do qual vivemos e tendo a oportunidade de mais tempos de ócio, para observar e conhecer aquilo que lhes desperta curiosidade e fascínio.

Sabemos que são crianças extremamente privilegiadas, que têm uma rede de adultos dispostos e disponíveis, além de acesso material a tudo que precisam (e um pouco mais). E pensamos que ao invés de sentirmos alguma forma de culpa por isso, devemos ficar felizes e lutar para que todas as crianças consigam ter acesso a tudo aquilo que vocês têm.

Temos várias críticas à forma como a maioria dos processos educacionais acontecem e vemos o quanto os seus primos mais velhos estão sofrendo para dar conta e de fato produzir conhecimentos com as atividades remotas. Por outro lado, vemos que vocês estão tendo tempo e oportunidade para tatear o mundo - mesmo que num espaço reduzido - com suas próprias mãos, olhos e ouvidos atentos.

Lucca, poder compartilhar os inúmeros momentos em que você observa atentamente cada detalhe dos espaços e pessoas é um prazer inenarrável! Você percebeu e acompanhou por semanas cada folha e pétala dos cravos sendo devoradas por algum animal que ainda é misterioso para a gente. E o que é mais lindo é que você quer compartilhar seus saberes com o mundo: mostra as Espadas de São Jorge, novos ninhos de passarinho que surgem no jardim e nos explica como o gás que existe em Vênus fede. Você, no alto dos recém-completados 4 anos, faz ciência diariamente. E faz isso com tanta inteireza e interesse que só nos faz desejar que em breve os espaços acadêmicos sejam povoados por pessoas como você, em todas as áreas do conhecimento.

Matteo, você tem crescido muito nesses últimos meses. Em dezembro você completará 3 anos sendo uma criança bem diferente daquela que começou a pandemia sofrendo com o fêmur quebrado, as duas pernas engessadas e muito medo de tudo. Hoje você ainda tem seus medos mas os coloca à prova (ou pelo menos tenta fazer isso). Pula no sofá, no puff, no chão, da escada. Cai, chora e levanta pra pular mais. Demonstra ser, desde o incidente com o fêmur, uma criança extremamente resiliente e que se adapta a tudo e que o mundo não vai te obrigar ou te privar de nada! Tem opinião sobre as brincadeiras, sobre a comida e até sobre estilo. A sua atenção montando um quebra-cabeças no dia do aniversário do Lucca nos chamou a atenção. Você observa, tenta, faz de novo e não se dá por vencido. Você é inspirador e queremos aprender a ser cada vez mais como você.

Lívia, não tem sido fácil acompanhar seu crescimento à distância... Por mais que os muitos quilômetros de estrada nos separem desde que você nasceu, agora ficou mais difícil. Ainda assim, a tia Ju vibra de alegria quando recebe suas chamadas de vídeo espontâneas (porque, de acordo com você, ela sempre atende). É importante que você saiba que ela sempre estará aqui, pra te ouvir e pra te contar histórias do mundo. Acompanhamos diariamente pelas redes sociais da mamãe e achamos incrível sua conexão com a natureza e com os livros. Ao arriscar os números, estabeleceu uma relação extremamente contextualizada: “quaren” só podia ser completado com “tena”, uma das palavras mais presentes no vocabulário atual! Mês que vem você completa 2 anos e meio e a impressão que temos é que você nunca sentiu medo na vida. Lembramos do vídeo em que você estava na praia e uma onda veio e te fez cair. Você levantou e continuou brincando. Simples assim. Nos livros, te vemos passando as páginas e contando histórias próprias, sem preocupações com a história “certa”, sem memorizações. Sua criatividade e livre expressão nos nutrem.

Cada um, em sua singularidade, têm se tornado pessoas que estão no mundo ativamente. Vocês estão produzindo conhecimentos, agregando ao mundo e às pessoas. Vocês não são reprodutores e sim produtores de conhecimentos e isso é lindo e

fundamental! Desejamos muito que - quando for possível acontecer de forma segura - vocês voltem às aulas mantendo suas formas únicas de ser e estar e fazer no mundo.

Nos nossos desejos também estão incluídos vários outros de que sejam colaboradores para a transformação positiva do nosso mundo. Temos visto em nosso país (desde antes da pandemia, mas agora está mais gritante) muito egoísmo, desrespeito e ignorância. De tempos em tempos a humanidade se perde de sua essência. E nessa realidade, congelamos um pedacinho de nossos corações para sobreviver a realidade de desigualdades. Instinto de sobrevivência, talvez. Pensávamos que corações sensíveis não resistiriam a tanto egoísmo, corrupção, opressão, consumismo descontrolado, destruição da natureza, antipatia, estranhamentos, conversas sem escutas... Deixamos uma luzinha se apagar dentro de nós quando nos percebemos adultas contribuintes desse sistema. Difícil reconhecer fazer parte disso. Difícil mas necessário, pois por meio de suas chegadas e convivência, despertamos nosso melhor eu. A existência de vocês foi uma chave ligada para reaquecer nossos corações, desembaçar nossa visão, iluminar nossas mentes. A alegria que vem do dia a dia de vocês, nos dão força para lutar e reacreditar na possibilidade de algo melhor. Acordamos todos os dias querendo ser melhores e lutar contra a ordem atual. Por isso, também, desejamos profundamente que vocês se tornem pessoas que levam em consideração as demandas das outras, respeitem as pessoas, a natureza, a cultura, a educação e a ciência.

Lembrem-se sempre que a gente só existe no coletivo e que sempre que temos uma atitude de consideração com o outro estamos fortalecendo uma estrutura na qual queremos viver. É mais do que fazer algo de bom para receber em troca em outro momento. É cuidar porque entendemos que essa é a dinâmica que valorizamos e que queremos que se expanda. Façam o certo porque é certo, não porque existem prêmios e retribuições. Respeitem e cuidem dos outros porque todos os seres vivos merecem cuidado e respeito. Sejam exatamente aquilo que são, respeitem sua essência.

Aprendam, acolham, se misturem com a essências dos outros. Sejam diversos sendo quem são.

Além de cuidar e respeitar as pessoas, cuidem e respeitem a natureza. Nós pertencemos a ela e não o contrário! Tem muita gente, principalmente as poderosas - ou melhor, as que estão no poder, achando que vale a pena acabar com florestas, colocar fogo em plantas e poluir as águas. Nesse momento de pandemia tem gente fazendo isso escondido e isso vira dois erros: mentir e destruir a natureza. Outra coisa que estão esquecendo é que se agíssemos de outra forma com os animais talvez esse vírus nem estivesse por aqui.

Valorizem todos os conhecimentos e garantam que os seus também sejam valorizados.

Vivam a cultura em todas as suas manifestações, das eruditas até às chamadas populares. Desbravem novos campos e manifestações culturais menos convencionais. Sem a arte, nós adultos não estaríamos sobrevivendo com um mínimo de saúde mental e prazer à essa pandemia, e nem vocês. As animações, músicas e todos aqueles traçados que vocês fazem em papéis, no chão e às vezes nas paredes, é tudo arte, tudo cultura.

Saibam que Educação é mais do que educação escolarizada, cheia de aulas e conteúdos para estudar. Vocês vivem a educação e produzem conhecimentos diariamente. Ainda assim, a escola é importante. Só precisa ser reinventada, habitada por toda as pessoas que dela fazem parte, inclusive por vocês. Que vocês voltem pra escola contribuindo para essa mudança e que os adultos de lá estejam abertos para escutar vocês.

Pensem mais sobre Vênus e todos os planetas, arrisquem respostas e possibilidades a partir do que sabem e conhecem. A questão não é saber de tudo sempre, é buscar saber mais, se informar, perguntar e observar. Cresçam fortes e felizes e, para sempre, construam conhecimentos como crianças!

Com amor,
Tia Ju e Tia Dedê.

CARTAS ÀS NOSSAS CRIANÇAS: MEMÓRIAS DA MAMÃE PARA O THOMAZ

Emilly R. M. Oliveira

Bom Jesus do Itabapoana (RJ), 14 de setembro de 2020.

Oi Thomaz, meu filho tão amado...

Estou num sábado à tarde, no notebook, tentando escrever esta carta de memórias para te explicar o que vivemos neste período conturbado que está sendo a pandemia pela COVID-19. Digo tentando, porque você está acordando de seu soninho da tarde e está puxando minha mão, fazendo carinhos no meu braço... o que me deixa completamente “derretida”. Passado uns minutos, neste momento enquanto escrevo, você adormeceu novamente e está segurando meu braço.

Quando tudo aconteceu, você tinha 1 ano e 7 meses, foi em março de 2020. Literalmente, todo o mundo sofria, foram muitas perdas, muita angústia e incertezas, porque não muito é sabido desta doença que está devastando lares e famílias.

O mundo se tornou um lugar triste e as pessoas ficaram estranhas, porque umas não acreditavam que era real e outras ficaram tão assustadas que até exageravam nos cuidados. Todavia, com o tempo, as pesquisas foram avançando, as informações foram sendo divulgadas e as pessoas foram tomando consciência que precisávamos cuidar uns dos outros. E a principal forma de nos cuidarmos foi e está sendo o isolamento social.

Obviamente não é nem um pouco fácil, pois somos pessoas sociáveis, gostamos de estar com nossa família e amigos, gostamos do contato físico de um afago, um abraço, um cumprimento, porém faz-se necessário este isolamento. As pessoas se tornaram

estranhas, porque algumas afloraram seu lado altruísta e outras, o seu lado egocêntrico. Várias entenderam que precisávamos nos ajudar, nos cuidar e organizaram campanhas de arrecadação de mantimentos aos necessitados, respeitavam o isolamento para protegermos nossos entes mais vulneráveis. Porém, algumas não abandonaram seu lado mais egoísta e não respeitavam as recomendações de saúde, não acreditaram na ciência e na real agressividade desta doença... Resultado: a pandemia está sendo perdurável e dolorosa para todos e todas.

Mas falando de um episódio muito legal que aconteceu conosco foi o seu aniversário. Em plena pandemia que não era permitido e nem prudente fazer aglomerações, não poderíamos organizar uma festa. Então pensamos diferente, a mamãe, papai, você e sua avó Tereza fomos de carro nas casas de nossos parentes e amigos queridos, levando uma lembrança da fictícia Festa de 2 anos do Thomaz. A bolsinha continha docinhos, bolo, salgadinhos e muito carinho. A idéia original era fazer a “festa *delivery*” contigo para tirar fotos, com o intuito de te mostrar quando crescesse. Mas até que funcionou nas primeiras casas, porém depois da terceira pessoa chegando de máscara e se aproximando da sua janela... Acredito que as pessoas mascaradas e que fazia tempo que você não as via, te causou estranhamento, o que resultou num mau humor terrível. Ríamos muito da sua carinha linda que ficou feia para tudo e todos!

O isolamento social fez com que a mamãe trabalhasse de casa, o que aconteceu com muitos papais e mamães. Seu papai tinha que sair para trabalhar todos os dias, porque ele tem a lanchonete. Para a mamãe, isso significou um grande desafio, desenvolver os afazeres do trabalho remotamente, acumulando os afazeres domésticos com um pequeno pulando, teclando no computador, querendo atenção, me distraíndo com seus carinhos e bagunças... Confesso está sendo um enfrentamento, mas ao mesmo tempo, está sendo um prazer. Um prazer porque a mamãe estava muito presa ao trabalho e só te encontrava no almoço e a noite, quando voltava para casa.

Eu sentia falta de estar mais contigo, mas ao mesmo tempo fazia-se necessário e o trabalho sempre foi importante para a mamãe. Com isso, estar mais presente em casa, te ver brincando, fazendo suas peraltices, estar participando mais ativamente do seu desenvolvimento, me deixava mais feliz. Claro que sem uma ajuda isso não seria possível, a mamãe estaria muito estressada com este acúmulo de funções, porém nós temos a tia Dorcas que cuida com grande zelo e carinho de você e me ajuda a dividir as tarefas da casa.

Acredito que você ouvirá de mais mulheres o quão estressante foi esta época, porque todas as mães ficaram sobrecarregadas, eram todos as afazeres de casa, a atenção com seus filhos e filhas, ajudar com a educação para os que já frequentavam a escola, concomitantemente com as metas e atividades do trabalho que tinham que cumprir. A mamãe irá conversar muito com você sobre o respeito para com suas amigas e suas mães, o quanto devemos respeitar o papel protagonista da mulher na sociedade, combinado?

O tempo tomou uma proporção relativamente diferente do que sempre foi para quem precisava “cumprir tudo para ontem”. Tudo era realizado com pressa, a vida era bem corrida. Com os nossos compromissos tendo que ser feitos todos ao mesmo tempo, com a mesma intensidade e com distrações do ambiente de casa, a vida corrida e frenética precisou dar um basta e o tempo para a execução das atividades teve que ser maior para que pudéssemos efetuar-las com eficiência (na medida do possível) e termos alguma saúde mental. Isso teve consequências, boas e muitas ruins, mas como prefiro ver o lado bom das coisas, as pessoas começaram a ver e a beleza de seu jardim e da natureza, a ouvir o canto dos pássaros que sempre nos visitam, a beleza da sua casa e da vizinhança que vivem. Com a mamãe e o papai não foi diferente... Para você ter a dimensão do desafio, a mamãe começou a carta no sábado e só está finalizando numa segunda-feira! Finalizando contigo ligando e desligando o ventilador, enfiando o dedo na hélice em movimento, correndo para todos os lados, implicando

com os cachorros e vindo me dar um abraço ou um beijo e me puxando para te dar atenção!

Meu amor Thomaz, a mamãe finaliza esta carta que foi um prazer escrevê-la para você, desejando que seus dias sejam sempre alegres, regados de muitas brincadeiras, bagunças e ensinamento também. Saiba que você transformou nossas vidas, por tua causa, me sinto uma mulher realizada, feliz e sempre em busca de ser uma pessoa melhor. Nunca se esqueça do que a mamãe te fala todas as noites logo antes de adormecer: “que Deus te abençoe e que a mamãe e o papai te amam muito, muito e muito, meu filho”.

Toda a felicidade e beijos deste mundo,

Mamãe.

UMA LUZ PARA MINHA LUZ NO FIM DO TÚNEL

Anilia Francisca Mércio da Silveira

Te descobri antes desse mundo "pandelouco" de agora, e o que tinha planejado pra nós com certeza não eram 200 dias de isolamento, 140 mil mortes, greve de praia, afastamento do trabalho, falência financeira, crise existencial e tanto negacionismo. Mais do que perceber que a vida tinha de fato mudado - e eu, que já odeio mudanças, haveria de engolir isso - era perceber que as pessoas não eram assim tão solidárias, disciplinadas, coerentes e tão doidas de certa forma. Sim, eu reconheço que o mundo sempre foi assim, mas eu estava bem preocupada vivendo a minha vidinha, que estava um bocado cansada de ficar reparando ou me preocupando em ensinar as pessoas como elas deveriam se portar. Afinal, eu mesma nunca deixei que me ensinassem como viver a minha própria vida.

Você foi planejada, querida, idealizada, sonhada. Te queria menina mesmo, mulher como eu, independente de tuas escolhas futuras, queria que você entendesse a fortaleza desse "sexo frágil" e se tornasse minha cúmplice nessa derrubada do patriarcado que está bem próxima.

Estava longe de casa e temia te perder. Me achei super irresponsável por arriscar engravidar em outro país, longe de todas as coisas que eu conhecia, sem assistência hospitalar e entendendo só 50% do que a médica maluca esbravejava pra mim. Mas uma coisa eu entendi, em claro e bom som: cada gravidez, é única, as histórias não se repetem, se você perdeu bebês antes, não significa que vai perder esse. Acredite, confie.

Voltei ao Brasil, marquei ultra, ouvi seu coração, fiz exames de sangue, de urina, comecei a tomar medicação pra trombofilia, voltei a trabalhar, fiz prova de doutorado, finalmente passei, finalizei vários projetos, comecei a elaborar outros tantos,

passamos o carnaval juntinhas, eu fantasiada e você pulando na barriga, aluguei o apartamento pro carnaval, vendemos coxinhas nos blocos pra levantar uma grana, sua bisavó veio pra cá, contamos pra ela, não contamos pra mais ninguém, não enjoiei nenhum dia, não engordei nada, comia muito, comprei um armário pro quarto, doei metade das roupas, chorei pra caramba, corri atrás de doações de medicamentos, tomei vacinas, procurei obstetra, fui nuns três diferentes, procurei uma doula, comecei a processar o plano de saúde... UFA... intensos três primeiros meses! Dai...alguém no trabalho fala que tinha chegado um vírus da CHINA e que já tinham vários mortos por lá. Deram 15 dias pra todo mundo ficar em casa, só por precaução - "em abril todo mundo tá de volta!", o vírus já tinha chegado na Europa, mas era bem difícil chegar aqui. O professor de Ciências da escola olhou desconfiado e disse: "aposto que só voltamos em setembro, se voltarmos". Eu, já insegura por conta de você dentro de mim, temi essa profecia. Diante do otimismo da direção da escola, do governo que acha ser só uma gripezinha, saímos sem nos despedir ou levar qualquer coisa, fossem livros, diários de classe, um abraço sequer.

Saímos do Rio, e os 15 dias viraram um mês, dois... o COVID 19 já era pandemia mundial... e eu cada dia mais grávida, contei pra família, contei pra direção do trabalho, pus nas redes sociais, vi a barriga crescer, daí não teve jeito: comecei entender o que era estar GRÁVIDA. Te assumi e me assumi. O fato de não sentir nada nos primeiros meses, tinha me feito esquecer desse detalhe, embora, como te disse, você foi sempre mais que desejada. O tempo da pandemia me ajudou a parar e a perceber que aquele ritmo doido que eu te arrastava sem perceber era totalmente incompatível com meu desejo de te ter. Eu não entendia que ser mãe era ouvir meu corpo e ouvir que você estava ali dentro, super viva e tentando se comunicar comigo... mas o barulho aqui fora, abafava a sua voz.

Hoje agradeço ao distanciamento, porque sem ele jamais me daria esse tempo de espera. A expressão "estar esperando" nunca fez tanto sentido. Esperava você, mas também esperava que as

mortes cessassem, que saísse o auxílio emergencial dos mais pobres, que o governo tomasse uma atitude, que achassem uma vacina, que eu pudesse visitar mais alguém, ou ao menos voltar pra casa, de onde tinha saído desde março. Mas o tempo era de espera.

E nessa espera comecei a acordar tarde, comer frutas de manhã, cozinhar e experimentar receitas, fazer alongamentos sozinha, cuidar da minha avó que estava confinada comigo. Comecei a ver que não queria fazer nenhum projeto nessa pausa, porque meu maior projeto já crescia dentro de mim. A angústia foi passando e tudo desacelerando. Fazia tantas listas pra cumprir junto com seu pai... mas a gente procrastinava, porque o tempo tinha agora outro tempo.

Ainda não tinha comprado nada pra você, arrumado seu quarto, decidido enxoval... todos os dias a gente adiava as compras, porque sair era um perigo e pela internet não parecia nada divertido, tudo que eu via era tão caro. Os artistas todos parados, então seu pai também estava parado, o dinheiro curto, cada dia mais curto - apelei pra doações de várias amigas com filhos bebês e pequenos - todas atenciosas, solícitas, começavam a mandar de tudo. Até chá fraldas virtual fizeram pra nós. Sua bisá me disse que você tinha muita sorte, e eu devo concordar com ela - apesar da crise, do estado pandêmico, da economia falindo, você era só abundância. Ela também me disse que sonhava contigo toda noite e que vocês brincavam muito.

Eu nunca sonhei com você, pelo menos dormindo, nunca. Sonhava acordada, na esperança de que você viesse ser uma luz nesse mundo trevoso. Daí seu nome foi escolhido: LUZ.

Da barriga, você com certeza não fazia idéia dessa história toda, e em que condições bizarras estava esse mundo aqui fora, enquanto você estava quentinha e protegida aí dentro! E tão pouco pôde perceber o medo que eu senti por nós... (sabe o professor de Ciências? Perdeu a mãe e o irmão pro vírus.) No fim não era uma "gripezinha" e muita gente ainda está morrendo nesse exato momento. O estranho é pensar que você vai nascer, e isso ainda não está nem perto de acabar.

Hoje vamos pra 40 semanas, você ainda aí dentro, eu aqui fora, e o que eu posso te dizer quando você chegar? Que não vamos receber muitas visitas, que ficar me dedicando boa parte do tempo à você na barriga foi um privilégio, mas que eu não tenho boas notícias desse mundo que te recebe. Não, não acho que vamos ter uma vacina ainda em 2020. Não, não acho que os governos negacionistas tenham aprendido alguma lição. Não, não acredito que as pessoas estão sendo super solidárias. Não, não acredito que haja uma mudança nesse capitalismo selvagem que jamais pensou nos seres humanos. Não, não penso que mudanças profundas aconteceram com a população mundial depois da pandemia e do isolamento... e pior de tudo isso, penso que quando finalmente for feita a imunização de quem puder ou tiver essa vantagem, tudo volta a ser como antes, em menos de 6 meses. Sim, lamento, sou pessimista.

Mas que mudanças esperamos? Não sei de fato, o que os outros esperam, mas me alegro de saber que pelo menos eu mudei. Que hoje eu estou totalmente diferente, e filha, meu amor, não foi por causa da pandemia, mas por causa de você. Os filhos e mães dessa geração que desponta são minha esperança de mudança de um mundo melhor, de uma real LUZ no fim desse túnel.

MEMÓRIAS DE 2020

Ligia Portugal Gomes Rebello
Thiago Soares de Freitas Rebello

Guarapari/ ES, 11 de setembro de 2020.

Amados filhos Mariana e Daniel,

Escrevemos a vocês com muito carinho e amor. Desejamos que quando estiverem lendo essa carta, estejam felizes e realizados, inclusive, relembrem destes momentos de quarentena como um tempo difícil, porém de muito aprendizado, amadurecimento, crescimento pessoal, conexão familiar, amor e dedicação.

O ano de 2020 chegou como outro qualquer: novas expectativas, planos e oportunidades, entretanto, junto com ele veio a pandemia do novo coronavírus, que assombrou o mundo. No Brasil não foi diferente. Na cidade litorânea de Guarapari, a nossa família *Gomes Rebello* constituída pelo papai Thiago, a mamãe Ligia e vocês, nossos queridos Mariana (8 anos) e Daniel (6 anos), resolvemos fazer desse tempo o mais agradável possível. Os primeiros tempos de isolamento social foram dois longos meses, em que ficamos completamente confinados em nosso agradável lar. Sempre que possível, nos reuníamos para nos divertir com algum jogo de tabuleiro, filme ou mesmo uma refeição com todos à mesa e, de preferência, degustando comida japonesa.

Os dias passaram, a agonia de ficar em casa apertou. Daniel estava muito triste na véspera de seu aniversário, havia pedido de presente um final de semana num hotel com animação e colegas para brincar, contudo os hotéis estavam fechados e o isolamento não permitia o contato com outras crianças. Então, tivemos a ideia de comemorar o aniversário do Daniel em um sítio distante da

cidade, desfrutando de um final de semana em família. Papai e mamãe planejaram tudo com muito carinho. A mamãe organizou uma bela festinha com direito a bexiga, bolo e docinhos. Papai ficou responsável pelas brincadeiras, teve cabo de guerra no sabão, pescaria no lago e muito mais diversão. Durante a festa, os convidados foram chegando nas telas dos nossos celulares, juntos cantamos “Parabéns” e, de maneira virtual, os vovôs, vovós, tios e tias puderam participar desse momento de alegria e celebração. Esses dias no sítio renovaram nossas energias, nos deram fôlego para continuar e alegraram o aniversariante.

O momento ainda nos traria duras realidades. O papai, dentista, teve que deixar o emprego para cuidar do vovô e da vovó com mais segurança. Somos gratos a Deus por nada ter nos faltado. A decisão de deixar o trabalho mostrou-se acertada. A maior dificuldade chegou quando, na tarde de uma segunda-feira, o vovô Samuel precisou ser internado às pressas, uma correria! A suspeita de estar contaminado com o maldito vírus estremeceu a nossa família. Foram três dias de muita agonia! Na manhã de quarta-feira, enquanto fazíamos uma conferência familiar virtual, recebemos a dolorosa notícia que ele não havia suportado o tratamento e veio a falecer. Uma perda que nos causou dor extrema, vazio e impotência, porém, um dos momentos mais marcantes disso tudo foi nós quatro nos abraçarmos e juntos intercedermos pela nossa família, pedindo o consolo divino. Devido à suspeita de coronavírus, o culto fúnebre ocorreu sem corpo presente, em uma sala virtual onde as pessoas, mesmo distantes, puderam interagir e se despedir de alguém tão especial como o vovô Samuel, um grande amigo. Com tudo isso, resolvemos passar o luto em família, nos reunimos na casa do Tio Filipe e ali estivemos juntos por quase um mês.

Algumas aflições surgiram durante esse tempo. Daniel perdeu o apetite e emagreceu bastante, além de querer ficar muito tempo assistindo a vídeos no *tablet*, algo que não era comum. Ele dizia que os vídeos o faziam sentir alegria, pois ainda estava muito triste e, vez ou outra, chorava antes de dormir com saudades do vovô.

Mariana ficou grudada na vovó, dando todo suporte necessário para que ela não se sentisse sozinha, e, com isso, acabou absorvendo alguns problemas e engordando. O tempo passava, e apesar das conversas, orações em família e brincadeiras em casa, nada supria o vazio deixado pelo vovô.

Algo surpreendente aconteceu! Vocês sempre pediram um cãozinho de estimação, porém, a mamãe Ligia nunca gostou de cães dentro de casa, sempre dizia que na casa dela não seria possível, que as crianças precisariam ter suas próprias casas para terem um cachorro. Entretanto, ao ver os filhos passando por uma dor tão grande, nosso coração se comove e podemos, inclusive, superar traumas de infância, como era o caso da mamãe. Ela se rendeu e aceitou que vovó Nélia nos presenteasse com uma cadelinha. A Minnie chegou e além de levar embora o trauma da mamãe, trouxe enorme alegria para o nosso lar! A escolha do nome dela foi muito interessante: depois de o papai ter lido duzentos nomes de cachorro, cada criança fez uma lista com os nomes preferidos e apenas o nome Minnie estava presente em ambas. Minnie é super “serelepe”, faz companhia na hora do banho, de dormir e no dia a dia.

Durante as férias da mamãe, fomos para a roça, nos isolamos da Internet e outras tecnologias. Foram dias sem TV, celular ou *tablet*. O lazer foi tirar leite, andar a cavalo e cuidar de uma cabritinha recém-nascida, a Bebel. Nós nos divertimos bastante.

Muitas outras coisas aconteceram nesse período de pandemia, Mariana desenvolveu diversas habilidades, principalmente as voltadas para artes manuais, desenho e a produção de vídeos para o TikTok. Ela ficou muitas horas planejando e executando seus belos projetos artísticos. Além disso, passou a vender “*donuts*” e trufas para juntar um dinheirinho. Uma menina extremamente criativa e que busca soluções nas coisas fáceis. Com tantas habilidades, mesmo em meio a todo caos vivido, conseguiu receber o título de melhor aluna da turma por seu desempenho e dedicação. Filha, você que nos traz muito orgulho!

Apesar da grande saudade que o vovô nos deixou, com o passar dos dias, a presença e os cuidados do papai e da mamãe, somados à união da nossa família, foram fazendo com que os dias se tornassem mais leves. Sabemos que muitas histórias teremos para contar sobre esse tempo de isolamento: medo, dor e união são alguns sentimentos que farão parte delas. Por outro lado, muitas habilidades foram desenvolvidas, nossos valores mudaram e ter a família junto com a gente, com certeza, é o que mais nos traz forças para seguir em frente.

Esperamos estar sempre juntos.

Com amor,
Papai e mamãe.

CARTA PARA CECÍLIA

Caroline Gonçalves Silva Mendes

México, 08 de agosto de 2020.

Minha querida Cecília,

Essa carta é pra te contar um pouco sobre esse ano assustador que foi 2020. Estamos em agosto e eu já estou usando o pretérito perfeito. Na época a gente não sabia, mas na verdade esse ano terminou em março. Você está lendo esse relato no futuro e certamente a essa altura já deve ter estudado sobre a maior pandemia mundial do século 21 (que eu saiba, e espero realmente que seja assim, pois não sei como o mundo reagiria a um outro golpe dessa intensidade), por isso a minha intenção aqui não é te dar um panorama histórico do que foi 2020 para o mundo. Eu quero te contar a *nossa* história.

A pandemia se tornou real para nós em meados de março, quando estávamos passando férias com a família no Brasil. Como sempre, dividimos nossas férias em duas etapas: uma no Rio e outra em São Paulo, para podermos rever todos os familiares e evitar crises de ciúmes de avós, tios e tias, que contam os minutos para matar a saudade e mantém uma rígida contabilidade do tempo dedicado a cada um! Na metade carioca da viagem, ainda éramos intocados pelo vírus. Já sabíamos da existência do COVID-19, porém tudo parecia muito distante e nós seguíamos vivendo uma vida normal. Fomos com teus avós, tios e tias para Búzios. Fizemos passeio de barco, nadamos no mar, passeamos pela Rua das Pedras, fotografamos com a Brigitte. Enfim, turistas normais, alheios aos problemas do mundo, mas atentos ao melhor ângulo pra uma selfie em família. Na noite de despedida do Rio, fomos a um restaurante

chamado À Mineira, em Niterói; ali, eu e seu pai matamos a saudade da comida mineira que não se encontra aqui no México, rimos, brincamos com a família, curtindo os últimos minutos que teríamos com eles antes de partir pra São Paulo. Me lembro de ter ficado indignada com um rapaz que ria a plenos pulmões enquanto pegava uma porção de batata frita no bufê. “Que irresponsável” – eu pensei – “rindo desse jeito perto da comida! Poderia contaminar todo mundo”. Que hipócrita, não, minha filha? O mundo em crise, o vírus já havia feito vítimas no Brasil e eu secretamente recriminando um homem desconhecido enquanto gargalhava à mesa com as piadas dos teus tios. Em nossa defesa, ainda não havia sido decretada a quarentena no Brasil e àquela ocasião nenhum de nós tinha noção das proporções que essa pandemia tomaria mundialmente. Mas ainda assim, fica a lição de que bom senso não deve estar condicionado a uma obrigação. Naquele dia poderíamos ter adoecido ou infectado outras pessoas. Mas só pagamos a conta, passamos álcool em gel e seguimos viagem.

Em São Paulo foi que nos demos conta de que a situação era mais grave do que pensávamos. Primeiro, recebemos a notícia inédita de que seriam suspensos os cultos presenciais na Congregação Cristã no Brasil. O ministério se antecipou às autoridades e determinou que os cultos seriam através de plataformas digitais até que fosse seguro voltar a se aglomerar. Isso gerou um grande burburinho entre os fanáticos e antiquados, papo de fim de mundo e tudo mais, mas na verdade foi uma solução maravilhosa para manter o povo acalentado em um momento tão incerto e desesperador. Em seguida, foi decretada a quarentena na cidade de São Paulo e passamos todo o tempo confinados na casa da vó Zezé e do vô Pedro. Todos os nossos planos de matar saudade da incomparável culinária brasileira com incontáveis idas a restaurantes foram cancelados. Adeus coxinhas, pastéis de feira, pizzas com borda recheada, baião de dois e tigelas de açai. Nosso reencontro com familiares e amigos também foi impossibilitado e o maior evento da nossa estada paulista foi quando eu e papai fomos ao supermercado para abastecer a despensa da vovó e do vovô.

Nosso retorno para casa foi antecipado para 21 de março, porque todos os vôos da Aeroméxico posteriores a essa data foram cancelados. Ficamos num dilema sobre o que fazer: ficar no Brasil junto com a família ou voltar pra casa? Resolvemos voltar pra casa.

Aqui no México nossa rotina não fugiu muito do habitual. Pensando bem, antes de todo esse caos, eu e você já vivíamos praticamente em quarentena. Nossas raras saídas durante a semana se limitavam a idas ao pediatra ou ao posto de saúde. A maior diferença estava nos fins de semana. Os fins de semana sempre nos reservavam uma pequena fuga da nossa rotina, seja com a ida semanal aos cultos, seja com almoços e jantares com amigos em restaurantes, eventos na nossa casa, passeios em cidades vizinhas ou uma simples ida ao supermercado. Pode parecer pouco, mas esses dois dias de socialização semanal nos davam fôlego novo para toda a semana. Quando tudo isso foi suspenso (inclusive as idas ao supermercado, pois crianças menores de 10 anos não podiam entrar nem usando máscara), ficamos praticamente isoladas do mundo. O papai seguia trabalhando normalmente desde o início, porque sua empresa estava na cadeia de produção de artigos de primeira necessidade. A Tina, nossa ajudante, passou a quarentena conosco, mas na maior parte das vezes você não me permitia conversar com ela, numa mescla doida de ciúme e necessidade de atenção própria de um bebê dos seus dois anos. Foi uma fase um tanto complicada, mas passou. Uma vez por semana eu escapava até o mercado em frente a nossa casa, não só pra repor algo na despensa, mas também para restabelecer um contato mínimo com outros seres humanos, nem que fosse apenas para responder se ia pagar com dinheiro ou cartão. Claro que durante todo esse tempo seguiam as conversas no whatsapp (talvez aí no futuro já não exista mais, então me explico: whatsapp é um aplicativo de mensagens muito utilizado no século XXI, que nos permite ter conversas individuais, mas também criar grupos, onde basicamente as pessoas compartilham memes, opiniões políticas geralmente infundadas, fake news e figurinhas divertidas), mas não era suficiente. Esse caos nos ensinou que até

a mais introvertida das pessoas necessita um mínimo de socialização no mundo real para manter a sanidade mental. Nós respeitamos o distanciamento social enquanto pudemos: desde que chegamos do Brasil, em março, até 17 de julho, que foi quando oficialmente nos tornamos infratores e “furamos a quarentena”. Recebemos aqui em casa o tio Douglas, a tia Carla, o Arthur e o Richard. Já não os víamos desde março e esse reencontro foi um bálsamo para todos nós! Conversamos, brincamos, comemos, reclamamos da quarentena interminável. Mal sabíamos que esse ano ainda nos reservava algumas surpresas.

A essa altura, várias pessoas da nossa família já haviam contraído o vírus. Primeiro o tio Bruno e a tia Lalá, depois vários tios e primos. Fomos tomados pelo imenso pavor de perdê-los, mas Deus foi muito misericordioso e os guardou. No dia 20 de julho eu passei mal à noite e precisamos correr pra emergência. O medo de levar você pra um ambiente possivelmente contaminado era grande, mas naquele momento não havia muito o quê fazer. Um dos males de viver tão longe da família. Você não vai lembrar o que aconteceu, mas sua reação foi super empática, como se estivesse ciente da gravidade da situação, todo o tempo me assegurando de que tudo estava bem. Passamos a noite no hospital e queriam me internar, mas eu pedi alta voluntária, pois o que fazer com minha bebê de dois anos que aguardava no carro? Aquele dia eu tive muito medo de morrer: como um mantra, eu repetia “Meu Deus, me deixa criar a minha filha”. Só de lembrar, já sinto um calafrio percorrer a minha espinha. E eu te digo: não é o medo do desconhecido, mas sim o de abandonar tudo o que mais amamos. Nós nunca estaremos preparados. Enfim, voltamos pra casa e na mesma semana buscamos um especialista que nos ajudasse a chegar num diagnóstico. O Dr. Alemán era uma espécie de Dr. House (célebre personagem genial capaz de chegar aos diagnósticos mais improváveis) e me informou que o processo de pesquisa para chegar ao meu diagnóstico se daria através de duas internações, a primeira sendo de um dia e a segunda, de até cinco dias. Nessa época eu ainda te amamentava e veio a preocupação do

que fazer a teu respeito. Além disso, dependendo do meu prognóstico também precisaríamos de ajuda. Quanto ao leite, compramos um extrator elétrico, certos de que resolveria o problema, porém você não aceitou o leite na mamadeira. Chegamos à conclusão de que o teu desmame ocorreria à ocasião da segunda internação. No quesito ajuda, acionamos a vovó Lila e pedimos que ela viesse nos apoiar. Nesse intervalo, no dia 2 de agosto, você tropeçou nos crocs do Richard e bateu o rosto no rack da sala de TV. Graças a Deus não foi um desastre, porém resultou em uma fibrose, que demandou muitas sessões de fisioterapia, que seguem acontecendo no momento em que escrevo essa carta.

Em meio a esse turbilhão, temos boas notícias: a vovó Lila chegou! Ela enfrentou uma viagem de 9 horas usando máscara em meio a uma pandemia, correndo risco de contaminação, para nos fazer companhia e nos ajudar em nosso momento de necessidade. Espero que nós possamos retribuir todo esse amor e esse cuidado. Ai no futuro ela já deve estar bem velhinha, talvez até um pouco diferente de como a conhecemos agora e eu desejo que você se lembre do quanto ela é incrível e quanto amor ela dedicou a nós. Aliás, essa doença foi especialmente cruel com nossos idosos e nos ensinou a protegê-los e valorizá-los mais do que nunca. Eles carregam nos ombros a nossa história, são a fundação das nossas famílias. Cuide bem dos teus idosos, minha filha.

Hoje já estamos em 23 de setembro de 2020 e seguimos em quarentena. Ainda não sabemos quando vai acabar. A triste verdade é que pra muitos já acabou da maneira mais trágica possível. Nós ainda estamos aqui, vivendo um dia de cada vez. Esperando. Esse seria o ano que você entraria na creche; ficou pro ano que vem, como tantas outras coisas que tiveram que ser adiadas ou mesmo canceladas. Eu não sei se o mundo sai dessa diferente. Não sei nem se a gente sai dessa diferente. Espero muito que sim. Uma coisa é certa: saiba que você é uma privilegiada, que tinha água limpa e sabão para higienizar as mãos. Tinha comida, água potável. Tinha máscara e álcool em gel. Tinha uma família que se amava e que te amava. Tinha um lar de paz. Se sairmos dessa

mais gratos, já sairemos melhores. E eu espero que a tua geração faça melhor do que nós.

Eu te amo, meu grande amor. E não se esqueça: lave muito bem as mãos.

Caroline Gonçalves Silva Mendes,
Vulgo Mamá.

**PARA GABRIELA,
MEMÓRIAS DE UMA PANDEMIA**

Aline Deus da Silva Leite

Rio, primavera de 2020.

Filha, eu escrevo esta carta pra contar da nossa vivência de um importante e difícil período da história do nosso Planeta.

Em 2020 o mundo parou por conta de uma pandemia ocasionada por um vírus novo, o coronavírus do tipo SARS-CoV-2. Identificado na China no final de 2019 e tendo chegado ao Brasil em fevereiro de 2020, o novo coronavírus modificou por completo nossas rotinas, transformando nossas vidas. Você deve se lembrar de como a lavagem de mãos frequente e a utilização de máscaras e de álcool em gel passou a fazer parte de nosso dia a dia e daquilo que estranhamente nos habituamos a chamar de “novo normal”. Como pudemos ver normalidade em uma vida cheia de restrições e de medos, não é mesmo? E, mais, que normalidade podia haver na necessidade de ficarmos longe das pessoas que amamos?

É que, como o vírus se propaga pelo ar, a única medida comprovadamente eficaz de evitarmos sua disseminação era praticar o chamado isolamento social. De repente, então, Gabi, o mundo ficou tão estranho, mas tão estranho que nos mantermos distantes fisicamente das pessoas passou a ser a melhor forma de demonstrar amor e respeito por elas.

As famílias foram orientadas a ficar dentro de suas casas; as escolas interromperam suas atividades presenciais; o comércio fechou suas portas; as Olimpíadas foram adiadas para o ano seguinte; as casas de show, os cinemas, teatros, estádios de futebol e todos os lugares que reúnem muitas pessoas tiveram suas atividades suspensas; as ruas ficaram vazias e muitos trabalhos

tiveram que ser reinventados, passando a ser executados de modo remoto. Também muitas pessoas perderam seus empregos e as vulnerabilidades sociais existentes em nosso país ficaram ainda mais evidentes. Em contrapartida, foi bonito ver a solidariedade humana ganhando novos contornos, a partir dos tantos grupos de pessoas que se mobilizaram para oferecer ajuda ao próximo.

Seu pai e eu seguimos trabalhando, porque nossas profissões foram vistas como essenciais. Saíamos apenas, então, para trabalhar e ir ao supermercado. Nos primeiros meses de isolamento, contudo, foi possível nos alternarmos em nossas escalas profissionais para que pudéssemos prover os seus cuidados em casa, evitando que você precisasse ficar com seus avós enquanto trabalhávamos, como de costume. É que os idosos integravam o grupo de maior risco de adoecer gravemente caso fossem contaminados pelo coronavírus e, por isso, precisavam ser preservados.

Durante os vários meses de isolamento social, a nossa casa, então, virou o nosso mundo. Mas quando a alma é grandiosa como a sua, Gabriela, nenhum espaço, por menor que seja, pode contê-la. Com sua alegria, criatividade e energia sem fim, próprias de uma criança de quatro anos, você preencheu os espaços vazios com cor, magia e beleza, trazendo leveza aos dias conturbados e luz e esperança aos dias cinzentos. Eu agradeço demais à vida por ter você e seu pai comigo neste momento histórico tão delicado. Afinal, como afirmo tantas vezes, vocês dois foram simplesmente os melhores companheiros de isolamento que eu poderia ter!

Nesse seu lindo mundo de imaginação e fantasia, você foi: princesas, bailarina, Luna, sereia, Mulher Maravilha, bruxa, Capitã América, Batgirl. Nós dançamos, cantamos e representamos; fizemos muitas pinturas e desenhos; cozinhamos; brincamos e inventamos coisas. Construímos até um circuito de bolinhas, tarefa que começou pela manhã e que só concluímos a noite já com a ajuda do papai, lembra? E você nos conduziu a diversos passeios por lugares incríveis: praia, piscina, florestas... Fizemos também festas do pijama; acampamos e nos divertimos em deliciosos

piqueniques. Tudo isso dentro de casa, muitas vezes na pequena varanda do nosso apartamento.

Mas como nem tudo são flores, filha, nossos dias não foram sempre leves e coloridos. Saudade foi uma palavra muito falada e muito sentida por nós. Doeu no fundo da minha alma quando você, depois de mais de dois meses sem ver seus avós, começou o chorar todas as noites, de saudade deles. No dia das mães, o primeiro da minha vida em que passei fisicamente longe da minha mãe, foi o seu amor que me salvou. Você e seus tantos “eu te amo”; “você é linda”; “feliz dia das mães”; “mãe, mãe” (...) preencheram o meu dia com ternura, tornando o vazio deixado pelo distanciamento de sua avó mais fácil de ser suportado. E quando você chorou de tristeza ao se despedir de uma reunião online com sua professora, eu chorei junto, com o coração apertado. Foi durante a pandemia também que nosso cão Fred, já velhinho e doente, nos deixou.

O medo da morte e as incertezas quanto ao futuro passaram a fazer parte de nossa vida, estampados diariamente na mídia. Apesar de termos filtrado o máximo possível as informações que chegavam até você e de termos constantemente conversado sobre esse tal “novo normal” que estávamos vivendo, pesadelos, medos de fantasmas e sonhos com monstros e bichos perigosos começaram a surgir em seu mundo.

Certo dia seu pai ficou doente e tivemos receio dele estar com COVID-19, a doença provocada pelo coronavírus. Você cuidou dele com sua fantástica maleta de doutora e, algum tempo depois, virou-se pra mim e, preocupada, disse: “Mamãe, e agora? Como eu vou cuidar de vocês dois se você ficar doente também?” Eu olhei em seus olhos e, com um frio na barriga, tranquilizei você, dizendo que eu não estava doente e que, além do mais, sempre haveria pessoas que nos amam disponíveis para cuidar de nós, se necessário. Então eu te abracei forte, meu amor, como quem tenta proteger o filho de todos os perigos dessa vida.

Como as aulas presenciais foram suspensas, você teve que estudar em casa. Muitas escolas, sobretudo as particulares, trabalharam com aulas online, mas a sua fez a opção de enviar vídeos

gravados, nos quais eram abordados os conteúdos, cabendo aos responsáveis acompanhar as crianças na execução das tarefas propostas. Eu posso afirmar que a experiência de participar ativamente de sua educação formal foi tão maravilhosa quanto estressante. Foi lindo acompanhar de perto seu processo de construção de conhecimento e foi também extremamente exaustivo.

Nas vezes em que eu me lamentava do trabalho extra de estudarmos com você em casa, eu pensava nas tantas crianças brasileiras que ficaram sem acesso a estudo e sem qualquer suporte de suas escolas nesse ano. Talvez você ainda não entenda bem dessas coisas, filha, mas é importante que você saiba que vivemos em um país marcado por grandes desigualdades sociais e é importante que você reconheça todos os privilégios de classe que nós temos.

Enquanto nós humanos ficamos restritos a nossos lares, apreensivos com a realidade do mundo lá fora e não raras vezes nos lamentando das sobrecargas de trabalho, a natureza pareceu ter gostado do que aconteceu. Nos primeiros meses de pandemia, quando a população cumpriu mais seriamente a recomendação de isolamento social, as praias, os mares e os rios ficaram mais limpos; o ar das grandes cidades ficou menos poluído e os animais passaram a transitar por locais novos para eles, chegando a ser vistos até nos grandes centros urbanos, antes completamente tomados por carros, buzinas e pessoas com pressa, interessadas apenas em acumular mais e mais dinheiro.

Acho que o bicho homem é mesmo muito espaçoso, egoísta e arrogante. É que nós humanos ainda não entendemos que não somos os donos do mundo e da natureza, mas sim fazemos parte deles. Também temos muito a aprender com os animais no sentido de darmos valor ao que realmente importa. Como nos diz o nosso querido Pequeno Príncipe, que você, a propósito, conheceu em filme e livro durante a pandemia: “Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos”. Eu desejo muito que você já saiba bem disso ao ler esta carta.

No momento em que escrevo este texto, estamos ainda mergulhados no contexto pandêmico, com números que já se

aproximam da assustadora marca de 140 mil pessoas vitimadas em nosso país pela COVID-19. O governo brasileiro conduz a situação negando a gravidade do problema e a tão aguardada vacina contra o coronavírus está em fase de testes por diversos laboratórios no Brasil e no mundo.

No dia em que finalizo a escrita desta carta, recebemos a notícia de que seu pai, totalmente assintomático, estava com o novo coronavírus. Provavelmente, pela proximidade dele, você e eu também teremos recebido tal diagnóstico. Nossa quarentena familiar terá terminado um dia antes do seu aniversário de cinco anos que, a propósito, este ano terá sido mesmo comemorado com “só um bolinho”. Minha esperança mais sincera, portanto, meu amor, é a de que, quando você for capaz de ler esta carta daqui a alguns anos, já tenhamos, pessoal e coletivamente, superado este terrível problema e já estejamos vivendo dias melhores. Que o verdadeiro novo normal seja menos desigual, mais responsável e justo. Você e sua geração terão muito o que refletir e transformar para isto.

Com amor e fé no amanhã,
Mamãe Aline.

AOS MEUS FILHOS JOÃO, GABRIEL E SOBRINHOS

Palloma Beatriz Maia Botelho Aguiar

Itaboraí, 24 de setembro de 2020.

Olá, minhas crianças favoritas no mundo,

Com certeza, vocês são a parte da vida que mais me afeta. Isso porque o afeto que sinto por vocês é imensurável. A existência de vocês faz o mundo ganhar novo sentido, novas cores, assim como a dor, a alegria e o amor! Tudo foi ressignificado a partir de vocês. A felicidade, para mim, passou a ter nome e CPF quando vocês nasceram.

O ano atual é 2020 e estamos experimentando uma pandemia, devido a COVID-19. A gente fica em casa pra se proteger do vírus, usamos máscaras nas ruas, ficamos um tempo “afastados” do trabalho presencial e, sobre isso tudo, tive algumas “impressões” que gostaria de deixar registrado a vocês, pois, se em um futuro breve vocês vivenciarem algo parecido, saberão que não estão sozinhos e que vai passar. Escreverei em versos, pois a arte, a música e a poesia são escapes em tempo de angústia e, em minha opinião, são formas sofisticadas e profundas de comunicação, capazes de nos tocar a alma em pontos quase inatingíveis:

O mundo, a Europa, a América, o Brasil,
Estamos todos vivendo um grande dilema.
E em tempos de pandemia e quarentena,
A gente faz bolo, faz canjica, faz amor e faz poema.
E a gente inventa coisa pra brincar com os filhos,
É massinha, é tinta e a gente pinta tudo, até o teto.
Mas não é só tempo que a gente passa,
A gente passa tempo, passa vida, passa afeto.
É importante se proteger e lavar as mãos.
É bom poder amar.

É importante usar álcool em gel,
Estar em família, no aconchego do Lar.
Mas é preciso refletir,
Há muitas expressões dessa questão:
Antes mesmo da COVID-19 e da pandemia,
Já havia uma galera sem água pra lavar a mão.
Tenho visto coisas admiráveis,
Gente se ajudando, bonito de ver!
Mas também vi intolerância, discurso de ódio,
Que prefiro nem dizer.
Nesse período peculiar,
Você, João, nos ajudou a crer.
Oramos, sorrimos e choramos,
Enquanto observamos você crescer.
Vimos você aprender novas palavras,
Ouvimos quando o seu coração falava,
E diante de tanta beleza e perfeição,
Muitas vezes, a gente sorria e se calava.
Enfim, desejo que vocês sejam pessoas de fé.
Que peçam pelo mundo, pelos meus e pelos seus,
Que peçam por amor e sabedoria
E vejam em cada detalhe o cuidado de Deus.
Prezem pelo equilíbrio,
Quarentenas acabam, minha gente!
Mas o bem ou o mal que a gente semeia,
Esse sim é permanente.
Desejo que vocês sejam luz neste mundo,
Que em tempos de tempestade, sejam abrigo.
Que vocês consigam falar de suas dores,
Mas que também tenham alento a um amigo.
A vocês, desejo vida em abundância,
Que não falte o sustento e MAIS,
Que a nossa casa seja um lugar de proteção,
Provisão, aconchego, saúde e Paz.

Saibam que eu, mamãe e titia Palloma, amo muito vocês e que o meu colo, ouvidos, casa e carinho estarão sempre disponíveis. Oh, o vovô Marcos Venícios também tem algo a falar:

“O que posso deixar de positivo para os meus netos no futuro? Creio que diante de tantas coisas que têm acontecido e diante das dificuldades apresentadas nos últimos tempos, posso afirmar que

tempos difíceis formam gerações mais fortes, mais experientes. E creio que esses acontecimentos e incertezas marcarão com cicatrizes, algumas profundas, e lembranças em cada um de nós, marcando nossas vidas com marcas que jamais se apagarão. Pois quem de nós não perdeu um amigo, um conhecido ou um ente querido?

Contudo, devemos nos fortalecer em Deus, refletir e tirar lições de todos esses acontecimentos. Mas, nesses tempos de grandes incertezas e confusões, foi importante manter a calma e a sobriedade, sempre observando o que se passa em nossa volta, para que possamos deixar uma palavra de conforto e esperança: Tudo isso vai passar. Vovô ama muito vocês. João Gabriel e Ruan, que vocês cresçam em sabedoria e conhecimento e sejam guardados pelo nosso Senhor em todo o tempo.

O meu desejo é que todos os acontecimentos nos tragam aprendizado de amor ao próximo, de companheirismo, de solidariedade, de calor humano e que aprendamos a olhar o nosso irmão ou semelhante como alguém que sente fome, sede, dor e que sofre as mesmas angústias que nós. Então, coloquemo-nos na luta por um mundo melhor!”

Vovó Delmar também ama muito vocês e deixou um recadinho: “em todo tempo, tristes ou alegres, não desfaleçam! Busquem ao Senhor, pois Ele é a nossa força e fortaleza, bem presente na hora da angústia. Foi essa verdade que me sustentou nesses tempos de pandemia”.

Papai Flávio gostaria de dizer algo: “Desde o momento que soube que iria ser pai, dentro de mim cresceu o medo, a alegria, enfim, uma junção de sentimentos. E quando você realmente veio ao mundo e o vi pela primeira vez, a mistura de sentimentos aumentou, mas agora com uma certeza: devo ser o referencial para você, meu filho. Quero todos os dias ser espelho e ver você crescer e se tornar um homem de bem e de sucesso. Papai te Love”.

Com muito amor,
Titia e mamãe Palloma Beatriz.

CARTA PARA DAVI

Monique Teixeira Crisóstomo

Bom Jesus do Itabapoana, 24 de setembro de 2020.

Meu querido filho Davi,

Estamos no ano de 2020, em que muitas coisas boas e outras não tão boas aconteceram. Já é setembro e parece que ainda estamos estagnados lá em meados de março, quando nossas vidas tomaram rumos não guiados por nós. Uma pandemia causada pela COVID-19 (o famoso Coronavírus) tomou conta do mundo, chegando até nós a partir do dia 13 de março.

Nesse dia 13 você foi para a escola estudar e mamãe trabalhar. Você ficou lá muito feliz, lembro-me como se fosse hoje, me deu tchau, um beijo e entrou radiante. Fui trabalhar aliviada, pois você já havia se adaptado à escola novamente e não estava mais com aversão a ela. Enfim, parecia um dia normal como todos os outros. Chegamos a casa ao meio-dia e, às 13 horas, já recebemos notícias de sua escola e de meu emprego de que as aulas estariam suspensas, inicialmente, por 15 dias e 6 meses já se passaram.

Quanta coisa estamos vivendo, meu amor, quanto aprendizado, quanto aperto, quanto medo e quanta fé ao mesmo tempo. Estamos na casa do tio Batão há um ano e dois meses, pois a nossa está em reforma e já não nos vemos longe dele. Não sei o que será de nós e do titio quando formos embora daqui uma vez que nos apegamos ainda mais a ele. Tio Batão sempre foi um segundo pai para mim, assim como está sendo para você. Nunca se esqueça disso e jamais deixe de ser grato.

Pela segunda vez você teve uma festa de aniversário adiada, assim como a de um aninho, pois não podíamos aglomerar pessoas

por conta da pandemia. Estava tudo muito arriscado, sem maiores estudos e conclusões, mas papai e mamãe jamais deixariam essa data passar em branco, uma vez que você pediu tanto por essa festa e gosta muito de comemorações. Seu pai e eu “arregaçamos as mangas” e preparamos tudo para sua festinha, desde a ornamentação até as comidas. Tudo muito simples, feito com muito amor e carinho, mas víamos em seus olhinhos a felicidade, a alegria e a pureza de uma criança, que sabe ser feliz com as coisas mais simples da vida e que não precisa de muito para ser feliz, basta estar com quem ama. Ah meu filho, você nos ensina cada dia mais. Até agora, já fizemos cinco aniversários de 3 anos, de vários temas (Patrulha Canina, Batman, Mickey, etc), só com bolo e vela e você foi extremamente feliz em cada um deles e, conseqüentemente, nós também. Isso você puxou a mim, eu amo aniversários! Rsr rsrs.

Nesse período pandêmico, também, você voltou a se alimentar melhor e pudemos nos curtir mais, brincar, conversar e rezarmos juntos. Porém, você passou por fases bem difíceis, que deixou mamãe e papai enlouquecidos com suas traquinagens e pirraças. Oh fase! Será que passa? Rsr rsrs.

Tivemos perdas muito importantes nesse período, para você e, principalmente, para a mamãe. A Arlete, vizinha de frente à casa da vovó Lena, faleceu. Ela sempre foi uma mãe para mim e você a adorava. Mamãe ficou muito triste nesse período e quem me alegrava todas as vezes em que me encontrava nesse estado eram você, papai e Juju. Seu pai é um paizão, que brinca de tudo com você, virou seu coleguinha “Buno” nas aulas da tia “Boíque” (no caso eu) e nos desdobramos para fazer as atividades *online*, já que você não é muito chegadinho a estudar, meu amor (risos). Hoje, você decidiu que quer ser médico de cachorrinhos, pois levamos a Julie ao veterinário e voltou de lá encantado com o que viu. Quem sabe não é, meu filho? Você poderá ter a profissão que desejar, só pedimos a Deus que você seja um homem de caráter, honesto, uma pessoa do bem e que siga os preceitos dEle.

Já estamos há praticamente sete meses sem ver vovó Julia, vovô “Tominho”, dindinha “Biquel”, João, tia Manu Picoca e todos

da nossa família lá de Campos. Você chama todos os dias pelo priminho e meu coração fica partido em não poder levar você para vê-los. Vovó Julia teve COVID, papai foi para Campos cuidar dela e nós ficamos aqui com o tio Batão. Graças a Deus papai não se contaminou, mas, mesmo assim, quando chegou, fez o período de quarentena (na casa do tio Batão e nós fomos para a vovó Lena) e o exame para saber se tinha contraído a doença também. Esses dias foram uns dos mais difíceis, pois seu pai estava tão perto de nós e tão longe ao mesmo tempo; nós três chorávamos de saudades, mas tudo isso serviu para termos ainda mais certeza do quanto nos amamos. Nossa família é nosso maior tesouro.

Ah meu príncipe, vamos à parte mais difícil e gratificante deste ano: a chegada do nosso Matteo. Seu primo já é benção de Deus desde a gestação da Didi. Desde a 12ª semana que ele estava na barriguinha dela, já nos mostrou como Deus é infinitamente Misericordioso em nossas vidas. Matteo veio ensinar à mamãe que as coisas fogem ao controle dela e de toda a nossa família, mas veio também nos sacudir e ver que precisamos ter mais fé e servir a Deus. Matteo veio nos mostrar que tudo acontece no momento certo, no momento em que Deus quer. O tempo de Deus, meu filho, não é o nosso. Ele sabe de todas as coisas e uma coisa eu te digo e quero que você leve para a vida: “Quem dobra seus joelhos ao chão e clama a Deus por misericórdia, é por Ele amparado”. Tenha sempre Deus e Nossa Senhora à frente de sua vida, Eles nunca irão te desamparar, tenho certeza disso.

Está sendo assim com o Matteo, que acabou de passar por uma cirurgia no coração e eu tenho a certeza de que ele sairá vitorioso dessa. Meu filho, tantas pessoas rezando por ele, pela Didi e pelo Ratão, simplesmente lindo tudo isso, pessoas que nem conhecemos e que estão firmes em oração conosco. Isso que é importante na vida, meu carrapatinho, “fazer o bem sem olhar a quem”, devemos ajudar sempre nosso próximo, fazer tudo que pudermos para ajudar as pessoas, pois assim chegaremos a Deus.

Didi e Ratão (tio Thiago) estão dando exemplo de força e fé e Matteo de superação, lutando demais para viver. Como estou

rezando! Rezo dia e noite e você me acompanha algumas vezes. Nas vésperas de o Matteo passar pela cirurgia, fizemos uma vigília de oração durante toda a noite, você rezou comigo, do seu jeitinho, das 23 horas até 1 hora da manhã, foi tão lindo te ver rezando, pedindo tão genuinamente pelo seu priminho que, por vários momentos, me emocionei.

Meu filho, meu coração dói de tanta saudade que estou da Didi. Nunca fiquei sem vê-la por tanto tempo em quase 35 anos. É raro um dia que não choro com saudades dela, mas sei que ela está lá no Rio de Janeiro cuidando do nosso pequeno e que, daqui a pouco, estaremos todos juntos novamente. Não pudemos conhecer seu priminho pessoalmente ainda, mas o amamos demais e vamos amá-lo eternamente. Tudo que mais quero é que você e Matteo sejam os melhores amigos, que sejam irmãos, assim como eu e Didi sempre fomos. Cuide sempre dele, meu amor, assim como eu cuidei e tentei proteger a Didi. Não faça isso porque ele tenha o Down, isso não é problema algum, mas porque você é um pouquinho mais velho que ele. Tenho certeza que Matteo também te protegerá e cuidará de você em vários momentos.

No meio de toda essa turbulência, a Kaká se casa com o tio Edi, sem convidados, com apenas umas doze pessoas na igreja e você foi pajem dela. Meu filho, você ficou a criança mais linda desse mundo, entrou puxando um carrinho com as alianças, dando um show de beleza e alegria. Como você é alegre e feliz, meu amor! Isso é tudo que eu mais quero na vida!

Enfim, meu filho, o que te dizer de 2020 até agora: que não controlamos nada em nossa vida, que pensamos que a planejamos, que temos domínio de nós mesmos e de muitas situações. Por muito tempo eu pensei assim, até que um vírus tão minúsculo, invisível e desconhecido colocou o mundo em um grande colapso. Mas tudo isso nos está servindo de aprendizagem, para que possamos dar valor às coisas mais simples da vida, como um beijo e um abraço, ir à pracinha que você tanto ama, caminhar no calçadão de Guarapari, ir mais vezes à casa dos “bisos”, ir para a escola (pois você já está pedindo para ir). Quando tudo isso passar,

nada mais será como antes: já cremos mais em Deus, temos a certeza que Ele é o dono do tempo, somente Ele tem domínio de nossas vidas e que a Sua Misericórdia é infinita. Você é o melhor presente que eu e seu pai poderíamos ganhar de Deus! Te amamos infinitamente e sempre estaremos ao seu lado, meu amor!

Beijos,
Mamãe.

DUAS CARTAS PARA DOIS FILHOS

Elaine Pacheco e Silvio Lima

Queridos Theo e Matheus,

Passar esse tempo em isolamento social tem sido uma mistura de emoções, medo e ansiedade na maior parte do tempo. Vocês sabem o quanto gosto de ser ativa, estar na rua trabalhando e estar sem isso tem mexido um pouco comigo, mas o mais difícil é não saber como o futuro será.

E principalmente, não ter controle sobre as coisas. Sei que a vida na maior parte do tempo é assim, mas essa impotência mexe com a gente né? Mexe sim! Eu queria poder ter meus filhos junto aqui debaixo dos meus braços, mas não está sendo possível. Ter um filho nessa loucura da pandemia do outro lado do mundo sem ter a menor ideia de quando o verá novamente é de enlouquecer. Mesmo esse filho tendo 20 e já está lá a mais de 2 anos, mas no meu coração de mãe isso não faz a menor diferença. No entanto, Matheus, a preocupação com você aí tão longe, no Japão, acaba sendo amenizada um pouco por saber que aí você está mais amparado. Porque sei que aí está seguro e tenho confiança que tem se mantido assim, uma vez que sei o homem responsável que se tornou. E tem dado exemplos disso a todo o momento. Mas aqui filho, as coisas não andam tão bem assim e ter o pequeno Theodoro por aqui tem sido bem apavorante, o medo dele contrair COVID-19 sendo ele do grupo de risco as vezes sufoca, mas por enquanto temos ficado bem. Meus dias com esse pequeno tem sido de desafios, tentar conter tanta energia e acompanhar sua rapidez, ou não enlouquecer com milhões de perguntas ao mesmo tempo tem sido uma prova de resistência rrsrsr!

Mas posso falar? Mesmo assim tem sido maravilha, com a minha correria do dia a dia eu me distanciei um pouco da sua rotina

né Theo? E resgatar isso tem me dado tanta alegria. Quando me lembro das coisas simples que não estava podendo fazer junto com você, como preparar seu café da manhã, deitar a tarde para ver filme ou brincar das inúmeras brincadeiras que você cria... Isso era raro, pois muitas vezes já chegava na hora do jantar e no fim de semana nem sempre isso era possível. E agora estamos podendo ter esses momentos de volta, né meu amor. E apesar de exaustivo tem sido a melhor parte. Penso que quando a rotina anterior voltar, terei que repensar essas coisas, você vai crescer muito rápido e se eu não parar para viver isso com você agora isso nunca mais vai voltar.

Pensar no quanto o tempo é importante tem sido uma constante nesse momento, isso tudo serviu para nos mostrar que a gente precisava de uma pausa. Parar, ter mais calma e dar valor as pequenas coisas do cotidiano, e estar com vocês meus amores têm que ser prioridade e muitas vezes a gente se esquece, achando que vamos ter tempo para isso no futuro... mas pode não acontecer. Eu sei que as vezes eu fico muito estressada, e quero ficar reclusa um pouco, mas a mãe também está aprendendo e a barra as vezes é bem pesada. Mas tenho muita sorte de ter vocês, de poder ouvir sua voz Matheus mesmo de longe para amenizar a saudade e de ter esse pequeno espoleta pedindo para deitar-se nos meus braços para ficar, como ele diz “de boa assistindo vídeos no Youtube”. Isso sem dúvida é a melhor parte. Tenho esperança de que o mundo depois disso tudo seja um pouco melhor e que vocês possam estar sempre seguros, e que eu tenha muita saúde para ver as coisas incríveis que vocês têm pra mostrar. Isso vai passar queridos e vamos estar todos juntos sempre. A mãe ama muito vocês meus amuletos da sorte, um beijo grande!

Mamãe!

Théo,

Quando você puder ler esta carta, espero que tudo já esteja do mesmo jeitinho de antes... bem, pelo menos parecido... Precisamos muito do pipoqueiro no caminho da escola, não é? Não sei se exterminamos o “Coroma vairus” mas certamente ele não anda pelas ruas assustando as pessoas como o Fred, o Jason e o palhaço It como você imaginava. Foram dias difíceis, mas que você deixou bem mais felizes. Pode acreditar. Meus dias seriam muito, muito difíceis sem nossas aventuras no Minecraft. Construir casas, minerar, matar monstros e proteger aldeões foi um grande alento para suportar o nosso isolamento voluntário. As brincadeiras pela casa, as corridas, com ou sem patinete, o futebol de corredor, o pique esconde tudo isso tornou nossos dias melhores.

E quantas coisas assistimos juntos! Muitos e muitos desenhos animados, filmes, vídeos engraçados no youtube. Você inventou mil pegadinhas... como se esconder atrás da cortina no meu quarto de trabalho / estúdio improvisado, também conhecido como quarto do Matheus. E depois vinha de fininho e pelas minhas costas (eu ali absorto com os inúmeros problemas de trabalho e contas para pagar) e dava um bú! e morria de rir da minha cara de susto! Quantas invenções, corridas de carro em pistas super elaboradas. Se bem que algumas pareciam ter saído de uma pintura do Salvador Dalí de tão improváveis... certamente nunca veremos estas na fórmula 1, mas no chão da sala sempre dava certo com as espetaculares capotagens de carrinhos de metal no piso de taco da sala.

Fizemos muitas delícias gastronômicas. O seu “pão frito” com mortadela, o sorvete “estufado” que na verdade se chama leite trufado e só encontramos na região dos lagos... Então eu precisava comprar lá e viajar quase duzentos quilômetros de carro para trazer esta iguaria para casa. Veja como foi difícil manter o rigoroso padrão culinário na pandemia! E pizzas, muitas pizzas! Cada dia com pizza você dizia que era o melhor dia da sua vida.

Apesar de estar o tempo todo em casa, num ciclo entediante que parecia não ter fim, você encontrava alegria e diversão em pequenas

coisas do cotidiano. O medo de sair na rua, a saudade avassaladora do Matheus no Japão, tudo se dissolvia em brincadeiras que levavam a risos e muito afeto. Se a saudade apertava, você sempre aparecia com uma proposta imaginária irrecusável: “Papai, imagina um milhão de eu te abraçando...” Este caleidoscópio de aconchegos tornou nossos dias de isolamento cheios de felicidade.

Espero que seu medo de sair de casa tenha passado. Passar os dias em casa com você em meio à pandemia nos mostrou que, apesar do clima de “apocalipse zumbi” lá fora (realmente as ruas estavam cheias de zumbis cloroquinados) a vida continua. E mesmo com medo, precisamos viver, rir, brincar e retomar as ruas. Viver a vida lá fora é um direito nosso. A rua não é do Corona. A rua é nossa desde os tempos de um poeta chamado Castro Alves que escreveu que “a praça é do povo como o céu é do Condor”. Mas o que eu quero te dizer é que sempre, sempre vão aparecer “corona virus”, zumbis cloroquinados, palhaços assassinos mentirosos que se alimentam do desespero das pessoas. E sempre teremos que lutar contra nossos medos e outros terrores – alguns imaginários e outros bem reais. Mas nós precisamos sempre encarar nossos medos e retomar a vida e abraçar o mundo lá fora. As vezes espantamos o medo correndo na praia deserta com as vovós, as vezes gritando e batendo panelas (você grita bem alto viu?), outras vezes simplesmente indo pra rua em um dia lindo, cercado de amigos apenas para celebrar a liberdade.

Desejo que você continue doce, sensível e amoroso como era aos cinco anos nos tempos de COVID19. Mas também cheio de energia, ideias e transbordante de imaginação. Espero que possamos continuar durante toda a vida fazendo o que aprendemos juntos no Minecraft: construindo coisas, ideias e sonhos; lutando contra monstros reais ou imaginários e protegendo os aldeões. Somos todos aldeões que precisam proteger uns aos outros. Sempre.

Um milhão de meus abraços.
Papai.

O PÔR-DO-SOL TRAZ A PROMESSA DO FUTURO

Rui Harayama

Eu escrevo essa carta no meio de uma pandemia, o ano é 2020, e eu espero que desse ano sejam poucas as suas lembranças. Porque ele foi um ano dolorido, e uma criança de 5 anos não merece isso.

Aliás, 5 ou 6? Eu nunca sei se podemos realmente contar o aniversário feito pelo zoom.

Ele vale?

O ano é 2020, mas parece que não conta como ano de verdade. O que você acha?

Eu te escrevo essa carta para que um dia possa lê-la no futuro, fico imaginando se você ainda tem esse olhar doce e sapeca. E se eu, ao seu lado, ainda irradio amor.

Agora são seis da tarde, e o céu fica com uma cor azul e alaranjada, você ainda se lembra dessa paisagem?

Todos os dias em que passávamos juntos o pôr-do-sol te deixava agitado, significava a hora de te entregar para a sua mãe, era o momento de você ir jantar, era a hora do banho. Era tudo envolto em sentimentos tão complexos quanto as cores do céu do pôr-do-sol em Santarém. E para tentar te acalmar eu te colocava sobre os meus ombros e apontava: Olha Ravi, o *vannila sky*!

Essa pandemia foi muita injusta conosco, logo no início do ano eu prometi a você que iríamos ficar mais tempo juntos e estaria todas as sexta-feiras, sábados e domingos perto de você, brincando, cozinhando ou só vendo o *vannila sky*. Eu prometi que iria te ensinar a andar de bicicleta sem rodinhas e você me prometeu que ia comer verduras. Desenhamos o quarto onde você viria dormir, planejamos festas de pijama e comer bolo à noite. Mas a covid chegou em nossa cidade, e da última vez que nos vimos, nós brigamos pelo suco verde do *Hulk* que você não quis beber. Mas eu achava que era importante.

E ficamos separados por quatro meses.

A gente fazia ligações pelo celular. Mas nem tudo na vida tem graça pela tela, nem os jogos de xadrez, nem a roupa nova que não entra e nem os trabalhos com areia que você fez no quintal.

Veza por outra me avisavam que você olhava o céu no pôr-do-sol, bem no momento do *Vanilla Sky*. O que passava pela sua cabeça, você se lembra?

Depois de quatro meses, eu me lembro quando pudemos nos encontrar novamente, foram dias de ligações de monitoramento de uma quarentena conjunta. “E deu febre?”, ficávamos nos perguntando.

A sensação de poder rever você depois de tanto tempo, o frio na barriga e a ansiedade, parecia que éramos, os dois, crianças.

Eu me lembro de como senti você mais pesado e maior, imagino que tenha me visto mais velho e com olhar cansado. Eu preciso pedir desculpas, por alguns meses eu perdi aquele brilho no olhar de quem acredita no futuro.

Você me ensinou que é possível criar histórias, você me apresentou o morceguinho de retalhos que comia as verduras por você.

Criamos um castelo de caixas e garrafas para proteger seus bonecos, criamos um robô de papelão que iria acabar com a Covid e o Bolsonaro. Eu me lembro que fizemos muitos planos para “Quando acabar a pandemia”. A gente nem sabia quanto tudo isso iria durar, enquanto eu escrevo, ainda não sabemos. Saber qualquer coisa foi muito difícil em 2020. E imagina, nesse cenário, você já está começando a se alfabetizar, e sentado ao meu lado com aquele olhar fulminante olhava a letra cursiva e dizia: eu odeio isso.

Você sabe que escrever é importante, pelo menos para mim, que recebi o bilhete de letras desenhadas RAVIAMARUI.

A sua professora notou que você escreve do avesso algumas letras, de forma espelhada.

Sua mãe me perguntou se podia ser um problema.

“É, 2020”, eu disse.

Esse ano foi muito injusto com a gente, foi tudo às avessas. Até a letra S parecia querer ficar ao contrário.

Mas eu agradeço agora todas as vezes que pude receber o seu abraço e beijo e bilhetes.

O mundo está se tornando um local mais perigoso para todos nós. E eu realmente fico chateado porque você sabe disso. A professora antes de suspender as aulas te ensinou sobre o Coronavírus, e você acabou sabendo pela televisão quantas pessoas morreram.

Eu sei que você não merecia passar por isso. E todos aqueles animais que gostamos de ver no vídeo do *Youtube*, um dia apareceram queimados no jornal, era o incêndio na Amazônia e no Pantanal.

Você que já viu tantos avós indo, não merecia ver seus pais novamente chorando a morte de um velhinho. O Poriciwi virou estrelinha.

Nesse ano de 2020 o céu ficou mais estrelado.

O pôr-do-sol é o anúncio de um novo dia recebido por todos os nossos antepassados que viraram estrelinhas. Eu não sei onde eu vou estar quando você ler essa carta, o futuro ainda é muito incerto e turbulento. Mas a esperança que nos move é que ainda iremos ver muitos pores do Sol juntos, e que depois da tempestade o '*Vanilla Sky*' é muito mais belo e impactante.

Com amor, japapai.

NOSSA PONTE

Elisângela da Costa Lima

Oi menininho,

Para alguém que ama escrever cartas, é um pouco estranho que esta seja a primeira vez que eu coloco algumas letras no papel para você, faltando poucos meses para os seus dois aninhos.

Não diria, no entanto, que a minha demora de 603 dias para te escrever esteja relacionada ao turbilhão de sentimentos provocado pelo nosso doce encontro. Acho que a razão para que eu tenha adiado este e outros tantos hábitos seja, simplesmente, a consciência de que a principal função das minhas mãos é segurar bem firme as suas, nestes nossos primeiros dias de caminhada por esta bela ponte que começamos a atravessar.

Além disso, passados nossos iniciais doze meses, mergulhamos, junto com o resto do planeta, em inesperadas, atípicas e difíceis semanas de isolamento. Eu começava a acreditar que poderia dar passos mais suaves e seguros, enquanto você ensaiava os seus para o mundo, quando seu simpático sorrisinho ficou restrito a mim, ao papai e aos seus dois irmãozinhos de quatro patas.

Por um longo tempo, em nossa casa, só entraram compras higienizadas junto com as notícias de potenciais estratégias, estimativas, teorias e tentativas para enfrentar o invisível. “Medo” deve ter sido uma das palavras mais ouvidas em todo o país. Um debate angustiante sobre a escassez e os limites de nossos, antes frequentes, atos de trabalhar, transportar, comer, estudar, correr, treinar, comprar, vender, sair, frequentar, conversar, brincar, interagir... e amar disputam espaço com a avaliação de novos casos de Covid-19, o número de leitos em unidades de terapia intensiva, a morte, a perda e a dor. Assistimos, incrédulos, os comentários despreparados acerca de uma tal “gripezinha” que dizima famílias.

Planos, empresas, empregos, promessas e sonhos perdidos. “Fechem o cinema, a creche, a escola, o parquinho, o restaurante, o teatro, a piscina”. “O que fazemos com a economia?”, “E o vestibular?”.

Além de “medo”, outras expressões, foram reiteradas insistentemente. *Lockdown*, *fake news*, negação, assintomáticos, hospital de campanha, informações confiáveis, máscaras, ciência, profissionais de saúde, auxílio emergencial, desigualdade, fascismo, corrupção, Witzel, Trump, Bolsonaro, genocida, laranjas, governadores, violência doméstica, ministros, militares, congresso, Supremo Tribunal Federal, boiada, Amazônia e Pantanal (em chamus) são ouvidas na televisão e se misturam com a sua voz doce que aprende a dizer e repete “gool”, “aga”, “mamá”, “não”, “boia”, “papai”, “vovó”, “ucu”, “au-au”, “carru”, “minhão” e “bibi”.

Como crescer e experimentar o mundo dentro destas paredes? Eu queria te mostrar a textura da areia, o cheirinho da terra, a brisa e o barulho do mar, o colorido da cidade e das pessoas correndo para todos os lados. Mas lá fora, um pouco da vida e da esperança, por vezes, se extingue diante de nossos olhos, enquanto nos adaptamos a novas formas de trabalho e de relacionamento.

Parece haver todo o tempo do mundo e nenhum tempo no mundo. Não é preciso, ou possível, perder horas no trânsito para chegar ao trabalho. Como para tantas professoras neste país, o trabalho é que chega, impreterivelmente, nos prazos da agenda, pelo *e-mail* e por mensagem no *whatsapp*. Um trabalho pelo qual sou apaixonada, mas que se amontoa com a pilha de roupas, de louças e de brinquedos espalhados pela casa. E todos estes afazeres, prazerosos ou não, misturam-se com as expectativas do seu pai e as suas demandas, seu choro, seu sono, sua energia, seu carinho e minhas dúvidas. Milhões de dúvidas me assombram por aqui, meu filho.

Às vezes, penso que poderia — e eu bem que gostaria — que isso tudo estivesse sendo um pouco mais fácil. Eu sei quais são as prioridades, mas mesmo assim, é difícil organizá-las durante a nossa travessia. É como se, todo dia, caísse aquela chuva de verão que escurece um pouco o caminho, trazendo alguns raios, vento

forte e até granizo. Talvez, ainda não estejamos devidamente maduros para lidar com as intempéries recorrentes em nosso percurso. Por mais que tudo nesta vida (e via) se repita, penso que para todos que atravessam estes dias (e suas pontes) como nós, é fácil se esquecer do que aconteceu ontem, de como nos abrigamos com a ajuda de alguns amigos ou de que é sempre necessário retirar as novas folhinhas que ficam obstruindo e formando poças nos locais onde a água da chuva deveria escoar. Nossas histórias (e, portanto, nossas dores) se sobrepõem a consciência de que devemos ser pessoas melhores para encarar os quase mesmos fatos que foram vividos pelas gerações que nos antecederam. (Sim, meu pequeno, em alguns anos, você irá entender que eu estou falando de gripe espanhola, holocausto, ditadura, guerras e tantas outras mazelas já vistas por este caminho.)

Nossa travessia traz aflições e também conforto, não é mesmo? Vamos sentindo cada novo ciclo de calor, com a subida do ar úmido e, em seguida, o retorno da água das nuvens para o mar, nos convidando a revisar nossos passos enquanto atravessamos nossa ponte imaginária. Você, invariavelmente, se aborrece quando não obtém algo que acabou de te encantar. Uma bicicleta que passa ao lado levando outro garotinho ou a rapidez daquele passarinho que levantou pouso antes que você chegasse perto podem provocar alguma contrariedade em seu rostinho doce. Lágrimas surgem acompanhadas de muito barulho quando você não é atendido a contento, o que é normal enquanto você não possui capacidade de lidar com as frustrações. Então, eu te pego em meu colo, falo baixinho no seu ouvido, canto ou te balanço bem alto para arrancar um sorriso e desviar sua atenção ou te fazer entender alguma coisa sobre aquilo que você não pode ter. Enquanto pondero mil vezes se deveria ceder ou ser mais dura, você, por vezes, grita mais alto tentando se soltar dos meus braços.

Algumas coisas são previsíveis, esperadas, e provavelmente iguais para todas as mães (e pais), estejam eles enfrentando ou não uma grave pandemia. Somos ambíguos e carregamos uma vontade absoluta e absurda de satisfazer quaisquer desejos e oferecer as

melhores e mais adequadas palavras, exemplos, oportunidades e experiências. Mesmo que a gente não consiga porque nossos (desequilibrados) pensamentos estão sempre contaminados pela nossa ansiedade e as nossas limitações. Nosso olhar e nosso colo é um exercício, uma tentativa de ensinar algo que te faça forte, persistente e, sobretudo, uma pessoa melhor para o mundo. Este exercício é temperado com aquele amor que não cabe dentro da gente e uma pitada das atuais e novas incertezas do futuro pós isolamento.

Nesse caminho, seu pai está ao nosso lado, atento e vigilante. Ele chama a minha atenção para qualquer perigo a cada minuto. Ele ainda não dorme bem e está muito cansado. Como eu, ele se preocupa com o fato de parecer que o “mundo está ao contrário e ninguém reparou”. Porém, nos desentendemos frequentemente sobre as formas de lidar com isso. Preciso te contar meu temor que você possa sofrer com a dificuldade de comunicação que tenho com ele, durante as pressões destes dias e das nossas expectativas. Como eu, ele não é perfeito. Mas, sabe... ele é uma pessoa apaixonante, muito especial e, certamente, a melhor escolha para nos acompanhar nesta travessia.

Ele e eu temos uma música para tudo, desde que nos conhecemos. Quando as coisas ficam mais difíceis, fecho os olhos e gosto de me lembrar da alegria que senti no dia dez de junho de 2018, quando descobri que seríamos seus pais e escolhi uma música para você. Ela se chama *Elation* (Euforia) e possui as frases certas sobre como sua vinda seria a força que me prepararia para viver os desafios presentes e futuros, com ou sem pandemia. Quando a ouvimos juntos, você dança e sorri, principalmente na parte do “u-huuu”. As músicas vêm permitindo que a nossa alma viaje, enquanto estamos fisicamente confinados, não é mesmo?

Meu anjo, eu venho vivendo muitos momentos de aprendizado, crescimento e felicidade, nestes dias difíceis, pela oportunidade de poder evoluir ao seu lado. Espero conseguir fazer o mesmo por você e prometo me esforçar. Acho que você terá vontade e, principalmente, mais ferramentas para, junto com todas

as nossas crianças, transformar seus privilégios, que por ventura, persistam, em justiça e igualdade social. Talvez não seja muito simples, mas eu sempre estarei com você.

“Elation – Euforia (Isbells)

What is this - O que é isso?

It's kind of light - Um certo tipo de luz

All my body starts to shiver - Todo o meu corpo começa a arrepiar.

My worries wilt - Minhas preocupações perdem vigor

I'm on a high - Estou em elevação

I've never felt like this before - Eu nunca me senti assim antes

Got to let it go - Devo deixar

I'll shout it out - Vou gritar bem alto

I will sing it from the heart - Vou cantar do coração

This is right - Isto é certo

This is good - Isto é bom

Expression of elation - Expressão de euforia”

O VISITANTE INDESEJADO

Vania Graciano

Quero contar uma história para vocês, mas essa história aconteceu de verdade! Aconteceu no mundo todo ao mesmo tempo. Todas as pessoas do mundo estavam envolvidas nela. Essa história é sobre um visitante muito indesejado, que visitou o nosso planeta. Ele chegou aqui no Brasil, no meio do mês de março de 2020 e, embora ele estivesse em todo o nosso planeta, eu quero contar para vocês uma parte dessa história, que aconteceu no Rio de Janeiro.

Essa é a minha história e da minha filha, Anninha, uma menina de 13 anos. Essa história conta um pouquinho de como nós convivemos com a presença desse visitante indesejado...

Quero começar explicando para vocês quem era esse visitante indesejado. O nome dele era o Covid-19, muito conhecido como *coronavírus*. Nome complicado não é?! Então, numa língua bem antiga que existiu aqui na Terra, o latim, a palavra corona significa coroa, e esse nome é porque o coronavírus, quando olhado por um microscópio, que é um aparelho que usamos para vermos coisas que só com olhos não conseguimos enxergar, era muito parecido com uma coroa de rei. O coronavírus era um vírus que deixava as pessoas muito doentes. Algumas delas ficavam tão, mas tão doentes, que não conseguiam mais respirar e deixavam de viver.

O Covid se transformou numa grande ameaça para todos nós! Se alguém saísse na rua, ele poderia ir grudar nas mãos dessa pessoa, e se ela passasse as mãos nos olhos, no nariz ou na boca, então corria o risco de ficar muito doente...

Então, num piscar de olhos, de um dia para o outro, tudo mudou! A vida mudou! Para mim, para Anninha, para todos nós! A vida já não era mais como a gente sabia viver, como a gente gostava de viver...

De um dia para o outro, a gente não podia mais sair de dentro de casa, porque se saíssemos, poderíamos adoecer ou até mesmo perder a vida. De repente, Anninha não podia mais ir para a escola; não podia mais brincar na rua com os seus colegas. Foi como se um grande cobertor escuro fosse colocado sobre a nossa casa, sobre nossas vidas e a gente ficasse de lá de dentro da casa, olhando esse novo mundo lá fora; um mundo escuro, assustador, que não era mais do jeito que conhecíamos, que reconhecíamos.

Tivemos medo... medo de que pudéssemos adoecer, de que as pessoas que amávamos pudessem adoecer! A Anninha teve medo, medo porque tudo estava diferente e ela sabia que havia um perigo invisível no ar. Mais ainda; não entendia bem como era esse perigo. Aliás, no início, nenhum de nós sabíamos bem o que era, como era. Só sabíamos que era um vírus, um tipo de bicho invisível, bem pequenininho, que a gente poderia pegar do outro se apertássemos a mão, se déssemos um abraço. E, de repente, a gente não podia mais ficar junto das outras pessoas!

Os dias iam passando e aquele “cobertor escuro” não saía de cima de nossas vidas... era como se fôssemos tão pequenininhos, ali dentro das nossas casas, com um grande monstro lá fora, chamado Covid-19! A Anninha começou a estudar pela *Internet*, e isso a deixou muito desanimada. Não era a mesma coisa que estar na escola com os professores e os amigos. Eu me entristeci ao vê-la daquele jeito! Era algo novo e solitário, estudar através da tela do computador. Era difícil para Anninha ficar todos os dias em casa, olhando a rua vazia, da janela.

As notícias não paravam de chegar e a cada dia os jornais falavam de mais e mais pessoas que eram pegadas por aquele terrível vírus! A cada dia os jornais falavam de mais e mais pessoas, que o vírus levava embora de suas famílias, que levava para longe das pessoas que as amavam... Isso doía tanto, porque eram pais, mães, irmãos, irmãs, tios, tias, primos de alguém, que estavam indo embora... para sempre!

Então, lá dentro dessa casinha, toda envolvida por esse “cobertor escuro”, chovia muito... Tudo ficava quietinho, pois cada

um ficava tentando entender o que era isso tudo que estava acontecendo.

Mas, como toda história sempre tem um herói, nessa não foi diferente! Nessa história surgiram vários heróis: os cientistas, que eram pesquisadores, foram grandes heróis e trabalharam muito para descobrirem maneiras de nos ajudar nessa batalha! Eles descobriram que precisaríamos usar máscaras iguais as dos super-heróis, para nos protegermos do vírus; esses cientistas nos orientaram de que era necessário mantermos uma distância das outras pessoas, de que precisávamos sempre lavar as mãos e passar álcool em gel para matarmos esse vírus! Eu gostaria muito de contar para vocês que esses heróis cientistas descobriam a vacina contra o Covid-19, mas hoje, quando escrevo essa história para vocês, eles ainda não descobriram, mas estão se esforçando muito!

Tivemos também os heróis da saúde, os profissionais da área da saúde! Médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem... Eles trabalharam incessantemente, cuidando de todos que ficavam doentes! Muitos deles deram suas próprias vidas por isso, pois foram pegos pelo vírus também. Isso doía tanto... Doía muito em mim, que também trabalho na área da saúde! Alguns amigos meus morreram, foram embora para sempre! Nesses momentos, chovia muito dentro da casinha e eu ficava quietinha lá dentro... O “cobertor”, que às vezes parecia cobrir a nossa casinha, nessas horas parecia muito maior, muito mais escuro; deixando tudo mais triste do lado de dentro da casa...

E sabe mais quais heróis tivemos? A Anninha, os amigos da Anninha, todas as outras crianças e demais adultos! Todos nós que entendíamos o perigo do vírus e nos cuidávamos e respeitávamos o outro e cuidávamos do outro, todos nós desenvolvíamos super poderes: o poder do cuidado consigo e com o outro e o poder da empatia; esse poder, que foi tão importante, é a capacidade de se colocar no lugar do outro, de acolher a dor do outro. Esse super poder, a empatia, nos deu força para lutarmos; nos deu esperança de que viriam dias melhores, livres desse perigo invisível que nos cercava!

E foi movidos por esses super poderes, que nós começamos a ter esperanças, começamos a cuidar uns dos outros. A Anninha e os amiguinhos delas começaram a entender que precisavam tentar aprender mesmo que fosse pelo computador, pois começaram a entender que era necessário ficarem sem ir para escola até que fosse seguro. E eu podia perceber, que ela não se sentia mais tão perdida. Nós começamos tentar aproveitar o tempo que tínhamos dentro de casa, para fazermos mais coisas juntos. A Anninha até começou a ler um livro mais grosso de todos que ela já havia lido! Ainda não era fácil ficar longe da vovó, dos familiares e deixar de fazer tanta coisa legal, que ela gostava, que nós gostávamos. Mas agora, estávamos entendendo que precisávamos lutar, nos cuidar, cuidar do outro. Nos afastar, ficar mais em casa, para que assim, esse visitante indesejado pudesse ir embora.

E devagar, a Anninha já podia ir um pouco na rua, com todo cuidado. Devagar, nós já podíamos sair um pouco mais de casa, sempre fazendo uso dos nossos super poderes: cuidado, empatia, máscara de herói... Devagar, nós fomos entendendo que aquela visita indesejada, havia mudado nossas vidas para sempre, e a partir daquela visita, o mundo e a maneira de nós vivermos no mundo, seriam diferentes! Então nós começamos a aprender a viver essa nossa nova vida. Ainda tínhamos algumas vezes, medo. Ainda olhávamos de quando em quando para o céu tão azulzinho, e nos perguntávamos quando receberíamos a notícia, de que esse visitante havia percebido o quanto era indesejado, e havia ido embora.

Mas agora estávamos mais fortalecidos, mas unidos e com muitos aprendizados novos, que tínhamos tirado disso tudo!

E lá, dentro da nossa casinha, já não sentimos mais que ela esteja tão apertada. De quando em quando, o cobertor ainda a cobre, quando vem uma notícia de que o vírus pegou alguém. Ou, quando a Anninha ou outra pessoa da casa, sente muita saudade de coisas que ainda não dá para fazer. Mas vou te contar? Quase não chove mais lá dentro da casinha, é bem mais difícil. E acho que, se você fechar os olhos, e imaginar a casinha da Anninha nesse momento no Rio de Janeiro, essa hora ela deve estar se preparando para dormir.

Se você der asas a sua imaginação e fechar os olhos, você vai ver uma Anninha e uma mamãe esperançosas, agradecendo a Deus pelo dia e pedindo que os heróis cientistas, descubram uma vacina para esse visitante indesejado ir embora. De vez.

TEMPO DE PANDEMIA

Anabela Almeida Costa e Santos Peretta

Uberlândia, 27 de setembro de 2020.

Isis, minha filha e companheira,

Escrevo esta carta depois pouco mais de 6 meses de isolamento social... Nossos cabelos grandes e sem corte denunciam o modo de vida que adotamos, repleto de cuidados e restrições.

Iniciamos este ano sabendo que ele não seria fácil. Sozinhas que estávamos, com toda a família a centenas ou milhares de quilômetros, tínhamos que nos cuidar e nos apoiar. Eu te dizia “precisamos uma da outra”. No auge dos 10 anos, você já se mostrava responsável, capaz de fazer escolhas, de colaborar... Mal sabíamos que ano seria este.

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo¹

Queríamos mais tempo. Tempo pra estar juntas, tempo pra ler, passear, ir ao cinema.

Eu, professora de uma universidade federal, tinha assumido mais disciplinas, orientandos e projetos de pesquisa do que deveria. Além disso, tentava me dedicar a alguns outros prazeres da vida: namorar e dançar! Você vivia o tão esperado 5º ano, a experiência de ser da turma dos mais experientes da escola, viagens

¹ Trecho da música Oração ao Tempo

e descobertas à vista. Aguentaríamos a correria do primeiro semestre e em julho nos deliciaríamos nos fervedouros do Jalapão.

Tudo tão intenso, planejado e planejado! E como planejamos! Horários encaixados milimetricamente no quadro. E, de repente, o quadro era outro.

Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

O semestre letivo mal havia começado e, abruptamente, compreendemos que a melhor forma de prevenção e proteção seria nos mantermos em casa, distantes de outras pessoas. Precisamos encontrar novas formas de viver, de aprender e de nos relacionarmos.

O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Nossos longos trajetos de carro até a escola tornaram-se horas e horas intermináveis frente ao computador. Nas primeiras vezes em que você experimentou as atividades remotas, protestou: “Me sinto um tigre enjaulado!”. Aos poucos, fomos nos acostumando com a jaula e descobrindo possibilidades escondidas nela. Encontramos modos de fazer nossas atividades de estudo e de trabalho, formas de nos divertir, de nos exercitarmos... Tudo remotamente.

Como a faxina não pode ser feita de modo remoto, passamos a assumi-la. Muitas horas dedicadas a lavar louças, limpar o chão e os banheiros. Muita irritação com a sujeira e a bagunça. Lindos

encontros na cozinha, fazendo coisas gostosas. Ter a tua companhia fez tudo isso ficar muito mais leve e pleno de sentido, certamente.

De repente, as divisões espaciais entre trabalho/escola e casa não eram mais delimitadas. A sua escola era na nossa casa e adentrávamos a casa da professora e dos demais estudantes. Com os meus alunos também acontecia o mesmo. Íamos juntas conhecendo modos de viver e de se relacionar que não eram os nossos. Ficávamos indignadas a cada vez que as pessoas contavam sobre as festas, confraternizações e viagens do último fim de semana, enquanto o jornal denunciava que não havia nenhum leito de UTI disponível na cidade. Ouvindo as notícias, nada parecia fazer sentido: “Hoje temos novamente mais de mil mortes... Os Shoppings vão abrir na próxima semana.” Sentimentos estranhos nos invadiam quando víamos as pessoas mostrando seus novos penteados, elogiando a maestria de seus cabelereiros, enquanto nossos cabelos seguiam crescendo desordenadamente.

Tempo de aprendizados importantes...

Aprendemos que as pessoas se acostumam com aquilo que é desumano e inaceitável.

Que não queremos nos tornar insensíveis!

Que não é possível controlar aquilo que nos acontece!

O quanto a vida nos ensina a rever planos.

Que manter nossa vida funcionando, envolve muito trabalho!

Que banheiros e pias não são autolimpantes.

Que criamos muitas jaulas para nós mesmas.

Que somos capazes de criar espaços de liberdade.

Que não sabemos do que somos capazes até que as situações exijam algo de nós.

Que existem formas de relação diferentes daquelas que conhecemos, mesmo quando não parece possível!

Que banalizar a morte não é aceitável!

Que estar junto de quem se ama é das coisas mais preciosas que existem!

Que busquemos nos cuidar para poder sempre estar juntas!

Sigamos inventando formas de existir, resistir e sobreviver!


Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Desejo que a tua vida seja repleta de momentos nos quais o encontro seja seguro e permitido. Quem sabe, depois de tudo isso, não tenhamos compreendido valores anteriormente desconhecidos do abraço e da presença?

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Estes tempos deixarão marcas, vínculos, histórias compartilhadas, experiências que farão parte de nós sempre. Me sinto muito agradecida por ter a tua companhia nessa jornada de tantos aprendizados!

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo

Te amo muito! 

Grande abraço da sua
Mamãe, Anabela.

CARTA PARA MANU, MINHA GATITA

Jean Carlos Miranda

Em 16 de março de 2020, quando fomos avisados que suas aulas estavam suspensas em decorrência da chegada do novo coronavírus ao Brasil, não imaginávamos o que estava porvir. Não tínhamos noção das dificuldades e privações que passaríamos, dos medos que sentiríamos, da saudade que nos machucaria.

Entramos em um período de isolamento social. No começo parecia que seria coisa rápida, talvez apenas algumas semanas. Mas o tempo foi passando, a doença se alastrando pelo país, deixando um rastro de tristeza, medo e insegurança, e nos isolando da família, amigos... enfim, de quem mais gostamos.

Apesar de todas as dificuldades que o momento nos impôs, você se manteve firme, mesmo quando a mamãe (uma dedicada enfermeira), no exercício de sua função, pegou a Covid-19. Foi um tempo bem complicado para nós, não é mesmo? Quantas vezes você me confidenciou a vontade de abraçá-la e beijá-la, e que estava morrendo de saudades dela, mesmo estando tão pertinho? Foram pouco mais de duas semaninhas com a mamãe isolada em um dos quartos do nosso apartamento; meu Deus como o tempo demorou a passar! Mas você, sempre compreensiva, se manteve forte, lutando contra a vontade do toque, do abraço, do beijo e do carinho para garantir o isolamento da mamãe e a preservação da nossa saúde. Sabe de uma coisa? Acho que merecemos um prêmio! Afinal, seguimos direitinho as orientações das autoridades sanitárias e conseguimos cuidar da mamãe, sem nos infectarmos com esse vírus perverso.

Eu sei que nossa rotina mudou, que perdemos um pouco de nossa liberdade de ir e vir, que ficamos impossibilitados de visitar seus avós, ir à igreja, sair com os amigos e passear por aí. Deixamos de fazer um dos nossos programas de pai e filha, talvez o que mais

gostamos: o cineminha, com pipoca e Fanta laranja. Mas, sabe de uma coisa? Esse desacelerar da vida foi bom... Passamos muito mais tempo juntinhos, curtindo as pequenas coisas (e as grandes também!) que, na correria do dia-a-dia da “vida normal”, talvez não teríamos encontrado tempo para vivê-las.

Esse também foi um tempo de muito aprendizado. Quantas receitas novas você aprendeu! Como você aprimorou suas técnicas de confeitaria! Toda semana, com o auxílio da “produção” (sua mãe e suas avós) você queria fazer bolos, biscoitos, picolés e outras guloseimas. Ainda bem que a gente faz muita atividade física! Falando em atividade física, quando houve certa flexibilização no isolamento social, você aprendeu a andar de bicicleta (palmas para o Vovô Levi, seu persistente instrutor!). Filha, lembro-me do brilho nos seus olhos, quando você me disse que realizou um sonho. Às vezes, nossos sonhos são realizados de uma forma tão rápida que ficamos surpresos. Outras vezes, demoram tanto tempo que chegamos a pensar que Deus se esqueceu da gente, não é mesmo? Lembre-se de que *“tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”*. No tempo certo, as coisas acontecem, os sonhos se realizam.

Em meio à insegurança e ao medo que sentimos nesse tempo de pandemia, muitas vezes, suas orações antes de dormir (palavras tão doces e sinceras) agiram como bálsamo e aqueciam nossos corações. Lembro do dia em que você nos disse que *“Nada será como antes. Tudo será melhor, como nunca foi”*. É na certeza de que suas palavras se cumprirão, que prosseguiremos lutando, não apenas contra a Covid-19, mas também contra tantas outras coisas que, infelizmente, ainda nos assolam. Permaneceremos incansáveis na luta por um país melhor, um lugar com justiça e paz, onde cada cidadão tenha seus direitos respeitados, independentemente de seu credo, sua cor ou sua posição social. Um lugar onde nenhuma criança durma com fome, onde todas tenham acesso à saúde e à educação de qualidade, onde vidas realmente importem e estejam acima de qualquer interesse político ou econômico. Parece um sonho? Sim, mas sonhos se tornam realidade, lembra?

Filha, guarde essas palavras em seu coração: Não perca sua fé em Deus, *“Ele é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na tribulação”*; Use seus dons e talentos para abençoar vidas e faça diferença nessa sociedade tão doente e carente do amor de Deus; Seja forte, permaneça fiel aos seus valores; Não aceite as injustiças, lute contra elas; Valorize e acredite na Ciência, conhecimento gera vida; Sorria sempre.

Por fim, quero agradecer. A Deus, pela bênção de ser seu pai, e a você, filha, por ser bênção em minha vida. Obrigado por me inspirar, por me trazer esperança, por curtir comigo cada conquista, por ser o motivo pelo qual busco sempre fazer o meu melhor e ser uma pessoa melhor. Obrigado pelo beijinho no nariz e, é claro, por me fazer o cara mais feliz do mundo todo!

Beijo grande daquele que te ama mais que tudo nessa vida,

seu pai.

CARTA PARA EDUARDO

Ana Carolina Brasil

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2020.

Eduardo,

Sempre ouvi dizer que a maternidade torna as pessoas melhores. Dizem por aí que quando os filhos nascem, a gente procura se alimentar melhor, procura cuidar melhor do planeta, respeitar mais as pessoas, a natureza, etc. Eu nunca concordei com isso, meu filho. Na verdade, desde quando você chegou, eu pude notar as coisas mais bonitas que existiam dentro de mim. Eu não tinha noção de quanto amor eu era capaz de sentir e o quanto eu poderia me dedicar a alguém sem receber nada em troca. Você é como uma lente que me mostra todos os dias o meu potencial e o quanto eu posso ser melhor.

Quanto eu te vi pela primeira vez, eu senti uma alegria tão avassaladora e te recebi com gritinhos entusiasmados chamando você de lindo. Você chegou da maneira como eu desejei e nem nos meus melhores sonhos podia ser tão mágico quanto foi. Você já chegou nos ensinando que na vida a gente não tem controle de absolutamente nada. Era uma sexta-feira, seu sexto dia de vida, e você teve uma febrinha. A mamãe, apesar de cansada e descabelada, estava feliz e confiante que era só uma reação da vacina que você havia tomado.

A pediatra, na época, achou melhor a gente levar você de volta para a maternidade para ter certeza que não era nada sério. Chegando na maternidade, descobrimos que você estava desidratado, com baixa ingestão de leite. Isso aconteceu pois você nasceu com o freio na língua igual ao da mamãe. Eu sonhei em te

alimentar apenas com meu leite, filho, mas infelizmente não foi possível. Ainda na maternidade a mamãe descobriu que não estava produzindo leite e deram uma mamadeira para você com leite artificial, mas eu nem liguei, só queria que você saísse bem rápido de lá. Dudu, que susto você nos deu. Ainda não sei como eu suportei ver você por alguns dias fora do meu colinho, dentro de uma incubadora tomando soro e por uns dias leite por uma sonda. Eu fiquei com você o tempo inteiro, burlei as regras da maternidade e dormia lá para dar sua mamadeira a cada 3 horas, inclusive na madrugada. Foram dias muito difíceis e nós preferimos não contar nada para ninguém para não preocupar suas avós, tias e primos e durante sua estada na maternidade a mamãe precisou falar que estava com o telefone ruim e por isso não poderia mandar fotos suas, na época tão requisitadas.

Mas sabe por que eu estou te contando tudo isso, meu filho? É porque eu queria que você soubesse o quanto eu te amo. Por muitos anos eu tentei entrar na mente da sua vovó Dirce para ter certeza do amor dela por mim, pois a mamãe não tomou o leite da vovó e nem nasceu do útero dela. Quando você nasceu e o tempo foi passando, o nosso amor foi sendo construído e eu pude ter certeza do amor da sua avó por mim. Eu descobri que mesmo não te alimentando apenas do meu leite e independente da forma como você nasceu, o nosso amor foi construído e se estreitando a cada nascer e pôr do sol. O nosso amor foi transbordando a cada choro seu que eu conseguia consolar e o nosso amor hoje explode pois eu já te conheço no olhar. Você é a ponte do meu passado, presente e futuro.

Metade da sua vida, Dudu, foi preso dentro de um apartamento de 70 metros quadrados com a mamãe, o papai e a sua irmãzinha felina, Helena. A notícia da pandemia, Covid-19, desenterrou meus medos mais profundos e o meu maior pesadelo era que algo me acontecesse e eu não pudesse cuidar de você. Mas a vida é assim, meu filho. A gente vai sentir medo, mas precisa enfrentar o medo e construir possibilidades para viver o presente em sua plenitude.

A vida é uma contradição, é a unidade de opostos. É luz e sombra, dia e noite, quente e frio, duro e mole, tristeza e felicidade. Foi no seio dessa enorme contradição, convivendo com o medo e a desesperança, que eu vivi os dias mais especiais e lindos da minha vida. Eu consigo recordar cada fase do seu desenvolvimento com um cheiro, uma paisagem, uma cena, uma música, uma temperatura. São memórias com tanto afeto que carregam movimentos, cores e gosto.

Como esquecer da alegria de ver você experimentando cada alimento pela primeira vez? E o seu jeito desajeitado ao engatinhar que mamãe carinhosamente dizia parecer um lobo-guará por suas pernas longas e andar cambaleante? Foi muito especial e mágico poder observar seus primeiros passos bem de perto e te dar as mãos para que você se sentisse seguro para andar sozinho. Como esquecer do dia em que você falou “henhenha”, chamando sua irmãzinha Helena, que mais tarde se tornaria sua grande paixão?

Meu filho, muito obrigada pela sua existência e por ter me escolhido como sua mãe. A única coisa que eu posso e quero te prometer é que jamais, em hipótese nenhuma, lhe faltará amor. E você sabe o que é amor, filho? Amor é comida fresca, amor é colo depois do tombo, amor é o banho depois de brincar de terra na casa de Rui Barbosa, amor é escovar seus dentes, é te ensinar os deveres de casa, é ensinar você a respeitar sua professora, seus amigos, familiares e mamãe e papai. Amor é te mostrar que brincadeira só é legal quando os dois querem brincar e que você precisa parar de puxar o rabo da Helena quando ela não estiver mais gostando. Amor é apostar corrida na praia, é fazer bolo de areia. É comer brigadeiro quente embaixo da coberta vendo desenho. Amor é andar de bicicleta na praia, é caçar formiga no jardim, é plantar feijão no algodão. Amor é te consolar quando alguém querido partir, quando a brincadeira terminar e você ainda quiser ficar. Amor é segurar sua mão bem forte para tomar vacina é viajar de avião no tanque ou varanda é te ensinar a levantar sempre que você cair e te abraçar forte depois do pesadelo. Te prometo uma infância livre e feliz para que você possa crescer seguro, sabendo que

sempre terá meu colo e que você poderá ser quem e como você quiser que para sempre eu vou te amar.

Te amo,
Mamãe.

NASCIDA NA PANDEMIA

Leandra de Fátima S. Neiva

Brasília, 04 de outubro de 2020.

Parece que o meu mundo de um dia para o outro ficou fechado e restrito para visitas.

A princípio um novo COVID-19 assolou o planeta como a velocidade da luz, muito rápido e com respeito a ciência seguiu entre trancos e barrancos as recomendações da OMS (Organização mundial da Saúde), ficando em isolamento durante seis meses, aguardando a descendência do índice de óbitos e contágio.

Nesse ínterim, havia momentos de muita saudade e ansiedade, dava vontade de meter o pé na jaca, indo de encontro aos meus familiares na área rural de Minas gerais.

Mas a responsabilidade do amor falava sempre mais alto, porque não se tratava apenas dos meus, tem toda uma comunidade camponesa, com dezenas de familiares que habitam na mesma região. O respeito e responsabilidade com um todo, não só com os meus, restaurou minhas forças, fazendo-me resistir e continuar isolada, reinventando e me integrando a um mundo altamente virtual.

Foi a hora de cuidar racionalmente do emocional com muita seriedade e respeito a tragédia que estava e ainda está acontecendo em todos os quatro cantos do mundo, indiscriminadamente dizimando milhares de vidas. Senti-me na obrigação de me reinventar, comecei com o crochê e campanha de rifas para subsistir, pois sou vendedora ambulante e não tive mais como trabalhar. Fiz ginástica, leitura online e de livros impressos, assisti algumas séries de filmes bons e fui ocupando os espaços vazios, despachando a solidão e tentando matar saudades por telefone do meu povo lá da roça.

O genial foi o crochê e a campanha das rifas que automaticamente trouxe novos amigos participantes e um público solidário, os quais trocamos ideias e figurinhas.

O triste foi perder o acompanhamento da gestação da minha norinha a qual tenho respeito e consideração de filha, gestante da minha neta caçula, conduzindo-me a uma preocupação quadruplicada, tornando a inviabilidade de visitas cada vez mais difícil.

Permaneci em isolamento social durante seis meses, com muito esforço de não contrair e contaminar ninguém, principalmente pelos meus filhos e netas. Para poder mesmo ao longe estar presente para me apresentar a minha nova netinha e rever a mais velhinha e todos com toda segurança e cuidados possíveis. Sei que não poderia dar cheirinho no cangote, fazer bilú bilú, tetéia, sem poder dar o meu chamego, mas poderia ver, pois me sentiria segura para tal.

Quando de repente em rápida repercussão, meu filho me liga dizendo que todos haviam ido pra cidade e que estavam no hospital. Retruquei: “Já foi ganhar nenê?”

- Não mãe é que o sogro e a sogra estão com o COVID-19 e a Lola sua neta está com febre e gripada e todos nós fizemos o teste e só o meu deu negativo.

Nossa! Foi um choque, tal qual o impacto do início da pandemia mundial.

Eles mandaram todos retornarem as suas casas e que levasse a nora para tirar a menina no dia seguinte e sem possibilidade de internação (os médicos negaram internação, após minha nora testar positivo), disseram que não tem suporte hospitalar para contaminados.

Pedi que viessem imediatamente para Brasília/DF, mas meu filho argumentou que precisaria do encaminhamento porque ela ligaria as trompas e faria parto cesária.

Assim foi, voltaram no dia seguinte cedo da manhã e chegaram em Brasília, quase meia noite no hospital referência para casos de COVID-19.

Encaminharam ela imediatamente para sala de cirurgia onde deu à luz a minha netinha caçula.

Mas meus questionáveis pensamentos a pergunta que não queria calar: de quem ela contraiu? E minha neta de 4 anos e a que está por nascer, que nasceu agora? Orei! Em fração de minutos as respostas surgiram. Foram os avós maternos os portadores, transmitiram para a nossa neta, que transmitiu para minha nora.

Em fração de minutos, com todos acontecimentos, minha netinha nascendo não desgrudei do celular falando e acompanhando tudo com meu filho, quando escutamos juntos o primeiro choro, escutando o estrondoso chorinho em lágrimas, pois não consegui conter. Um choque de emoções me dominou, a alegria, o desespero, a preocupação com aquela anjinha tão indefesa, como superar tantos desafios com sua nata inocência? Começando a vida de forma tão desafiadora? Choquei, pasmei por alguns segundos.

Voltei ao chão e sem poder dar assistência presencial. E os médicos, porque deixaram a nenê com a mãe? Por que? Questionei. Será que a nenê testou positivo? Dúvidas e uma enorme sensação de impotência me assolaram.

Coletaram amostras de sangue das duas e continuou a dúvida, pois o resultado não é imediato.

Infelizmente o que todos temíamos se consumou, ambas testaram positivo. Meu Deus! Continuei questionando. Por que não fizeram a coleta no meu filho? Por celular exigi que ele fosse atrás das minhas respostas, pois ele já estava a dois dias como acompanhante.

Considero tudo isso negligência médica, deixar o meu filho que no teste primário diagnosticou negativo, como acompanhante e a minha netinha junto com a mãe. Francamente, não dá para entender.

Agora estamos aguardando o resultado do exame do meu filho em preces e orações, pois a situação ficou muito delicada.

Quinta feira dia primeiro do mês de outubro, após o nascimento da minha netinha caçula e todo turbilhão de notícias desagradáveis, corri no laboratório para fazer o exame intravenoso.

Eu fiquei na cidade urbana, entre mercado, farmácia e uma vez ao mês circulando em transporte público para receber a cesta básica, as quais eu destinava todas para roça, para ajudar minha família. E meu diagnóstico sairá antes que o diagnóstico do meu filho, marido e companheiro da paciente que diagnosticou positivo. Teriam que ter feito as coletas de todos envolvidos juntos.

Hoje é domingo, 04/10/2020, que esta carta possa esclarecer que se os cuidados uns com os outros não forem coletivos, com muita responsabilidade e respeito a vida, não adianta se cuidar e amar o próximo sozinha.

Despeço-me crendo que o nosso Deus todo poderoso, criador do céu e da terra, médico dos médicos, irá inverter o quadro clínico, irá curar meus entes queridos. Pois ele é rico em misericórdia e sua misericórdia dura para sempre. Amém.

UMA COLCHA DE RETALHOS SOBRE O HOJE PARA A CRIANÇA DO AMANHÃ

Cleiberson dos Santos Paulino,
Rosiene Francisco dos Santos e
Welitânia de Oliveira Rocha

Somos várias vozes ecoando dentro do Quilombo Kalunga, Comunidade do Engenho II. Em primeiro momento queremos relatar que essa não é a primeira pandemia que o nosso povo está passando. Criançada, Jovens, Adultos e idosos aqui no Quilombo sempre passamos por momentos difíceis, e cheio de alegrias também. O que mostra que a nossa luta é contínua, e que estamos sempre lutando para existir e resistir.

Criançada, não sabemos quando isso tudo vai passar, ou se já passou, porém em um futuro próximo vocês vão estar lendo essa carta. No ano de 2020 fomos convidados a viver o agora na certeza da incerteza. Aqui no Nordeste Goiano, bem adentro do Cerrado ficamos sabendo através dos noticiários e redes sociais, ferramentas e objetos que talvez nem existam no hoje do futuro ou talvez estejam bastante avançados, que um vírus com poder de transmissão altíssimo estava matando as pessoas, e que era necessário ficar em casa para se proteger.

Os Kalungueiros aqui ficaram com tanto medo da coisa invisível/ Covid 19 que fomos os primeiros a fechar as atividades turísticas na comunidade, porque mais do que nunca era necessário pensar com o coração, ser amor, proteger todos e todas, ainda mais por não termos infraestrutura básica, para o enfrentamento de algo que não é visível aos olhos. Foi através da mídia que obtivemos conhecimento do risco que traria para a nossa comunidade. Logo no início quando tudo começou, espalhou-se o boato de que essa doença só pegava pessoas idosas, que quem morria era apenas gente “velha” e as autoridades locais mais que

depressa fecharam a entrada para cidade, proibindo o acesso das pessoas que viessem de locais, principalmente, onde havia muitos casos da doença.

O motivo era o mais nobre existente, pois aqui, juntamente com os jovens, temos vários anciões, que são vozes experientes que, mais que tudo precisavam da nossa proteção. Com o isolamento, além de proteger os nossos tentamos de alguma forma proteger nossa cultura, e as atividades tradicionais do nosso povo, nos resguardando e lutando da forma como fomos ensinados pelos mais velhos.

Com tudo isolado e por muitas coisas estarem fechadas muitos dos nossos que moravam fora tiveram que retornar para as suas raízes, lembrando-os, que os estudos fora da comunidade tem um papel importante, mas o que aprendemos através da nossa tradição Quilombola é algo muito valioso, e temos o dever de resguardar e transmitir aos nossos, sempre.

Nesse período, muitos que viviam do Turismo local como uma das principais fonte de renda, puderam perceber que não se vive apenas de Turismo, pois, com o fim temporário do Turismo, muitos tiveram que voltar às antigas tradições, como por exemplo: a do plantio da roça de toco, que alguns já haviam se esquecido como fazer na prática.

Com o aparecimento dessa doença na China, que pegou o mundo de surpresa e por sua vez infectou grande parte da população Mundial, deixando rastros por onde quer que aparecessem novos casos da doença, matando milhares e milhares de pessoas, acreditamos que esse movimento colocou muitos dos nossos para refletir sobre como é viver em comunidade, que uma comunidade só funciona se todos estiverem unidos, lutando por uma só causa, que seria proteger os nossos do “inimigo invisível”.

Criançada do futuro, esta carta é um tecer de colcha de retalhos de várias vozes do Quilombo Kalunga, aqui tem relatos de avôs, bisavôs, mãe, pai, filhas são falas que transcendem a alma e convidam vocês do futuro a refletir e mudar suas ações.

Na época, várias crianças viveram o caos da doença, mas nessa atualidade em que você está vivendo muitos devem ter esquecido, porém cabe a nós do passado ecoar o que passamos até o momento através dessa carta, para fazer com que lembrem que o período de pandemia que passamos, foi um tempo que para muitos de nós negros e pobres e que mora na zona rural teve desafios e momentos bastantes difíceis, pois, juntamente com as preocupações diárias com o vírus que cada vez mais se aproximava da nossa comunidade ainda tivemos muitas vezes que lidar com as ameaças de sempre, como por exemplo: o desmatamento dentro do território, racismo, e o preconceito com os que saiam da comunidade para realizar seus afazeres na cidadezinha mais próxima, pois, as pessoas tinham um certo receio de se aproximar delas por não saber se estavam com o vírus, e foi ai que descobrimos pra que serve o apoio familiar.

Caras criançada, se vocês soubessem como era a nossa comunidade muito antes desse caos todo começar, vocês iam amar viver nela, eram bons tempos, doenças, haviam, mas nenhuma chegava a tomar tamanha proporção como tal doença, e as que tinham a gente conseguia curar com remédios que eram encontrados dentro do nosso próprio quintal, na floresta com os saberes ancestrais da mexedeira(o) do Cerrado.

Então a comunidade parou!... Os festejos tradicionais que haviam na nossa humilde comunidade, coisa que nós não sabemos se quando vocês lerem esse texto ainda vai ter, pois, agora mesmo, enquanto escrevemos essa carta, ficamos pensando sobre os vestígios que esse vírus vai deixar em nossa cultura. Antes todos podiam se abraçar, podiam pegar na mão, podia dá benção e ser abençoado, neste período não.

Acreditarmos que muitos ainda terão receio de se aproximar uns dos outros, o nosso maior medo é de que isso faça com que nossa cultura vai se enfraquecendo cada vez mais, até morrer. Na época houve várias tentativas e falhas da educação formal, processos que também reflete a estrutura colonial da nossa sociedade. Hoje quase todos tem internet de primeiro mundo, mas

nas áreas rurais são complicadas, então ter aulas EaD eram difíceis, pois, internet em um Quilombo é bastante complicado, internet nem tinha direito, isso já nos coloca em uma posição desigual. As crianças do quilombo viviam falando que estava com saudades das colegas da sala de aula.

Nossos filhos em casa ensinando coisas da escola, mas também tentamos ensinar a nossa cultura e a nossa tradição, por mais que esse tenha sido um momento difícil muitas das nossas crianças tiveram um primeiro contato com as nossas tradições, pois, muitos desses não sabiam sequer de onde vinha o feijão, que ambos comiam no dia a dia, muitos ficaram surpresos com todo o processo que existe até o feijão chegar a mesa. Com o arroz, não foi diferente, esse ano todo mundo participou da colheita da roça.

Apesar de tudo isso, a nossa comunidade está bem, muitos receberam auxílios de órgãos governamentais e juntamente com esses auxílios muitos receberam cestas básicas que contribuíram para acrescentamos às nossas necessidades alimentares. E as demais coisas é da nossa agricultura familiar, até o momento o vírus não chegou nessa comunidade. Criançada se um dia chegar aqui será complicado, porque se afeta um, afeta todos, somos um só...

Esse período foi um momento difícil, porém possibilitou aproximação de diversas famílias, que tinham anos e anos que estavam separadas por motivos fúteis, e acabaram se reaproximando. As crianças e jovens passaram a dar mais valor para as suas famílias, e começaram a entender que a vida não é só festa, só estudos ou curtidão, pois, ao final os momentos em família são muito mais valiosos, por mais que existam reclamações e brigas, é importante entendermos que o amor da família e o processo de estar juntos vence qualquer dificuldade.

Criançada, aqui no Quilombo, antes da pandemia nem tinha tempo pra ficar juntos. Uma de nós, mãe solteira, saia cedo só chegava à noite em casa, não tinha tempo para ficar com as crianças. Às vezes eles a chamavam pra ir por rio, mas ela não tinha tempo, porque tinha compromisso e tal. Às vezes passava a manhã

toda no Centro de Atendimento ao Turista esperando chegar a vez para conduzir o visitante até a cachoeira, enfim, era uma correria.

Até hoje, dia 05 de Setembro de 2020 o invisível não chegou na comunidade, temos água potável, cerrado preservado e muita bicharada na mata, pássaros no céu...

Um grande abraço para as crianças do futuro, este é nosso registro para que entendam daí o que aconteceu com a gente no passado.

AOS ORÍS QUE ME FIZERAM RESISTIR, A BENÇÃO AOS MAIS VELHOS E AOS MAIS NOVOS

YA Obadeyi Carolina Saraiva

Esta é uma carta aos curumins que nos presenteiam com suas existências, foi essa esperança que nos permitiu viver para além das lembranças.

Começo me recordando das minhas chegadas no terreiro, e já vem a falta daquela bênção cheia de travessura, a função ocorria quase todos os finais semana, ai ficou só a saudade!

Tínhamos a hora da reza, a hora da contação de histórias da Ya, e a emoção maior era quando tinha um barco com algum de vocês.

Sabíamos que seria o barco mais lindo e puro, a energia dos nossos IBEjis estariam por ali, nos rondando, nos afagando. Sempre soube que aqueles meses de cuidados de Roncol com vocês me trariam muitos ensinamentos, uma bela lição, porque sabemos que no terreiro o mais velho não detém o conhecimento pela idade cronológica. Não é à toa que vocês nos ensinam tanto.

Fomos interrompidos por um grande acerto de contas entre Nanã e Sangô. Ele chegou e disse – preciso buscar o que é meu direito, e assim , Nanã com toda sua sabedoria fez com que o trato fosse cumprido, esse contrato tinha até nome: Pandemia de 2020, aliás, esse ano, ficou marcado pelo ano que teríamos que viver novamente, de tão arrebatador que foi o cumprimento do contrato estabelecido entre esses Orixás.

Fizemos então, uma pausa nas nossas feitura, nos nossos encontros, na nossa oralidade tradicionalmente yorubana.

Contudo, sempre soube que no contrato vocês não estavam na conta,- fiquei de mal de Orixá, e pensei:” Poxa, Orixá, eles são a nossa resistência e motivo para não desistirmos” e ai me inspirei em cada sorriso de vocês no Ilê, em cada comida de Orixá feita para saudar o Ori de vocês,e transformei isso em espera. Sempre soube

que pensando em vocês, conseguiria um dia escrever e agradecer Modupe por existirem em nossos terreiros e vocês são o símbolo vivo da nossa ancestralidade.

Olayemi (minha filha) que na época tinha 10 anos, fez por muitas vezes esse papel de não me deixar esquecer que um dia estaríamos aqui a louvar o nosso lindo Egbe.

“Um abraço dado de bom coração, é mesmo que uma benção, uma benção, uma benção!”

Com amor,

YA Obadeyi Carolina Saraiva,
Terreiros Aldeia Pai Joaquim das Almas Santas Benditas,
Ilê IBiri Omin Ase Ayra.

SOFIA NA PANDEMIA COM O SUS E OS CIENTISTAS

Rubens Bias

Quando eu fiquei sabendo que a gente ia passar por uma pandemia, eu fiquei muito preocupado. Significa todo mundo pegando a mesma doença ao mesmo tempo. Era bem no comecinho, aqui no Brasil ainda não tinha nenhum caso. O pessoal só fazia piadas e memes, chamava o vírus de “coronga”, tinha um vídeo em inglês que uma moça repetia berrando “CORONA VAIRUS”. Um pouco antes, em fevereiro, fizeram fantasia de carnaval. Dizem que no carnaval a gente ri das durezas da vida. Tem uma música que diz assim¹:

E um dia, afinal
Tinham direito a uma
alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval

Naquele momento a gente ainda não sabia como ia ser, o quanto seria difícil. Era uma doença que ninguém conhecia. Era como um jogo que a gente não conhece as regras. Você já jogou um jogo sem saber as regras? Era assim que a gente tava se sentindo... Como agir? Será que as crianças estavam em risco?

Lembrei da Sofia. Quando ela tinha menos de um ano de idade, ela pegou meningite, que é um bichinho que dá na cabeça e é super perigoso. Ela ficou mais de uma semana internada. Ficou todo mundo preocupado, mas ela saiu sem nenhum arranhão dessa aventura. Depois, quando ela já era um pouquinho mais velha, ela tava brincando e caiu da janela. Quebrou o braço, todo mundo desesperado, aquele bracinho torto... Você já ficou doente? Já

¹ Para ver o clipe: <https://www.youtube.com/watch?v=IKKLQ3XL9h4>.

quebrou alguma parte do seu corpo? Pergunta pros seus pais ou pra algum adulto como eles se sentiram nesse dia.

E eu ficava me perguntando: Será que a Sofia ia pegar corona e ficar doente? Crianças são mais frágeis e qualquer resfriado ou dor de barriga deixa os adultos de cabelos em pé.

Não tinha nada no Google ainda pra gente se informar sobre o corona. Aí, os cientistas começaram a estudar esse vírus. Tem um ditado que diz “nem todo herói usa capa”, e os cientistas são heróis. Na minha opinião, cientistas se parecem com crianças: o mundo estaria arruinado se não fosse salvo e renovado pelos cientistas e pelas crianças...

Os cientistas fazem as perguntas certas e depois vão descobrir as respostas. Quando eles têm certeza dessas respostas, eles colocam no Google pra quem não é cientista pesquisar depois. Era preciso fazer pesquisas, estudar, usar microscópios, fazer testes. Uma brasileira chamada Ester Sabino coordenou uma equipe de cientistas que era, na maioria, composta por mulheres. As mulheres são excelentes cientistas e aqui no Brasil são elas as que fazem mais pesquisas. Isso é coisa de gente muito inteligente. O grupo da Ester conseguiu fazer um sequenciamento de genoma. Genoma são pedacinhos minúsculos, que não dá pra ver nem de microscópio, e que explicam como o vírus se comporta no nosso corpo. E elas fizeram isso em 2 dias, foi incrível.

Com o tempo, a gente foi descobrindo que o Corona afetava mais os idosos e as pessoas que já tinham antes alguma doença respiratória ou do coração. Deu um alívio em relação à Sofia, mas e os avós dela? A avó é uma grande cozinheira, todo mundo ama a comida dela. O avô da Sofia conta histórias incríveis. E os pais da Sofia? Eles também corriam risco. A mãe, que é muito inteligente e ajuda ela no dever de casa, tem asma. O pai dela, que é muito corajoso e sempre leva ela pra andar de bicicleta, tem diabetes. A Sofia ficou imaginando como seria a vida dela sem eles...

Com essas descobertas dos cientistas, cada país foi escolhendo qual ia ser sua política de enfrentamento do vírus. Você sabe o que é política? É mais ou menos como quando você está com seus

amigos e vocês precisam decidir do que vão brincar. Cada um gosta mais de uma brincadeira diferente, mas vocês estão juntos e precisam decidir qual vai ser a brincadeira naquele momento. Política é mais ou menos isso, só que um pouco mais complicado, porque os adultos costumam complicar as coisas. E, às vezes, a política pode ser uma brincadeira de muito mal gosto... Em alguns países, por exemplo, não se preocuparam em salvar as vidas dos pais e avós das crianças. Olha que absurdo!

Conhece a Itália? Ela é conhecida pela pizza e o macarrão, você gosta? Pois então, lá foi o primeiro país que um monte de gente ficou doente, depois da China. E eles não queriam parar de trabalhar e ganhar dinheiro. Decidiram “varrer o problema para debaixo do tapete” como diz o ditado, e fingir que nada estava acontecendo. Adivinha o que aconteceu?

Ignorar ou mentir sobre um problema só faz o problema piorar. Um monte de gente começou a ficar doente. Até não ter mais vaga nos hospitais. Aí, eles decidiram que quem tinha mais idade não ia poder se tratar no hospital. E um monte de vovozinhos faleceu. Se fosse a Sofia, ela ia ficar sem as comidas e sem as histórias que ela gosta, e sem os abraços mais gostosos do mundo, que são os abraços dos avós dela...

E os Estados Unidos, você conhece? Lá é o país da Disney e do hambúrguer, você gosta? Pois então, lá eles decidiram que quem pode pagar para se tratar, paga. Quem não pode, não tem direito a se tratar, e se dá mal. Por lá também tem várias histórias de gente que fica doente ou se acidenta e decide ficar em casa pra não gastar muito dinheiro. É injusto! Teve uma história de um homem que recebeu uma conta de 5,5 milhões de reais. Se fosse o pai da Sofia, que ganha um salário mínimo, ele ia ter que trabalhar 438 anos só pra pagar a conta!!! Ninguém vive esse tempo todo... A Sofia ia passar a infância dela sem passear, sem ganhar brinquedo novo e sem sair pra comer fora. Já pensou?

Mas aqui no Brasil a gente construiu uma política diferente. Quando eu ainda era criança, o pessoal inventou um negócio muito legal. O nome é comprido, Sistema Único de Saúde, mas

geralmente a gente chama pelo apelido: SUS. O SUS foi criado, porque saúde passou a ser considerada direito de todos e dever do Estado na nossa Constituição. O ano era 1990, no século passado! Ninguém nem imaginava o corona ainda.

Acho que você já conheceu o SUS. Você lembra se tomou umas gotinhas de vacina no postinho de saúde aí perto da sua casa? Lembra do Zé Gotinha? Será que seus pais tem um livrinho chamado “Caderneta de Saúde da Criança”?

A Sofia tomou as vacinas e tem esse livrinho. Quando ela teve meningite, o pessoal do SUS tratou e curou, e quando ela quebrou o braço, o pessoal do SUS consertou. A mãe da Sofia pega a bombinha da asma no posto e o pai pega insulina para cuidar da diabetes. Os avós dela tomam um montão de remédios e eles pegam também de graça. E não é só da Sofia não. Ela tem vários amigos, como a Sara, a Mariana, a Andrea, a Fernanda, a Janini, o Pedro, o Daniel. Todo mundo vacinado, crescendo saudável e com pais e avós cuidados sem gastar dinheiro.

Esse tal de SUS está em todos os lugares. Pensa em qualquer cidade aqui do Brasil que você conheça. Pensou? Lá tem profissional de saúde do SUS cuidando das pessoas, de graça. Se você está com alguma alergia, ou com tosse, ou com dor de barriga, vai ter um profissional para cuidar de você de graça pertinho da sua casa. E olha que muitas vezes eles vão até visitar você pra saber se todos que moram na sua casa estão bem!

E isso acontece porque a sociedade brasileira decidiu que a política dela é que todo mundo tem direito à saúde, e que é dever do Estado brasileiro garantir isso. Já passou por 15 eleições e continua de pé, salvando vidas. Não importa se você é menino ou menina, se você é branco ou negro, se você é gordinho ou magrelo, se você é Corinthians ou Palmeiras, se você gosta de amarelo ou de azul, todo mundo tem esse mesmo direito. E isso é incrível!

Voltando a 2020. A pandemia começou a se espalhar no Brasil, ficou todo mundo dentro de casa, maior chatice, mas era pra se proteger. No começo, a Sofia achou divertido não ir pra escola, mas logo ela cansou. E ficou muito triste de não poder visitar os avós

por meses. E ficou com saudades sem encontrar os amigos dela. E sem poder abraçar. Essa doença é muito chata mesmo. Como você se sentiu de ficar sem ir na escola? E de ficar só em casa?

E aí a gente vai conhecer os outros heróis dessa história. Sabe quem são? Eles não usam capa, mas usam jaleco. São os profissionais de saúde do SUS! Enquanto você estava brincando, tinham muitos desses profissionais salvando avós internados com COVID. Enquanto você estava comendo um lanche, enquanto você estava dormindo, enquanto você fazia o dever de casa, lá estavam eles, trabalhando para salvar vidas. Merecem palmas e muita valorização, não acha?

A tia da Sofia é enfermeira de UTI em um hospital do SUS. Nesse período, ela trabalhou demais, até ficar muito cansada. Tinha até umas marcas de machucado nos olhos de tanto usar um óculos especial. Foram mais de 6 meses sem se encontrarem, mas sempre faziam vídeo chamadas. A tia chorava nesses momentos. Às vezes dizia que era saudade, às vezes dizia que estava triste porque um paciente dela tinha falecido.

Em junho, o avô da Sofia foi internado com corona em outro hospital do SUS. Ficou todo mundo preocupado. A Sofia, que conversava com ele às 3as, 5as e domingos pelo celular, de uma hora pra outra não podia mais ligar. O vô Chico tinha as melhores histórias e ela queria ouvir mais. Sempre tinha novidade com ele. Os médicos disseram que era preocupante pela idade: 68 anos.

Depois de duas semanas ligaram para a família se despedir. Estava todo mundo muito triste. Mas, de repente, de uma hora para outra, o Chico melhorou. Graças à dedicação e trabalho dos profissionais do SUS! E depois de 1 mês ele voltou pra casa. Teve até festa virtual para comemorar a recuperação dele. Foi uma alegria só.

Uns dias depois, a mãe da Sofia explicou pra ela que muita gente não teve a mesma sorte do vô Chico. Em outubro de 2020, 150 mil pessoas não tinham conseguido sobreviver no Brasil por causa do corona. Explicou que tinha acontecido com a avó da Fernanda e com o pai do Daniel. E que se não fosse o SUS e os profissionais de saúde e os cientistas, podia ter sido muito pior.

A gente vive uma época em que tentam nos ensinar que é cada um por si. Mas isso é muito triste, porque a gente esquece dos nossos irmãos, nossos amigos, a gente esquece da importância de pensar neles, de cuidar deles. E aí, quando a gente precisa de ajuda, eles também esqueceram da gente. Fica cada um “no seu quadrado”, triste e sem amigos. O Milton Nascimento tem uma música que fala disso²

O menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
Pois não posso
Não devo
Não quero
Viver como toda essa gente
Insiste em viver
E não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia, bola de gude
O solidário não quer solidão

Na pandemia isso ficou muito claro. Até se eu for egoísta e só pensar na minha saúde, pra eu não ficar doente, eu preciso cuidar dos outros e preciso que os outros cuidem de mim. Com o covid, se outra pessoa fica doente e não usa máscara ou não toma cuidados de higiene perto de mim, ela pode me contaminar e eu tenho mais chances de adoecer. Mas a gente não deve ser egoísta, porque é muito triste viver em uma sociedade que ninguém ajuda ninguém.

O SUS pode ser uma espécie de escola pra gente entender como todo mundo sai ganhando quando a gente pensa no próximo, quando a gente trabalha pro coletivo, cuidando da nossa saúde, da saúde das outras pessoas e da saúde do meio ambiente. Todo mundo ajuda com um pouquinho e quem precisa vai usando.

² Se quiser ver o clipe: <https://www.youtube.com/watch?v=SAcEfo3MDZE>.

Juntos somos mais fortes. Nossos amigos, nossos parentes e nossos vizinhos precisam perceber isso!

Tem uma música do Chico Buarque que fala disso. Chama “todos juntos”³

Uma gata, o que é que tem? - As unhas
E a galinha, o que é que tem? - O bico
Dito assim, parece até ridículo
Um bichinho se assanhar
E o jumento, o que é que tem? - As patas
E o cachorro, o que é que tem? - Os dentes
Ponha tudo junto e de repente
Vamos ver no que é que dá
Junte um bico com dez unhas
Quatro patas, trinta dentes
E o valente dos valentes
Ainda vai te respeitar
Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
- Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer

E você?

Você concorda que cientistas e profissionais de saúde são heróis?

Você acha que devemos pensar uns nos outros ou é melhor cada um por si?

O que achou dessa história do SUS? Gostou?

³ Tem um clipe que pode ser assistido aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=BA550dgnb5U>

CARTA PARA ÓRFÃS E ÓRFÃOS DO COVID-19

Jacqueline de Souza Gomes

Maricá, 28 de setembro de 2020.

Ao ler esta carta, imagino que sua dor esteja menos pulsante, mas a saudade terá crescido enormemente. Escrevo de um passado de dor para seu futuro de saudade na esperança de poder compartilhar sentimentos de amor e para pedir-lhe perdão. Seu luto representa também o meu desejo de luto por esta humanidade repleta de inconsistências e desejos vis e egóicos. A experiência da pandemia de Covid-19 impôs à humanidade o confronto com o que ela tem de pior. A dívida que temos com você é incomensurável. Peço-lhe perdão pela ganância e pela corrupção que se instalou na gestão da saúde pública. Peço-lhe perdão pela falta de compaixão e empatia. Peço-lhe perdão pela negligência de cada um de nós com a saúde coletiva. Peço-lhe perdão por um Estado que não é protagonista na defesa dos direitos sociais, dos seus direitos, dos nossos direitos. Peço-lhe perdão por fazer do narcisismo o guia para nos relacionarmos com você e para desvalorizarmos a sua dor e a sua saudade.

Como nos disse o sociólogo Domenico De Masi, o vírus nos ensinou muitas coisas, mas isto não é o mesmo que dizer que iremos aprendê-las. De Masi enfatiza, ainda, que, ao invés de nos combatermos uns aos outros, deveríamos nos unir rumo a combater este vírus que nos é comum. Eu vou além... deveríamos nos unir para resgatar em nós a humanidade que há muito parece ter se transmutado (ou se esvaído) em nossas relações uns com os outros. O vírus que avança é muito mais devastador do que estes que não vemos. Ele corrompe, há anos, a estrutura das sociedades em que vivemos. Ele nos corrompe a humanidade. E nós não só o

vemos como o alimentamos diariamente com comportamentos que reforcem seu poder. Por isto peço-lhe perdão também. Não posso garantir que iremos aprender, mas quero-te dizer que podemos tentar. Por você. Por nós. E é neste sentido que pretendo seguir. Esta é uma carta que também é convite para que se junte a mim.

Este vírus ao qual me refiro se alimenta do que em nós esvaziamos. Vivemos vidas vazias de generosidade e cheias de bens materiais. Vivemos vidas vazias de respeito e cheias de juízos que condenam os que não cabem em “nossa caixinha” de valores morais. Vivemos vidas vazias de inclusão e cheias de exclusão daqueles que nos são “incômodos” (sequer ousamos falar sobre eles, aliás). Vivemos vidas vazias de amor e cheias de ódio contra quem impede o avançar de nossos próprios interesses. Vivemos vidas vazias de luta e cheias de críticas pelas lutas que deveríamos encampar. Vivemos vidas vazias de quem somos e cheias do que representamos ser (talvez nem saibamos mais, de fato, quem somos, aliás). Ainda, como De Masi, este vírus nos está ensinando a diferenciar o necessário do supérfluo. Mas o necessário também nos causa angústia.

Uma das maneiras de lidarmos com a angústia é negarmos aquilo que nos causa medo. Assim, muitos tenderam a negar o coronavírus, como muitos ainda negam o esvaziamento de nossa humanidade. Vivemos medos intensos e os negamos para evitar o sofrimento. Contudo, é indispensável o esforço coletivo de amadurecimento, reconhecimento e enfrentamento desses medos. Sem isto, rumamos à autodestruição. Já Max Weber, outro sociólogo que está longe de ser consenso quanto ao valor de seus ensinamentos, nos alertava para a necessidade de desencantamento do mundo. Ainda que a Europa de Weber não seja propriamente o mundo, com as globalizações, experimentamos uma pulverização de necessidades de desencantamentos e, conseqüentemente, de reforma de pensamentos que nos esvaziam a humanidade.

Peço-lhe uma chance de te acolher, ao menos por um instante, como filhas e filhos. O que nos une não são nomes, não são rótulos,

não são profissões, não são sequer corporalidades. Nos unimos pela dor e pela esperança. Nos unimos pela dor que nos aprisiona a alma, dilacerada pela ausência de tantos amores que perdemos. Nos unimos pela esperança de que a humanidade possa se recompor após esta crise sanitária que nos abalrou em muitos de nossos sonhos e que expôs angústias, desencantos e ausências. Ainda assim, como otimista que sou, penso ser possível nos “reencher” daquilo que nos esvaziamos. Penso que estes vírus invisíveis que nos assolam ao longo da história podem também ser a cura para o vírus que é alimentado pelo esvaziamento de nossa humanidade.

Por isto, te ofereço meus sonhos, minha esperança, minha fé, minha saúde, minha vaidade, minha fortaleza... Te ofereço o que é meu para que se torne nosso. Te ofereço o melhor que posso ser, mesmo repleta de imperfeições, e, a cada dia, te digo que me esforçarei para que, mesmo com toda a dor pela saudade que ainda sentimos dos nossos amores que partiram, nossa humanidade não se esvaia como água pelo ralo do mundo. Mundo que é um lugar para sermos unos e difusos, sãos e loucos, bons e maus... e, ainda assim, sermos humanidade. Humanos, sem dicotomias. Humanos, com dicotomias. Simplesmente humanos. Tornemo-nos humanos, demasiadamente humanos, em comunhão. Plenamente preenchidos com amor e potência.

Com afeto,
Jac.

CARTA DA CRIANÇA DE QUEM DESCENDO

Antonio Teixeira Lima Junior

Biografia

Todo o meu nascer
foi prematuro.

Agora,

Em meus filhos

Me vou dando às luzes.

Descendo, sim,

Dos que hão de vir.

Mia Couto *in* [poemas escolhidos], 2016, p. 27

O corpo ainda não estava preparado quando nasceste. No mesmo instante em que viestes ao mundo já estavas pronto para ir embora. A vida que mal cabia em si amedrontara-se com a força estranha do exterior que visitavas. Com medo, pensavas de novo retornar à presença de uma breve lembrança que não se demorou e foi-se embora. Mas a morte que lhe fora predita logo após seu nascimento gerou desespero e grito. E desse grito externo que te negava a despedida surgiu um novo empuxo. Respirou fundo... tentou mais uma vez engolir o ar que lhe faltava... respirou... respirou mais uma vez... contrariando a ciência e a descrença, você respirou.

Desde então te dedicaste a subir escadas e ladeiras, tuas reincidentes moradas. No alto, pensava, poderias conviver com o ínfimo ar que faltava, ao passo que já estarias voando com os pés ao chão. Assim você daria conta de sua inadaptação inicial ao mundo. Sem perceber, já havias construído mundos outros para onde poderia se abrigar quando chegasse o tempo de confinar-se na quarentena em que já vivias no interior de suas próprias fronteiras. Forma machadiana de fazer do menino o pai do homem, evadindo-se em suas próprias memórias.

Fez da ocupação de teus próprios desertos o mais primordial dos ofícios. Assim pouco te faltaria, povoado que estavas de imaginações entremeadas nas milhares de camadas de teus silêncios. Sabias, ainda criança, que a consciência seria a última fortaleza de tua liberdade.

Saíste de tua cidadezinha e encontraste o ar hostil dos edifícios. Apequenado pelas longas sombras debruçadas sobre o asfalto, ocupaste as frestas da rua para fazer do teu corpo infantil um anteparo aos ventos que vinham junto com o mar. Marejado pelas microgotículas de água salgada que te aldeavam, imaginavas tua casa como o atracadouro de uma embarcação.

Com o tempo teus pés fizeram crescer a cidade, agora esvaziada. Já andaste por tantos lugares que me perdi nos volteios do teu mapa particular de estradas solitárias... como essa em que te encontras agora, um tanto alheio à tua própria vontade. Lembra então que espreitaste portas que sequer imaginavas que estavam abertas à tua presença. Agora tudo está fechado, mas já sabias que fechar a porta podia ser uma outra forma de abrir espaço.

Os tempos são outros. Há tanto medo no ar denso de todos os dias. Te olho hoje e aquele empuxo de vida parece ter sido sugado pelo obituário diário que estampa os jornais. Desde então te dedicas a esticar o mundo da cidade pequena onde vivias, à procura daqueles quadrados desenhados a giz no chão da rua que saía do número um e nos conduzia ao céu com meros oito pulinhos de uma só perna. Era assim a visagem de tua janela, traquinando com teus comparsas.

Recolhido à casa por uma ameaça invisível que a tudo assombra, repousas resignado a um compasso de espera que parece não ter fim. Recostado à mesa, redesenhas o risco torto e inacabado do que estás vivendo. Alimenta todos os dias a memória do que não viveu para viver de si mesmo.

Observas o tempo. Dirige-se à varanda à espera do Sol, derramando sobre a superfície sua presença quente e luminosa. Tomas para si o livro que nunca abrira e recostas ao peito. Acessas

o silêncio que mora entre uma linha e outra, entre uma palavra e outra palavra. Deita-se para adormecer a pressa.

Nos últimos meses tu tens reconhecido inúmeras vozes e sotaques de vários lugares. Todas de telemarketing. Imaginas o lugar onde aquela voz mora e respondes educadamente apenas para estender a conversa ao telefone. Dali também emergem as músicas aleatórias de um aplicativo. Entre músicas e sotaques, fazes do ouvido o palco de grandes encontros que nunca aconteceram. Foi assim que aprendeste a povoar a casa de tempos cruzados e dos desejos guardados pela força esmagadora das circunstâncias.

A vida nos pegou nesse tempo em desatino. Te vejo mergulhado na suspensão de uma passagem que constróis diariamente. Escutas as águas que cortam lentamente o esmalte e que passeiam pela tua pele. Elas deslizam de forma flexível e curvilínea, esculpindo despretensiosamente as mais duras superfícies enquanto as serpenteia. Em sua própria casa, recordas do frescor nas margens do rio, onde podes descansar entre os peixes que bicam seus pés. Ali onde nem fome sentes, saciado de estar.

Moro nesta pausa... Filiado a esse compasso de espera, aguardo ansiosamente pelo teu nome cravado em meu registro. Para deixar esse mirante de onde te observo... para ser o corpo que cuidas em deriva sobre o chão da cidade.

Sim, eu bem sei de seu medo. Hoje mal nascem as pessoas e nos deparamos já com a terra se abrindo em fome. Como se o céu descesse suas nuvens levando consigo o que não teima em ir embora. Reservas a estes a morada eterna de tuas fantasias vivas que dançam na rua e se embebem das águas que te aprazem.

Fostes incumbido de escrever uma carta para o futuro. Mas sua crença repousa apenas nos milagres da vida presente, como essa escrita infantil dissolvida no sonho de um corpo de 39 anos. Surrupiastes tuas próprias palavras, duplicando-se para recostar o ouvido à tua própria escuta.

Derivas pelas paisagens onde não permitiste enterrar tua infância para ser uma imaginação ventríloqua fundindo criador e

criatura. Existes para emergir como descoberta em consumação no encontro dos tempos que convidarás um dia para habitar a tua casa. Esperas essa duração... e em breve me desprenderei de ti para nascer de forma derradeira e incontornável em tua própria vida.

QUEM SÃO AS ORGANIZADORAS?

Ana Muniz é professora, psicóloga e mãe de Heitor, um mocinho que, com apenas cinco meses de vida, é capaz de descompassar coração, fazer doer couro cabeludo, deixar pernas bambas e pés em busca de chão. Na vida pré-Heitor, Ana se dedicava ao estudo de línguas e suas literaturas, além de dividir espaço no peito com sua paixão pela psicologia e educação. Já nos tempos pós-Heitor, ela tem caminhado por lugares assustadoramente incríveis e passado por desafios prazerosos, ainda que complexos a beirar insanidade, que lhe foram e são apresentados pela maternidade. De mãos dadas com Fernanda e Cristiana, Ana acredita que a escrita encharcada de afeto vira memória indelével.

Cristiana Callai é mãe da Isis, 4 anos, pedagoga e professora. Afirma que a maternidade foi uma experiência visceral. Essa mãe recém-nascida precisou das palavras para compor um corpo novo, forjar uma outra existência. A sua primeira escrita literária foi “Combatentes no nascimento”, depois outras obras foram inscritas no corpo e no papel. Assumiu a dimensão poética como um posicionamento político frente ao mundo. É apaixonada por Manoel de Barros! Aceitou o convite da Fernanda para compor essa rede de escrita testemunho dedicada às nossas crianças.

Fernanda Insfran, mãe, psicóloga e professora, sempre valorizou memórias. Por muito tempo seu hobby foi fotografar para poder compartilhar memórias coloridas de encontros (sempre com muitos abraços aglomerados) e lugares incríveis visitados que ela sempre quer apresentar para todo mundo! Depois do João Marcelo, seu filho de 3 anos, as memórias passaram a ser escritas

também. Desde os primeiros dias do JM, Fernanda tem escrito cartas públicas onde narra acontecimentos importantes para que o filho possa ler no futuro. E assim surgiu a ideia de organizar esse livro pois, mesmo com as mil demandas que o isolamento social e o trabalho remoto tem nos imposto, não podíamos deixar de registrar e compartilhar as experiências únicas (preenchidas por um turbilhão de sensações e sentimentos) vividas nesta pandemia.

QUEM SÃO AS/OS AUTORAS/ES?

Albert Fochi Nogueira Insfran é pai do Marcus e da Giulia, engenheiro de manutenção hospitalar. Desde o fim de 2019 morando em Guarulhos-SP, longe da família, dos seus amigos e da sua terra natal! Durante a pandemia, seu principal hobby tem sido cozinhar/inventar pratos diferentes aos finais de semana pra família!

Aline Deus da Silva Leite é mãe da Gabriela e psicóloga. Atua em consultório particular e no Sistema Único de Saúde, trabalhando em defesa de um SUS público, gratuito e de qualidade. Nasceu e foi criada em Duque de Caxias/ RJ, onde vive com a família. Adora viajar e estar em meio à natureza.

Aline Valente é avó da Júlia e do João Gabriel e professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Acredita em toda forma de arte como espaço de resistência. É apaixonada por literatura desde criança. Ganhou de presente junto com os netinhos a oportunidade de resgatar a criança que se perdeu um dia.

Ana Carolina Brasil é mãe, feminista, professora de geografia, especialista e mestra em educação. Adora cozinhar, pedalar e ler.

Anabela Almeida Costa e Santos Peretta é mãe da Isis que tem 10 anos, psicóloga e professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Desde 2008, mora em Uberlândia, distante do restante da família. Gosta muito de música e depois dos 40 anos começou a dançar ballet.

Aníliá Francisca Mércio da Silveira é mãe de primeira viagem de Luz Marine que nasceu no meio da pandemia. É professora de Artes Cênicas do município do Rio de Janeiro e está super envolvida com sua mais nova produção: cuidar de uma vida recém nascida no meio do perecimento de tantas outras vidas que se foram com a COVID-19 no ano de 2020.

Antonio Teixeira Lima Junior é graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense e doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR-UFRJ. O que tem de mais precioso, porém, não é matéria de currículo. Na vida se considera um estagiário. Apaixonado por Manoel de Barros, procura em suas intermináveis infâncias a luz no fim da quarentena. Pensa que um dia habitará numa frase.

Bruna Brandão Velasques é mãe do Diego de 1 ano e 7 meses, psicóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 2019 tem aprendido muito e se transformado com a maternidade. Ama o seu trabalho e a natureza. Surfista e bailarina, apesar de estar afastada da prancha e das sapatilhas há um tempo.

Caroline Gonçalves Silva Mendes é ex professora de inglês e atualmente se dedica a ser mãe da pequena Cecília em período integral. Desde pequena adora ler e escrever e encontra nas palavras o seu refúgio. Mora no México com seu esposo e sua filha, mas estava no Brasil quando a pandemia atingiu a América Latina. Voltou pra casa para quarentenar por lá.

Cleiberson dos Santos Paulino é Preto, Quilombola, estudante de Biologia da Universidade Federal de Goiás, amante de cachoeiras, músicas, livros e séries. Nas horas vagas, gosta de cozinhar e acredita que toda forma de amor é válida.

Denise Barbosa Vasconcelos é produtora de audiovisual e de brincadeiras divertidas. Tia de seis meninos e torcendo para a próxima ser uma menina. Dança sem saber dançar e tem vasto repertório de saltos na piscina e de música brasileira que criança gosta.

Elaine Pacheco é mãe do Theodoro (Theo) e do Matheus. Pedagoga que desde 2018 atua em uma ONG no complexo do Borel/RJ. Durante a pandemia além de ficar com a família usou seu tempo para apreender a fazer pão com o marido.

Elisângela da Costa Lima é mãe do Benjamin (de 1 aninho e 8 meses). Nasceu em Barra Mansa e mora no Rio, desde 1999, onde se formou como farmacêutica, sanitária e montanhista. É professora e pesquisadora da UFRJ. Ama viajar e ouvir música. Acredita na educação e na urgência do combate ao racismo e o sexismo.

Emilly R. M. Oliveira é mãe do sapeca Thomaz de 2 anos, professora, adora uma boa conversa e rir, rir muito! É de Colatina (ES), mas mora em Bom Jesus do Itabapoana RJ há 10 anos. Nem imaginava que sabia escrever um texto que não fosse técnico, mas aceitou com muita timidez o desafio de escrever uma carta para seu pequeno. Estava insegura, mas ao terminar sua carta, se sentiu muito realizada! Sente-se agradecida pela oportunidade de colocar seu coração em palavras!

Erilza Faria é uma tia apaixonada por seus sobrinhos Eduarda, Gabriel, Miguel e Catarina. Psicóloga, especializada em Saúde Mental e Mestre em Ensino, vê em seu trabalho a possibilidade de ajudar na de mudança de vidas para melhor. No primeiro período da quarentena descansou, brincou, assistiu filmes e fez bolos com os pequenos. Depois, mesmo tendo voltado à uma rotina de estudos e trabalho, não deixa de tirar um tempinho para curtir com eles que são fonte de amor e alegria e que a estimulam a lutar por um mundo melhor.

Ivana da Silva Millán de Castro é filha, professora e tradutora, mãe de Olivia e Leandro, e esposa do José Manuel. Carioca, mora há mais de 12 anos em Lima, Peru, onde passou pela pandemia da covid-19 com seus dois filhos e marido.

Jacqueline de Souza Gomes é mulher, mãe dos adoráveis e amados Miguel e Júlia, professora universitária que mais aprende que ensina e que ainda sonha em "mudar o mundo" e encontrar o que "vai ser quando crescer".

Jean Carlos Miranda é pai da Manuela, que tem 9 anos, biólogo apaixonado por peixes (os animais mais incríveis que existem! rs...) e professor da Universidade Federal Fluminense. Tem certo ciúme de seus livros, adora ir ao cinema, pratica corrida de rua e, sempre que pode, faz trilhas.

Juliana Crespo Lopes é psicóloga de gente pequena e educadora de gente grande. Senta na mesa e no chão com facilidade, achando difícil sentar em cadeiras, com os pés próximos ao chão. Uma sulista-candanga-carioca que adora ser a tia Ju de sangue, de coração e de profissão.

Leandra de Fátima S. Neiva é uma zelosa mãe e avó, mora em Brasília/DF há 2 anos e dez meses em meio a superações diversas, pois sente muita falta e saudades dos familiares que moram longe. Sente que está perdendo as melhores fases da infância da netinha de 4 anos, mas teve que ir para a cidade (Brasília) buscar recursos para a família. Sente vontade de ter uma casa e condições de ajudar a criar as queridas netas, em todos os aspectos não só financeiramente. Queria ensinar um tantão de coisas legais, aprender com elas, enfim, ser avó.

Leonardo de Oliveira Muniz é pai, marido, professor pela Matemática e marceneiro amador. Tem se encontrado nas letras, onde consegue expressar e descrever sentimentos por meios de textos (auto)reflexivos.

Liana Fochi é avó de João Marcelo e Giulia. Morando em Araruama, Estado do RJ, professora e bióloga aposentada, atualmente trabalhando na Fazenda Monte Olimpo na produção de orgânicos, uma importante realização durante a pandemia, já que faz delivery de comida saudável para a região.

Lira de Oliveira Castro é gaúcha que mora no Rio de Janeiro há 18 anos. Mãe de Maria, jornalista, produtora de audiovisual e festeira profissional. O nascimento de Maria contribuiu para aflorar ainda mais, uma criança inquieta e imaginativa que adora brincar com as palavras. Acredita que a Literatura Infantil seja semente do bem, para a formação de adultos com mais humanidade. O Monstro Invisível é seu primeiro livro.

Ligia Portugal Gomes Rebello além de mãe, é mulher, professora, dona de casa, filha, amiga... (as funções são infinitas!). Gosta de ler, escrever, cozinhar e se conectar com a família, mora em Guarapari-ES.

Mônica Francisco é cientista social, formada pela Uerj, deputada estadual pelo PSOL-RJ e avó de Antônio.

Monique Teixeira Crisóstomo é mãe do Davi, um menino lindo de 3 anos de idade, professora e adora escrever. Mora em Bom Jesus do Itabapoana e se dedicou ainda mais ao filho no período da pandemia.

Palloma Beatriz Maia Botelho Aguiar é mãe do João Gabriel, esposa, assistente social e professora de LIBRAS. Ama a doçura e a poesia e mora em Itaguaí -RJ.

Rosiene Francisco dos Santos é Quilombola, Menina, Mulher. É tanta coisa que não cabe em rótulos. Kalungueira que permeou duas universidades criando pontes e inquietudes. Aquela que voa pelo mundo que honra aqueles que vieram antes. Acredita que a natureza nos ensina o tempo todo ser resiliente e a ter amor. Ubuntu!

Rubens Bias nasceu em São Paulo e mora em Brasília. É psicólogo e servidor público. Defende a ciência e o SUS. Já trabalhou com saúde das crianças no Ministério da Saúde.

Rui Harayama é pai do Ravi, com 6 anos. Saiu de Diadema, em São Paulo, para o mundo. Já morou em tantos locais, mas desde 2017 chama Santarém de lar, e dá aula no Instituto de Saúde Coletiva na Universidade Federal do Oeste do Pará. Quando pequeno queria ser artista plástico, mas acabou virando um arteiro.

Saulo Amorim já é pai do Teodoro e ainda aguarda a Leonor. Carioca, gay, blogueiro e advogado, acredita que o segredo da felicidade está em um ambiente familiar respeitoso, amoroso e acolhedor. Por isso, mesmo em isolamento, permanece escrevendo sobre paternidade e se dedicando voluntariamente à preparação e acompanhamento de famílias no processo de adoção, bem como ao empoderamento de famílias LGBTI+.

Silvio Lima é pai do Theodoro (Theo) e do Matheus. Historiador, desde 2013 é professor da UFF. Durante a Pandemia aprendeu a fazer pão com sua companheira, com quem também começou a fazer exercícios físicos.

Tâmara Marques é mãe de Selton, professora, recifense e adora ler, escrever e ouvir uma boa música nas horas vagas. Durante a pandemia tem tentado conciliar ainda mais as demandas do trabalho com a rotina em casa.

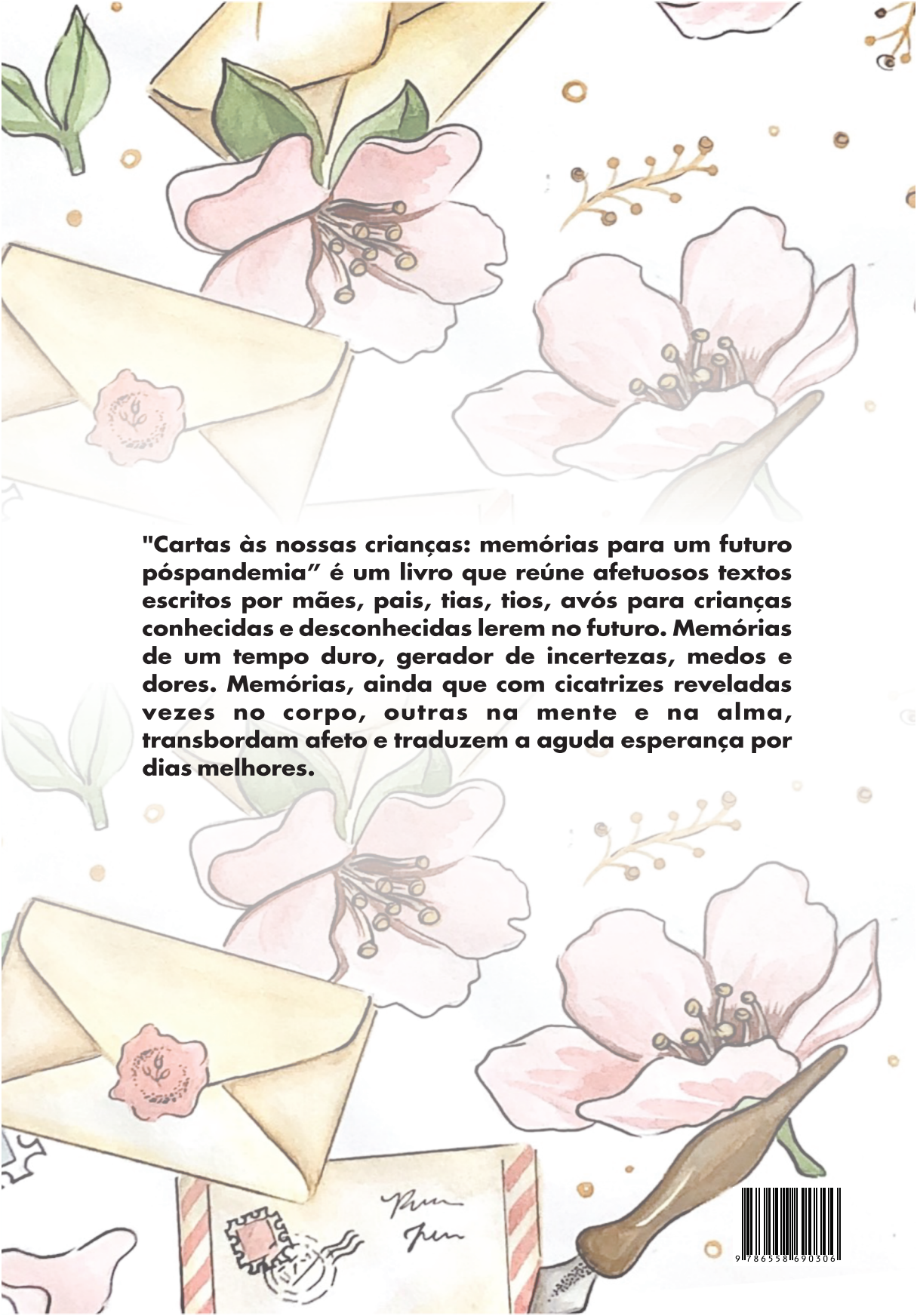
Thiago Soares de Freitas Rebello é um pai super dedicado e presente. Por formação é dentista, ama ler, se exercitar e curtir a família, mora em Guarapari-ES.

Vania Graciano é mãe da Anna Luísa que tem 13 anos. É psicóloga e militar do Corpo de Bombeiros. Ama poesia e pintura em tela. Para ela, pintar e escrever poesias é como levar a alma para passear em jardim florido. É carioca apaixonada pelo Rio, onde vive com a família.

Welitânia de Oliveira Rocha é filha de Quebradeira de Coco Babaçu, Professora e Educadora. Morando em Brasília desde 2017, mas com o coração nas travessias que os rios e os mares percorrem. Do Maranhão para o Tocantins, de Brasília para todos os cantos. “Com as rezas de vovó e os poderes das raízes nas veias e no coração”.

YA Obadeyi Carolina Saraiva é mulher, negra, psicóloga, vive e sobrevive com luta, não só, mas também a antimanicomial. Chamaram-na Carolina, renasceu Obadeyi, filha de Carmozina e Seu Pimenta, mãe de Olayemyi Mariana, zeladora e filha de Orixá. “Me sinto como as águas doces de Osun, lugar de encontros e reencontros”.

Zoia Ribeiro Prestes é mãe de Dianne e Anna Cecilia e avó de Ariel. Professora da Faculdade de educação da Universidade Federal Fluminense. Mora no Rio de Janeiro, mas já residiu em São Paulo, Moscou, Volta Redonda, Brasília. Admiradora da arte. Acredita numa sociedade socialmente justa e livre da exploração e da opressão. Adota o lema de Oscar Niemeyer que diz: enquanto existir miséria e opressão, ser comunista é nossa decisão.

The background features a soft, watercolor-style illustration. It includes several yellow envelopes, some with pink wax seals. There are large, delicate pink flowers with visible stamens and green leaves. A postcard is shown at the bottom with a red and white striped border, a square stamp, and the handwritten words "Para" and "Para". A wooden-handled tool, possibly a postmark canceller, is positioned at the bottom right. The overall aesthetic is gentle and nostalgic.

"Cartas às nossas crianças: memórias para um futuro pós-pandemia" é um livro que reúne afetuosos textos escritos por mães, pais, tias, tios, avós para crianças conhecidas e desconhecidas lerem no futuro. Memórias de um tempo duro, gerador de incertezas, medos e dores. Memórias, ainda que com cicatrizes reveladas vezes no corpo, outras na mente e na alma, transbordam afeto e traduzem a aguda esperança por dias melhores.



9 786558 690306